

Universidade de Brasília  
Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Orientador: Reinaldo Guedes Machado  
Aluno: Marcelo Teixeira

## **DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**“Presença Incômoda: corpos dissidentes na cidade modernista”**

Marcelo Augusto de Almeida Teixeira

Brasília 2013

MARCELO AUGUSTO DE ALMEIDA TEIXEIRA

“Presença Incômoda: corpos dissidentes na cidade modernista”

V.1

Dissertação apresentada ao Departamento de Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Mestre em Arquitetura e Urbanismo

Área de concentração: Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo

Orientação: Professor Reinaldo Guedes Machado

Data da defesa: 25 de julho de 2013.

126 paginas

Brasília, 2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

TEIXEIRA, Marcelo A. de A. “Presença Incômoda: corpos dissidentes na cidade modernista”. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, 2013.

1- Urbanismo- sexualidades – Brasília – arquitetura

**Agradecimentos:**

Aos professores Reinaldo Guedes Machado e Luciana Sabóia pela inestimável contribuição.

A Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília por ter me recebido.

Ao CNPq por colaborar em meus estudos.

A minha família: ao meu saudoso pai, pela valorização do estudo e pelo exemplo de vida deixado. À minha incansável mãe em suas pesquisas históricas e por todo o seu irretribuível apoio. Aos meus sempre presentes irmãos, pelo exemplo de formação cultural e pelas lembranças das brigas e brincadeiras da infância.

*(...) most architectural theories still presume that the body and gender, racial and sexual identities are given, that they exist before architectural practice starts. But, from a critical biopolitical perspective, it is the able or the disabled character of the body - its very materiality – that is reconfigured, produced and reproduced through spatial conventions and architectural regimes.”*

Beatriz Preciado

## Resumo

TEIXEIRA, Marcelo A. de A. **Presença incômoda: corpos dissidentes na cidade modernista**. 2013. 126 pgs. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura, Universidade de Brasília, 2013.

Cidades e corpos seriam recíprocas nas suas configurações, em uma relação complexa de limites instáveis na qual a sexualidade dos corpos teria importância na conformação de subjetividades corpóreas e de espaços urbanos. Corpos seriam impactados pelo ambiente construído, que, por sua vez, seriam moldados pelos corpos sexuados sob a atuação de diversas forças, como capitalismo, heteronormatividade e repressão sexual. Essas forças não só configurariam as identidades corpóreas, mas também larga escala de espaços, desde os domésticos e os urbanos aos geopolíticos internacionais. O trabalho, a partir de uma fundamentação multidisciplinar, pretende investigar de que maneiras a sexualidade poderia ser abordada na concepção, análise e crítica de espaços urbanos e arquitetônicos e que implicações em relação à sedimentação de subjetividades sexuais o ambiente construído poderia ter. Traçando uma genealogia que remete às preocupações morais, sexuais e espaciais dos utopistas do século XVIII, passando pelo Higienismo do século XIX até as diferentes abordagens da Arquitetura Modernista do século XX em relação às sexualidades, o trabalho tem como objetivo analisar Brasília (enquanto síntese do pensamento urbano modernista) pela perspectiva dos corpos dissidentes da heteronormatividade (como travestis, prostitutas e homossexuais masculinos) procurando identificar e analisar a geografia sexual dos espaços urbanos brasilienses apropriados por estes corpos, tendo como linha-guia memórias coletadas de homossexuais masculinos residentes no Distrito Federal. O trabalho defende que mudanças no projeto original do Plano Piloto de Brasília teriam permitido a apropriação de três grandes territórios pelos corpos dissidentes, como o Parque da Cidade, a Avenida W3 Norte e o Setor Comercial Sul. O trabalho conclui que o ambiente construído não seria neutro nos processos de sedimentação das subjetividades sexuais de indivíduos e que o próprio espaço construído seria impactado por necessidades de repressão sexual e procura de desejos eróticos.

Palavras chave: Brasília. Urbanismo. Arquitetura. Sexualidades. Homossexualidade.

**Abstract:**

TEIXEIRA, Marcelo A. de A. **Bothersome presence: dissident bodies in modernist city.** 2013. 160 pgs. Dissertation (MSc). Faculty of Architecture, University of Brasília, 2013

Cities and bodies would be reciprocal in its settings, in an unstable boundaries complex relationship in which the sexuality of the bodies would have importance in shaping corporeal subjectivities and urban spaces. Bodies would be impacted by the built environment, which, in turn, would be shaped by sexed bodies under the action of various forces such as capitalism, heteronormativity and sexual repression. These forces not only would configure bodily identities, but also wide range of spaces, from the urban to the domestic and international geopolitical. This work, from a multidisciplinary approach, intend to investigate the ways in which sexuality could be addressed in the design, analysis and critique of urban spaces and architectural and its implications related to sedimentation of sexual subjectivities built environment could have. Tracing a genealogy that leads to eighteenth century's utopians moral, spatial and sexual concerns, through the nineteenth century 's hygienism to the twentieth century 's Modernist Architecture different approaches of sexuality, this work aims to analyze Brasilia (while modernist urbanism thinking synthesis) from heteronormativity dissidents bodies' perspective (as transvestites, prostitutes and gay men) seeking to identify and analyze the sexual geography of Brasilia's urban spaces appropriated by these bodies, with a collection of Distrito Federal gay men living's memories as guidelines. The dissertation argues that changes in Brasilia's Master Plan would have allowed the appropriation of three major territories by the dissident bodies, as the City's Park, North W3 Avenue and South Commercial Sector. The work concludes that the built environment does not would be neutral in the individual's sexual subjectivities sedimentation processes and the built environment itself would be impacted by sexual repression needs and demand of erotic desires.

Key words: Brasilia. Urbanism. Architecture. Sexualities. Homosexuality.

## **Sumário:**

### **1. Prefácio**

- 1.1. Memória e vozes de corpos dissidentes 1
- 1.2. A voz do arquiteto 4
- 1.3. . A voz do militante 5

### **2. Introdução**

- 2.1. Panorama 7
- 2.2. Interesses e objetivos 16
- 2.3. Métodos 19
- 2.4. Problemática e revisão da literatura específica 21
- 2.5. Estrutura 24

### **3. Da cidade aos corpos**

- 3.1. Cidades e corpos 28
- 3.2. A repressão sexual: dos corpos aos espaços urbanos 34
- 3.3. Homossexualidades masculinas e cidades 40
- 3.4. Os espaços abjetos das cidades 48
  - 3.4.1. Saunas 50
  - 3.4.2. Parques 51
  - 3.4.3. Os armários da cidade 56
  - 3.4.4. Banheiros públicos 57

### **4. Das utopias aos corpos modernos**

- 4.1. Utopias sexuais 60
- 4.2. Da utopia higienista à moderna 62
- 4.3. Ruas corruptas *versus* vias higiênicas 67

### **5. Brasília, seus espaços e seus corpos**

- 5.1. Do corpo ao país 71
- 5.2. Breve contexto sexual dos anos 50 72
- 5.3. Um projeto de experimentação urbana (e sexual?). 75
- 5.4. Corpos foras dos Eixos: A geografia (homo) sexual de Brasília 76
- 5.5. Corpos dissidentes e espaços abjetos brasilienses 84
- 5.6. Conic: de embaixadas a território sexual domesticado 94
- 5.7. Avenida W3 Norte 109
- 5.8. Parque da Cidade 120



5.9. Setor Comercial Sul	129
5.10. Paisagens heterossexuais?	135
<b>6. Considerações finais</b>	<b>141</b>
<b>7. Bibliografia</b>	<b>151</b>

## 1) Prefácio:

### 1.1) Memórias e vozes de corpos dissidentes:

*“A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista: é também um instrumento e um objeto de poder<sup>1</sup>”.*

Jacques LeGoff

*“O homem não termina com os limites do seu corpo (...). O âmbito da pessoa é antes constituído pela soma de efeitos que emana dela temporal e espacialmente<sup>2</sup>”.*

Georg Simmel

Muito dessa dissertação surgiu de minha experiência profissional como arquiteto e militante da diversidade sexual, de maneira que falar em meu próprio nome, neste trabalho, “*não é necessariamente falar em primeira pessoa no singular*”<sup>3</sup>. Acredito que, nessa dissertação, haverá limites que serão ultrapassados, embarcando o texto em uma espécie de auto-etnografia, que, concordando com Denilson Lopes, seria “*a forma mais eficiente de transitar de uma experiência individual para uma coletiva*”<sup>4</sup>. Experiência e memória pessoal, auto-narrativa que sincronicamente seria a narrativa dos corpos dissidentes e dos espaços que os abrigam (espaços que aqui são o foco do estudo). Dessa forma, escrever sobre si mesmo seria escrever sobre alguns grupos de corpos dissidentes simultaneamente. Mas, conforme questionou Foucault, como falar de si mesmo ao mesmo tempo em que somos intermediados por uma série de discursos provindos de outras eras e lugares<sup>5</sup>?

A memória de si não seria isolada, dependendo do relacionamento que temos com instituições, grupos, família, religião e classe social de acordo com Eclea Bosi, convergindo para o questionamento de Foucault. Bosi também indica que a memória do indivíduo estaria amarrada a memória do grupo<sup>6</sup>, não sendo talvez possível delimitar com clareza aonde começa uma e termina a outra. A memória individual seria de certa forma uma construção social, um posicionamento dialógico entre a memória de quem

---

<sup>1</sup> LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990. P. 410.

<sup>2</sup> SIMMEL, Georg. **A Metrópole e a vida mental**. In. VELHO, Otávio Guilherme (Ed.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. P. 21

<sup>3</sup> LOPES, Denilson. **O Homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002. P. 254-255.

<sup>4</sup> LOPES, Denilson. Op. Cit. P. 248.

<sup>5</sup> FOUCAULT, Michel. **A Escrita de si**. In. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. P 129-160

<sup>6</sup> BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1979. P. 54-55

narra e a memória do grupo ao qual se pertence. A memória seria enfim, “*constitutivamente social, histórica, cultural e simbólica*”, não existindo uma “*memória puramente individual*” e sim um “*imbricamento de vozes sociais*”<sup>7</sup>, cabendo a quem narra a tarefa de gerenciar as múltiplas vozes que intermediam o escrever sobre si.

Dessa maneira, se a memória teria relações com outras instancias que agem sobre o indivíduo, não poderia ser a corporeidade e a sexualidade também um importante fator na formação do que se lembra? Qual a importância da corporeidade? Para Bosi, a presença do corpo seria constante na percepção que temos do mundo físico e social que nos rodeia<sup>8</sup>. Seria o corpo que nos ancoraria na experimentação da realidade: Para Berger e Luckmann o ser humano experimenta-se a si próprio como uma “*entidade que não é idêntica ao seu corpo*”, mas que teria um corpo ao seu dispor e oscilaria entre *ser* e *ter* um corpo<sup>9</sup>. Porém, corpos não seriam neutros, posto que teriam uma irreducibilidade sexuada. A corporeidade não poderia ser dissociada da percepção da sexualidade que um corpo teria de si: um corpo não poderia ser entendido como uma tela vazia, uma “*tabula rasa biológica*”<sup>10</sup> sobre a qual conceitos como masculino e feminino seriam indiferentemente projetados. Para Merleau Ponty tanto a sexualidade quanto o corpo em geral não seriam conteúdos fortuitos de nossa existência<sup>11</sup>. Assim, corporeidade e sexualidade estariam implicados na construção das memórias do grupo e do indivíduo.

E quando esse corpo seria um corpo “*dissidente*”? Trato aqui como “corpo dissidente” todo aquele que escapa da “*matriz heterossexual*”<sup>12</sup> conforme conceituada por Judith Butler: uma matriz excludente que visa tornar “*abjetos*” todos os corpos que não se encaixariam na suposta naturalidade da correspondência entre corpo biológico, sexo e orientação sexual, correspondência essa que seria uma “*ficção*” da qual os corpos não encaixados se tornam dissidentes. Dessa forma, acredito que o estigma da abjeção teria influência nas memórias dos corpos tachados como tal. Assim, tenho nos corpos

---

<sup>7</sup> GUIMARAES SILVA, Jane Quintiliano. **O memorial no espaço da formação acadêmica**. In *Perspectiva*, Florianópolis, v.28, n.2, 601-624, jul./dez. 2010. P. 616.

<sup>8</sup> BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1979. P. 44.

<sup>9</sup> BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973. P. 72

<sup>10</sup> GROSZ, Elizabeth. **Volatile Bodies: Towards a corporeal feminism**. Indianapolis: Indiana University Press, 1994. P. 18

<sup>11</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. P. 234.

<sup>12</sup> O conceito de “matriz heterossexual”, cunhado por Judith Butler, percorre diversas obras de sua autoria. Ver BUTLER, Judith. **Bodies that matter: on the discursive limits of sex**. Nova York: Routledge, 1993.

dissidentes da heterossexualidade ortodoxa, do que Warner e Berlant definiram ser a “heteronormatividade<sup>13</sup>” um ponto de partida e identificação, sendo que falar por mim, nessa dissertação, seria de certa forma falar também pela perspectiva desses corpos. Aqui, a sexualidade dissidente produz significados, interpelações, memórias e territórios físicos e subjetivos.

A memória dos corpos dissidentes teria nos espaços que os abrigam, ou nos quais buscam refúgio, um fator importante na sua formação e poderia se questionar até que ponto as memórias não seriam importantes também na formação desses espaços. Juhani Pallasmaa afirmaria ser inseparável o corpo do seu domicílio no espaço<sup>14</sup>. Para Fran Tonkiss, a sexualidade não seria definida (nem contida) nos limites físicos de nossos corpos, envolvendo relações que seriam desempenhadas e moldadas pelo e no espaço físico<sup>15</sup>, sendo o espaço urbano organizado pela e para a representação e reprodução social da heterossexualidade<sup>16</sup>. Sara Ahmed sugere que a própria sexualidade poderia ser considerada uma “*formação espacial*”, não só porque corpos habitariam espaços sexualizados, mas também porque os corpos seriam sexualizados pelas maneiras pelas quais habitariam os espaços<sup>17</sup>. Para Merleau Ponty, não haveria sexualidade fechada em si mesma, nos limites do corpo humano<sup>18</sup>, sugerindo que a experiência sexual teria no espaço um de seus vetores. Dessa forma, memória, corpo e sexualidade estariam interconectados, influenciando em nossa experiência espacial. Assim, se a sexualidade seria uma formação espacial que ultrapassaria os limites dos corpos e os espaços urbanos privilegiariam representações da heterossexualidade, os corpos dissidentes teriam memórias construídas espacialmente pela experiência das próprias cismas em relação ao espaço heterossexualizado circundante.

Dessa maneira, poderia sugerir que a matriz excludente de Butler não só produziria corpos abjetos, mas (na escala urbana) também o que chamarei de “*espaços abjetos*”: os espaços físicos destinados à reunião dos corpos dissidentes e que desempenhariam papel

---

<sup>13</sup> O conceito de “heteronormatividade” teria sido cunhado por Michael Warner no livro **Fear of a queer planet**. Minneapolis: University of Minneapolis Press, 1991. P. 21-25

Ver também nota 2 em: WARNER, Michael; BERLANT, Lauren. **Sex in Public**. In. **Critical Inquiry**. Vol. 24. No. 2, 1998. P 547

<sup>14</sup> PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Booksman, 2001. P.38

<sup>15</sup> TONKISS, Fran. **Space, the city and social theory: social relations and urban form**. Cambridge: Polity Press, 2005. P. 94

<sup>16</sup> TONKISS, Fran. Op. Cit. P. 96.

<sup>17</sup> AHMED, Sara. **Queer phenomenology: orientations, objects, others**. Londres: Duke University Press, 2006. P. 67

<sup>18</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. P 236.

fundamental na formação identitária, na memória coletiva, no sentimento de pertença ou recusa desses grupos. E, entre os tantos discursos que permeiam esses espaços, estariam o arquitetônico e o urbanístico, que tendem a ser declarados como neutros em relação às questões de sexualidade, mas, conforme Mark Wigley “*a exclusão da sexualidade é em si mesmo sexual*”, não sendo possível excluir a arquitetura das políticas sexuais<sup>19</sup>. Sendo a arquitetura capaz de manipular espaços e relações de corpos sexuados com estes espaços (nos quais estes corpos vivem, trabalham, morrem e percebem-se e experimentam-se como seres sexuados), estaria intrinsecamente implicada nas percepções que corpos sexuados teriam de si e do espaço circundante.

## 1.2) A voz do arquiteto:

Ao concluir minha formação universitária, alguns anos atrás, a afirmação do professor e arquiteto Mark Wigley não faria sentido para mim. Porém a prática profissional durante 16 anos me levaria a outro entendimento: ao projetar casas, percebi que certas demandas espaciais dos clientes poderiam estar envolvidas no fortalecimento de determinados papéis de gêneros esperados (ou reforçados) pela sociedade. Notei clientes pedindo quartos destinados para meninas mais próximos da suíte do casal e os para rapazes mais distantes e às vezes com entradas independentes. Muitos demandavam churrasqueiras e *home theaters* para usufruto do “homem da casa” e de sua turma de amigos, enquanto as mulheres se preocupavam com *closets* grandes e cozinhas eficientes. As salas de jantar, em muitas casas, privilegiavam mesas retangulares, com a cabeceira destinada à “cabeça do casal”. Durante anos visitando exposições como *CasaCor*, percebia a insistência de profissionais em elaborarem os “quarto da moça” românticos e róseos e os “quarto do rapaz” sedutores, tecnológicos e em cores “masculinas”. Assim, percebi que arquitetos estariam desenhando espaços para reforçar papéis de gênero, colaborando com a vigente ordem sexual.

Ainda na voz de um arquiteto, notei que muito do discurso arquitetônico teria na dicotomia sexual uma base teórica, na qual haveria qualidades “femininas” em contraposição com “masculinas”, com desmerecimento das primeiras. Desde os primórdios do que seria considerado o Modernismo na arquitetura, haveria uma depreciação do feminino, atrelado ao que era mister combater: ornamento, dissimulação

---

<sup>19</sup> WIGLEY, Mark. **Untitled: the housing of gender** .In COLOMINA, Beatriz (ed.) “**Sexuality and space**”. Nova York: Princeton Architectural Press, 1992. P. 328

(não representar as verdades “estruturais” ou dos materiais de construção), afetação, sentimentalismo. Desde Ruskin, passando por Loos e chegando a Corbusier, o feminino na arquitetura seria evitado, e a “virilidade” dos novos materiais, da pureza volumétrica, da racionalidade, seria exaltada como o caráter legítimo da arquitetura moderna. A leitura de arquitetas feministas, como Hilde Heynen, Diana I. Agrest, Beatriz Colomina e Leslie Kate Weissman, reforçariam minhas impressões quanto à prevalência de um discurso e prática arquitetônica no qual o masculino seria privilegiado.

### **1.3) A voz do militante:**

Em minhas experiências como militante pela diversidade sexual, algo passou a me intrigar: a disposição das sexualidades no espaço urbano, sua influência na formação das subjetividades que porventura circulariam nesses espaços e que, por sua vez, seguiam as mudanças dessas mesmas subjetividades. Ao acompanhar o processo transsexualizador de um amigo (que expulso de casa foi se prostituir no Setor Comercial Sul) notei pelas falas dele que o espaço era fundamental nas relações que tinha com seus clientes (desde a arrumação doméstica à localização da residência), com suas amigas travestis e com a formação de sua própria identidade. O processo de mudança corporal implicava em uma redistribuição territorial: só as mais siliconizadas, femininas e bonitas tinham o direito aos melhores pontos, junto a Avenida W3, enquanto as “iniciantes” eram destinadas aos locais mais perigosos e escuros do SCS. O espaço sexualizado das travestis era hierarquizado e permeado por relações de poder, além de ter repercussões corporais e vice-versa. As relações entre corpo e espaços exemplificadas pelas travestis em suas negociações espaciais me chamaram a atenção.

A militância pela diversidade sexual me fez ter contato com a Teoria “*Queer*” e com as obras basilares de James N. Green e João Silvério Trevisan sobre a história da homossexualidade no Brasil. Green e Trevisan reivindicam aos espaços urbanos sua importância na formação identitária dos homossexuais masculinos brasileiros. Foi por meio da Teoria Queer, que tive os primeiros contatos com a chamada “Geografia das Sexualidades”, campo geográfico diretamente influenciado pelos teóricos queers, que estuda as disposições de corpos e territórios sexuais nos centros urbanos. E foi por meio da Geografia das Sexualidades que tive contato com as primeiras repercussões da Teoria Queer nas minhas disciplinas de formação: Arquitetura e Urbanismo.

Assim, nessa dissertação, gerenciarei múltiplas vozes que formam um conjunto de memórias pessoais, sentimentos de pertença e simpatia a certos grupos de corpos dissidentes, impressões espaciais e formação arquitetônica, trazendo esse conjunto à confrontação e fundamentação teórica por meio de uma abordagem multidisciplinar do espaço urbano e da sexualidade. A escrita de si, aqui, seria também a escrita dos espaços abjetos que seriam excluídos dos discursos hegemônicos da Arquitetura e do Urbanismo, que recusam (ou são recusados) a serem reconhecidos pelas exigências de verificação e demonstração dos saberes acadêmicos, seria a escrita dos espaços que “*trairiam*” a Arquitetura<sup>20</sup> e dos corpos que cometeriam esses atos de traição. Como descrever um cinema pornô que marcou o imaginário de corpos dissidentes sem apelar para a memória pessoal e a do grupo, sendo que praticamente inexistem trabalhos acadêmicos que dêem “fundamentação” à descrição? Esta dissertação falará de espaços que, quando são citados, o são apenas em páginas policiais, em guias LGBT ou ofuscados em áreas a serem “requalificadas” por urbanistas. Falará também de corpos dissidentes como os praticantes de sexo em locais públicos, travestis e profissionais do sexo, em sua relação com os espaços abjetos produzidos dentro da matriz urbana de Brasília, uma cidade modernista por excelência.

---

<sup>20</sup> RICCO, Jonh Paul. **The Logic of the Lure**. Chicago: Chicago University Press, 2002. P. 7-10.

## 2) Introdução:

### 2.1) Panorama.

Essa dissertação trata dos corpos dissidentes da heteronorma em uma cidade que teria nascido dos Congressos Internacionais de Arquitetura (CIAM), da Carta de Atenas e das premissas de Le Corbusier<sup>21</sup> e como “*coroamento de um curso histórico-cultural bem sucedido*”<sup>22</sup> da arquitetura nacional: Brasília, capital do Brasil, fundada em 1960 e atualmente com população ultrapassando a marca de dois milhões e quinhentos mil habitantes. Trata também de sexualidades e espaço, explorando as possíveis intersecções entre espaço construído e a formação das subjetividades de corpos sexuados, questionando de quais maneiras a arquitetura e o urbanismo dialogariam com os processos de sedimentação de identidades corpóreas. Tendo como ancoragem teórica premissas da chamada “Geografia das Sexualidades” em seus cruzamentos com a Teoria Queer, o Plano Piloto de Brasília é abordado por uma perspectiva distinta: como a experiência urbana modernista brasiliense reproduziu e criou territórios sexuais onde corpos dissidentes se encontrariam, desestabilizando uma suposta heteronormatividade do espaço público e das dicotomias que ordenariam este espaço. Para Dianne Chisholm territórios sexuais seriam não só criados, desempenhados e praticados para além da mera habitação e trabalho na fixidez dos ambientes construídos, como também seriam uma rebelião contra a dominação do espaço pelos constructos abstratos do planejamento urbano e pela implantação de tecnologias de vigilância social, subvertendo a dominação com apropriações do espaço para o prazer (especialmente o sexual) do corpo<sup>23</sup>. Assim, essa dissertação analisa aonde estes territórios rebeldes sugeridas por Chisholm teriam acontecido dentro do planejado espaço do Plano Piloto de Brasília.

O título escolhido, “*Presença incômoda*”, foi retirado de uma fala atribuída a Israel Pinheiro (primeiro presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital, a Novacap) em um debate sobre a implantação da Universidade de Brasília dentro do Plano Piloto, ainda nos anos 60. Pinheiro teria dito que “*Brasília deve ser uma pacata cidade administrativa, sem a presença incômoda de estudantes e operários*”<sup>24</sup>, dando a

---

<sup>21</sup> RISERIO, Antonio. **A cidade no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2012. P 283.

<sup>22</sup> RISERIO, Antonio. Op. cit. P 278.

<sup>23</sup> CHISHOLM, Dianne. **Queer Constelations: subcultural space in the wake of the city**. Minneapolis: Minnesota University Press, 2005. P. 10

<sup>24</sup> Informação oral fornecida pelo professor Antonio Carpintero, em suas aulas da Pós em 2012.



entender que corpos jovens e/ou proletários seriam motivos de distúrbio naquela nova ordem urbana para a singular ordem social que a jovem capital almejava criar. A afirmativa de Pinheiro anteciparia em décadas uma conflituosa relação da nova capital com tudo o que escaparia da ordem vigente no cenário urbano brasiliense: áreas boêmias, festas espontâneas<sup>25</sup>, erotismo<sup>26</sup>, uso sexual de áreas públicas<sup>27</sup>, diversidade sexual. Nesta dissertação será substituída a presença incômoda de estudantes e operários pela dos corpos dissidentes: homossexuais, travestis, prostitutas. Peculiaridades espaciais da pacata cidade administrativa de Pinheiro acabariam por impor desafios à presença dos corpos dissidentes nos espaços brasilienses (sejam públicos ou privados). Dessa forma, a presença incômoda dos corpos dissidentes na cidade modernista será analisada, tendo como pano de fundo as especificidades dos espaços urbanos da nova capital.

E Brasília teria muitos corpos dissidentes: A nova capital, segundo a pesquisa “*Mosaico Brasil*”, organizada em 2008 pelo *Prosex (Projeto Sexualidade)* do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo concentraria a segunda maior população homo e bissexual masculina do país (10,8%), só perdendo para o Rio de Janeiro<sup>28</sup>. Segundo a mesma pesquisa, 4,5% das mulheres brasilienses se declararam homo ou bissexuais. Estes dados apontariam que em torno de 395 mil pessoas seriam corpos dissidentes dentro da Capital Federal.

E porque uma disciplina tão voltada para a criação de espaços, a Arquitetura, deveria abordar a presença de corpos dissidentes e/ou casais do mesmo sexo em suas criações? Dois motivos: primeiro, porque o mercado imobiliário focado na população LGBT já tem sido explorado no Brasil desde 2003 (como as campanhas publicitárias da construtora paulista Tecnisa e suas pesquisas de mercado focando nas demandas espaciais da população gay paulista de alta renda<sup>29</sup>: figura 01) e movimentava bilhões de dólares nos Estados Unidos (exemplificado pelo Condomínio Boom, em Palm Springs,

---

<sup>25</sup> CALCAGNO, Luiz. “Sudoeste protesta contra festas nos estacionamentos do Parque da Cidade”. In **Correio Braziliense**, Brasília, 05 nov. 2009.

<sup>26</sup> LINS, Lais. Fiscalização fecha Cine Ritz por funcionar sem alvará. In **Correio Braziliense**, Brasília, 08 jul. 2009.

<sup>27</sup> No dia 30/12/2012, a Rede Globo, no jornal DFTV vinculou matéria referente ao uso sexual do Parque da Cidade. Disponível em <<http://participedftv.globo.com/Jornalismo/DFTV/0,,MUL1638543-10041,00-PARQUE+DA+CIDADE+VIRA+MOTEL+A+CEU+ABERTO+DURANTE+A+MADRUGADA.html>>

<sup>28</sup> Disponível em:

<<http://web.archive.org/web/20110706153632/http://www.mundomais.com.br/exibemateria2.php?idmatéria=334>>. Acessado em 19 de janeiro de 2013.

<sup>29</sup> Disponível em: <<http://www.tecnisa.com.br/institucional-imprensa-noticia-tecnisa+adota+postura+gay+friendly.html>>. Acessado em 19 de janeiro de 2013.

Califórnia, lançado em 2011, assinado por arquitetos como Diller & Scofidio e com custo de mais de U\$ 250 milhões<sup>30</sup>: figura 02). Esse movimento sugeriria certa “assimilação” e auto-segregação de parcela da população LGBT; a construção social e a comoditização de supostas necessidades espaciais distintas da parcela “normativa” da sociedade; a “domesticação” de alguns corpos dissidentes em um suporte espacial para a “*homonormatividade*”<sup>31</sup>; a criação de um mercado para arquitetos, urbanistas e clientes no qual a sexualidade dissidente supostamente seria o diferencial; a criação de um sistema excludente baseado mais no dinheiro (desconsiderando a solidariedade de quem teria na opressão heteronormativa um denominador comum) no qual parcelas de corpos dissidentes não teriam acesso às supostas benesses que a assimilação, a domesticação, o consumo e a homonormatividade supostamente forneceriam.



Fig.01: Anúncio da construtora Tecnisa.

<sup>30</sup> Disponível em: <<http://boompalmsprings.com/>>. Acessado em 19 de janeiro de 2013.

<sup>31</sup> O conceito “homonormatividade” foi cunhado por Lisa Duggan, para quem parcelas da comunidade homossexual não só não contestariam mais reproduziriam opressões heteronormativas, além de terem sido cooptadas pelo Neoliberalismo, desmobilizando-se politicamente e privatizando a sexualidade em uma cultura ancorada no consumo e na domesticidade. Ver DUGGAN, Lisa. **The Twilight of Equality: Neoliberalism, Cultural Politics and the attack on Democracy**. Boston: Beacon Press, 2003.



Fig.02: Condomínio “Boom”, Palm Springs, Califórnia, EUA. Diversos arquitetos.

Segundo, porque seria importante para o arquiteto e urbanista entender de que maneiras zoneamentos e regulamentos sobre o uso da terra urbana e de áreas públicas poderiam operar como regimes regulatórios na intersecção de sexualidades e espaço, preservando a visão heteronormativa do que seria “ordem” e “moral”. Por exemplo: em reunião de lideranças de coletivos políticos LGBTTT de Brasília, em 18 de abril de 2012, o líder comunitário Davi José dos Santos relatou a luta pessoal dele e de casais homossexuais para conseguir concessão de uso de lotes regularizados pelo Governo do Distrito Federal. Segundo ele, o decreto 23592/03-DF, que dispõe sobre os critérios para regularização de lotes ocupados, era utilizado para negar aos interessados em questão a posse de lotes, por não “*terem dependentes*”<sup>32</sup>. Davi conseguiu seu termo de concessão em março de 2013<sup>33</sup>. Outro exemplo: a Lei de Uso e Ocupação do Solo do Distrito Federal (LUOS) \_ em elaboração\_ define como RE (Residencial Exclusivo): o uso apenas para residências uni-familiares<sup>34</sup>, sendo estas consideradas, pelo Código de Obras do Distrito Federal, como “*unidade domiciliar em edificação destinada a uma única habitação*”<sup>35</sup>. Esta linguagem técnica e este uso do solo poderiam indicar um

<sup>32</sup> Decreto 23592/03-DF. Disponível em:

<sup>33</sup> Informação oral passada ao pesquisador.

<sup>34</sup> Disponível em: < <http://luos.df.gov.br>>

<sup>35</sup> Código de Obras do Distrito Federal. XXXIV

implícito favorecimento de determinada ordem social e espacial e das sexualidades implicadas<sup>36</sup>.

A arquitetura e o urbanismo tendem a ser declarados como campos neutros ideologicamente, sob o manto do valor artístico e/ou técnico. Porém, conforme afirma Slavoj Žižek, “*a indiferença em relação à ideologia é a exata forma de cumplicidade com a ideologia dominante*”<sup>37</sup>, posição para a qual converge o sociólogo Paul Jones ao afirmar que os próprios princípios da arquitetura também servem para ofuscar a relação estável entre esta e os interesses dominantes<sup>38</sup>. E descendo à escala do corpo humano, especialmente em relação ao corpo sexuado, estariam o urbanismo e arquitetura comprometidos? As disciplinas seriam questionadas em relação à neutralidade técnica por pesquisadores como a urbanista Petra L. Doan (para quem instrumentos de planejamento urbano seriam baseados em uma estreita dicotomia de gêneros, tornando-se aliados da heteronormatividade<sup>39</sup>) e geógrafos como Phil Hubbard (para quem o planejamento urbano precisa ser entendido não só como um projeto heterossexista, mas também como heteronormativo<sup>40</sup>). Dessas perspectivas, pode-se reinterpretar o planejamento urbano como:

*“uma atividade regulatória cujo propósito tem sido a imposição de um particular tipo de moral e ordem social atendendo relações de Poder (patriarcal, heterossexual e branca) e cujas origens foram em parte impulsionados por um medo generalizado ao desejo e a ‘desordem’ na cidade*”<sup>41</sup>.

Assim, sendo a arquitetura e o urbanismo disciplinas elementares de produção espacial, e sendo o espaço “*elemento fundamental em qualquer exercício de poder*”<sup>42</sup>, seria possível questionar que, por trás da suposta neutralidade artística e técnica, ambas

---

<sup>36</sup> HENDLER, Sue; BACKS, Michael. **Querying Planning (Theory)**. In. DOAN, Petra L. **Querying Planning: Challenging heteronormative assumptios and reframing planning practice**. Ashgate: Farham, 2011. P.83-87

<sup>37</sup> No original em inglês: “*indifference towards ideology is the very form of complicity with the ruling ideology*”.

ZIZEK, Slavoj. **Architectural Parallax**. In **Living the End of the Times**. Nova York: Verso, 2010. P. 253

<sup>38</sup> JONES, Paul. **Sociology of Architecture**. Liverpool: Liverpool University Press, 2010. P. x

<sup>39</sup> DOAN, Petra L. **Querying Planning: Challenging heteronormative assumptios and reframing planning practice**. Ashgate: Farham, 2011. P.16.

<sup>40</sup> HUBBARD, Phil. **Planning for sex/work**. In DOAN, Petra L. **Querying Planning: Challenging heteronormative assumptios and reframing planning practice**. Ashgate: Farham, 2011. P.169

<sup>41</sup> No original: “*a regulatory activity whose purpose has been the imposition of a particular kind of moral and social order with its attendant relations of Power (patriarchal, heterosexual, and white) and whose origins were in part propelled by a pervasive fear of desire and of a “disorder” in the city*”.

SANDERCOCK, Leonie (Ed.). **Making the invisible visible: A multicultural planning history**. Berkeley: University of California Press, 1998. P 19.

<sup>42</sup> FOUCAULT, Michel. **Space, power and knowledge**. In. DURING, Simon. **Cultural Studies Reader**. Nova York, Routledge, 1999. P.140

as disciplinas poderiam favorecer uma concepção espacial heterossexista e heteronormativa, além de excludente socialmente. Porém, para entender críticas sob estes conceitos (relativamente estranhos no vocabulário do urbanismo e da arquitetura) é necessário abordar tangencialmente a chamada “Geografia das Sexualidades” e a Teoria Queer, campos epistemológicos onde “heteronormativo” e “heterossexista” seriam de uso comum (e que teriam, durante os anos 90, transbordado para outras disciplinas do espaço construído).

A Geografia das Sexualidades seria um campo epistemológico, dentro da Geografia Urbana, que seguiria um caminho pavimentado por sociólogos (como os da Escola de Chicago, no início do século XX) em seus estudos sobre a dispersão de diversos grupos sociais pelo espaço urbano. Este campo teria surgido a partir do final dos anos 70, quando foram publicados influentes estudos sobre guetos gays, migrações homossexuais e áreas de prostituição nos Estados Unidos<sup>43</sup>, como “*The gay ghetto*”, de Martin P. Levine (1979). Para os geógrafos das sexualidades, não haveria espaços *fora* das políticas sexuais, sendo que a sexualidade teria profundo impacto nas maneiras como os corpos habitariam, produziriam e interagem com espaços em diversas escalas, desde o corporal, passando pelo doméstico, deste do urbano e daí para escalas maiores (como o nacional e o transnacional).

No sentido inverso, uma possível “sexualidade” transnacional seria capaz de impactar corpos em suas subjetividades<sup>44</sup>. Ainda, estes geógrafos considerariam que não seria possível entender como corpos experimentaríamos específicos desejos e se revestiriam com determinadas subjetividades sem entender os espaços nos quais esses desejos e subjetividades seriam desempenhadas, já que esses mesmos espaços seriam produtos de negociações, imposições e subversões de normas sexuais<sup>45</sup>. Dessa forma, esse campo da geografia buscaria entender de que maneiras algo tão subjetivo, como desejos eróticos e orientações sexuais, estariam envolvidas na produção do espaço e que implicações sexualidades teriam na manipulação espacial e vice-versa. Nos anos 90, a Geografia das Sexualidades se encontraria com a Teoria Queer, iniciando novos questionamentos sobre as relações entre a produção espacial e corpos sexuados.

---

<sup>43</sup> BELL, David; VALENTINE Gill (ed.). **Mapping Desire: geographies of sexualities**. Nova York, Routledge, 1995, P. 1-27

<sup>44</sup> JOHNSTON, Lynda; LONGHURST, Robyn. **Space, place and sex: geographies of sexualities**. Lanham: Roman & Littlefield Publishers, 2010. P 1-20.

<sup>45</sup> BROWNE, Kath; LIM, Jason; BROWN, Gavin (ed.) **Geographies of sexualities: theory, practices and politics**. Ashgate: Farham, 2007. P 1-18.

A Teoria Queer surgiria no final dos anos 80, como um campo epistemológico no qual um corpo divergente de teóricos, alicerçados sobre o pensamento de Michel Foucault e de Judith Butler e com contribuições do feminismo, assumiria um posicionamento crítico em relação aos conceitos vigentes sobre minorias (sexuais e/ou sociais, gênero e identidade) provindos dos movimentos identitários dos anos 60 e 70 (como a “segunda onda” do Feminismo, o movimento liberacionista homossexual pós-68). Concentrando-se em críticas aos regimes de normalização e estudando o que seria considerado abjeto (ou estranho), às margens do considerado “normal” e investigando as formas de controle e disciplina, estes teóricos terão como uma das premissas mais importantes a de que o corpo e sua identidade sexual seriam construções culturais objetivando inserir indivíduos em determinados lócus sociais e relações de poder. Esses questionamentos teriam sido “batizados” como “*queer*” em 1990, pela feminista Teresa de Lauretis, em uma conferência de estudos gays e lésbicos.

A Teoria Queer seguiria um caminho de questionamento do sujeito cartesiano (centrado, formado, de identidade fixa, inata) que teria sido pavimentado por pensadores como Freud, Lacan, Saussure e Althusser. Para o último, não existiria sujeitos livres, já que, por meio de identificações, a ideologia escolhida é que moldaria os sujeitos. Freud apontaria que o inconsciente torna-se questionador do sujeito sapiente e autocontrolado. Lacan reforçaria a importância do inconsciente e ainda consideraria que a identidade seria formada por efeitos de identificações e rejeições. Para Saussure, a linguagem determinaria identificações, pré-existindo ao sujeito. Posteriormente, o pensamento de Michel Foucault e Judith Butler seria basilar para a formação da Teoria Queer em conjunto com os pensadores citados e outros que seriam tangencialmente tocados, como Deleuze, Luce Irigaray e Jacques Derrida.

A mais difundida premissa dos teóricos queers seria fundamentada em Foucault e defenderia que a sexualidade não seria natural, e sim resultado de relações de poder que teriam na produção de identidades sexuais tecnologias de controle, sendo a sexualidade, dessa maneira, uma discursividade manipulada. Essa premissa seria somada à de Judith Butler para quem o “gênero” (homem, mulher) seria uma ficção cultural, construída por meio de uma estilização corporal feita por constantes repetições de atos, objetivando tornar o corpo legível dentro de uma “matriz” cultural que necessitaria determinadas identidades corporais para a própria existência desta matriz e a inserção destas identidades em uma estrutura de poder. Deve-se a Butler o conceito de “*performatividade*”, que seria o efeito, no corpo, da constante repetição de atos

identificados com determinado gênero, estruturando o processo pelo qual o sujeito é constituído. Dessa forma, corpo e sexualidade seriam construções sociais contínuas (onde tanto a homossexualidade quanto a heterossexualidade seriam dicotomias *não naturais*) sobre as quais agiriam diversas forças.

Pela metade dos anos 90, geógrafos passariam a incluir o corpo sexuado como produto e produtor espacial, ao considerar o corpo em si mesmo como um *espaço*<sup>46</sup>. Refletindo a emergência do corpo dentro da disciplina, os geógrafos perceberiam as implicações físicas da proposta butleriana, se interessando pela performatividade *nos e dos espaços físicos*<sup>47</sup> e questionando se o espaço, antes de ser um fato *a priori* (assim como os gêneros), não poderia ser performatizado, realizado por repetição de práticas corporais que acabam por selar significados, comportamentos e identidades a determinado espaço, ou seja: determinados espaços não existem por si só, requerendo determinadas performances para poderem vir à tona<sup>48</sup>.

Os teóricos queers utilizariam largamente os conceitos “heteronormatividade” e “heterossexismo”. O primeiro seria cunhado por Michael Warner como condensador das instituições, práticas e discursos que legitimariam, privilegiariam e regulamentariam a heterossexualidade como algo atávico, compulsório, natural e fundamental para a sociedade, marginalizando os grupos que não estariam abrigados no binarismo sexual e/ou nas práticas heterossexuais, produzindo uma “matriz heterossexual” e uma “*heterossexualidade compulsória*”<sup>49</sup>. A heteronormatividade necessitaria ainda de uma segregação espacial que permitisse a heterossexualidade ser ubíqua enquanto todos os outros grupos dissidentes teriam a visibilidade minimizada. Convém ressaltar que Heteronormatividade *não* é sinônimo de heterossexualidade, já que privilegiaria determinado tipo de conduta heterossexual (monogâmica, patriarcal, biparental e unifamiliar, com rígidos papéis de gênero e dicotomia masculino/feminino) em detrimento de outras (os heterossexuais que não obedecem a papéis de gênero definidos, famílias polinucleares, etc.).

---

<sup>46</sup> JOHNSTON, Lynda; LONGHURST, Robyn. **Space, place and sex: geographies of sexualities**. Lanham: Roman & Littlefield Publishers, 2010. P 21.

<sup>47</sup> HUBBARD, Phil; KITCHIN, Rob. **Key Thinkers on Space and Place**. Londres: Sage, 2004. P. 85

<sup>48</sup> GREGSON, Nicky; ROSE, Gillian. **Taking Butler elsewhere: performativities, spatialities and subjectivities**. In. Environment and Planning d: Society and Space. 2000. vol. 18. P. 441

<sup>49</sup> RICH, Adrienne. “**Compulsory heterosexuality and lesbian existence**”. In. **Signs**. V.5, n.4, **Women, Sex and Sexuality**, 1980, P. 631-630.

Já “heterossexismo” seria o pressuposto de que todos os corpos comungam da mesma sexualidade, configurando uma “*ortodoxia heterossexual*”<sup>50</sup> implicada na manutenção da heteronormatividade por meio de um complexo sistema de propaganda e promoção da heterossexualidade e desprestígio dos corpos fora da heteronorma. Assim, os geógrafos passariam a considerar corpos, performatividades e heteronormatividade como elementos produtores de espaços, do nível do corpo ao transnacional, em uma complexa relação que também seria transversal às questões de classe, raça, religião, nacionalidades. Porém, essa relação complexa da produção espacial não ficaria restrita aos questionamentos geográficos: os arquitetos e urbanistas, a partir da metade dos anos 90, também confrontariam os pressupostos heterossexistas e heteronormativos de suas disciplinas.

Sendo a arquitetura e o urbanismo também construções sociais inseridas em relações de poder e produtoras de espaços visando ordenar o ambiente construído, sua importância na construção de corpos e subjetividades não deveria ser ignorada. Se para a Geografia da Sexualidade não haveria espaços fora das políticas sexuais e estas mesmas políticas teriam no espaço tecnologias de controle e formação de corpos e subjetividades (conforme teóricos queers), arquitetos e urbanistas estariam atavicamente comprometidos com políticas sexuais, controle e formação de corpos. Ainda, geógrafos e teóricos queers convergeriam para o entendimento de que as subjetividades sexuais seriam construções feitas por meio de uma complexa rede de espacialidades, discursos, práticas, plataformas políticas mais genéricas (raça, gênero, classe, etc.), o que levaria a inserção da arquitetura e do urbanismo nesta rede, já que ambas as disciplinas seriam manipuladoras por excelência de espacialidades (produzidas muitas vezes por estas mesmas plataformas políticas). Os questionamentos fornecidos pelos geógrafos e dos teóricos queers seriam úteis para entender de que formas a arquitetura e o urbanismo poderiam estar comprometidos, por exemplo, com a manutenção de mulheres e minorias sexuais em condições desfavoráveis frente à parcela “normativa” da sociedade, como sugere Hilde Heynen e Gwendolyn Wright:

*“A Teoria Queer poderia desafiar a teoria arquitetônica a confrontar paradigmas espaciais que parecem reforçar a robustez da ‘normalidade’, uma vez que a arquitetura solidifica normas sociais e regulamentos institucionais em pedra”*<sup>51</sup>.

---

<sup>50</sup> GONTIJO, Fabiano. O Rei Momo e o Arco-Iris: Homossexualidade e carnaval no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. P. 25

<sup>51</sup> No original em inglês: “*Queer theory might well challenge architectural theory to confront spatial paradigms that seem to reinforce the robustness of “normality”, since architecture solidifies social norms*”



## 2.2) Interesses e objetivos:

Inicialmente considerado como o ato de bisbilhotar a orientação sexual de alguém<sup>52</sup>, o verbo “*queerying*” é um termo utilizado inicialmente por teóricos anglo-saxões, (geralmente acadêmicos gays, lésbicas, transexuais, simpatizantes e feministas) para denominar a abordagem de questões presentes em diversas disciplinas por uma perspectiva não hegemônica ou não *neutra*. Estes teóricos problematizariam a possível hegemonia de uma perspectiva heterossexual, patriarcal e branca na produção de conhecimento, hegemonia esta que poderia estar escondida sob disfarces de neutralidade científica e de uma pretensa naturalidade de discursos e posicionamentos dados *a priori*, como, por exemplo, a suposta indiferença do Urbanismo e da Arquitetura com questões de gênero, sexualidade e raças. Intimamente ligada à emergência da chamada Teoria Queer no cenário acadêmico norte-americano dos anos 1990, *queerying* significaria subverter e questionar pressupostos heterossexistas tidos como teorias inabaláveis das academias<sup>53</sup>, introduzindo múltiplos pontos de vista e valorização das diferenças sexuais na produção epistemológica e ainda permitindo que acadêmicos pudessem integrar análises e críticas de gênero e sexualidades às suas vidas profissionais, às suas identidades e em suas práticas escolares<sup>54</sup>.

Dentro da língua portuguesa, não encontrei palavras que traduzissem fielmente a expressão inglesa “*queerying*”, derivada do adjetivo “*Queer*”, que significa estranho, excêntrico, desviado<sup>55</sup> e utilizado para atacar pejorativamente homossexuais no mundo anglo-saxão. Essa estranheza vocabular não seria à toa: Inserir questões relativas aos corpos dissidentes dentro do que seriam os pressupostos heterossexistas de disciplinas acadêmicas, como por exemplo, o urbanismo, “*demandaria um novo vocabulário, um radical questionamento da sexualidade, o reconhecimento das fronteiras fluidas que desenhamos ao redor das divisões da cidade: classe, raça, gênero, idade*”<sup>56</sup>.

---

*and institutional regulations into stone*”. HEYNE, Hilden; WRIGHT, Gwendolyn. **Introduction: shifting paradigms and concerns**. In. **The SAGE handbook of architectural theory**. CRYSLER, C. Greig; CAIRNS, Stephen; HEYNEN, Hilde (Eds.). Londres: SAGE, 2012. Pg 53.

<sup>52</sup> Disponível em <<http://www.urbandictionary.com/define.php?term=queerying>>

<sup>53</sup> HALPERIN, David Halperin. *The normalization of Queer Theory*. In. **Journal of Homosexuality**. Vol. 45. No. 2. P 340

<sup>54</sup> HALPERIN, David .Op. Cit. P. 343

<sup>55</sup> Disponível em <<http://www.thefreedictionary.com/queer>>

<sup>56</sup>No original: “*opening up planning history to gay and lesbian experience requires more than a new chapter; it demands a new vocabulary, a radical rethinking of sexuality, and an acknowledgment of the fluid boundaries we have drawn around other divisions in the city- class, race, gender, age.*”

Seria possível “*queerizar*”, ou “*desviar*” a arquitetura de sua suposta indiferença às políticas sexuais? A resposta seria positiva: as premissas da Teoria Queer (e também da Geografia das Sexualidades) seriam úteis para se olhar para as práticas, discursos e produtos arquitetônicos e urbanísticos por outras perspectivas. Por exemplo: um convite para se olhar a arquitetura pelas lentes da performatividade sugerida por Judith Butler viria de Hilde Heyne, ao sugerir que as forças discursivas butlerianas seriam sustentadas e suportadas por elementos espaciais nas quais se cristalizaram<sup>57</sup>, como “*master bedroom*” (grifo meu), “*cozinha racional*” e “*family room*”. Estes elementos espaciais seriam de cunho heterossexista e teriam implicações em termos de gênero (ao regular a performatividade dos gêneros no espaço). Convergindo para Heynen, Katarina Bonnevier afirmaria que em qualquer construção arquitetônica, ideologias e normas são reiteradas, solidificadas e que o sujeito seria, em parte, construído por meio dessas construções<sup>58</sup>. Assim a performatividade proposta por Butler poderia levar arquitetos e urbanistas a questionar as forças discursivas imbuídas na Arquitetura, a perceber a assemblagem de relações entre edifícios, corpo e discursos<sup>59</sup>.

Ainda desviando a Arquitetura: que produto espacial poderia estar implicado na produção heteronormativa do espaço, ou ser projetado a partir de pressupostos heterossexistas? Por exemplo, a casa unifamiliar: esta unidade básica de uma cidade seria o lugar primordial no qual o corpo humano seria construído como ser sexuado e onde configurações espaciais reforçariam as divisões convencionais entre masculinidade/ feminilidade e, como complemento aglutinador, a heterossexualidade<sup>60</sup>. Para Beatriz Preciado e Jean Ulrich Desert, a casa unifamiliar seria um dos mais emblemáticos espaços arquitetônicos desenhados para e pela heteronormatividade: sua configuração pressupõe e encorajaria atividades heterocêntricas orquestrando uma

---

KENNEY, Moira Rachel. **Remember, Stonewall was a riot.** In SANDERCOCK, Leonie (Ed.). **Making the invisible visible.** Berkeley: University of California Press. P. 121

<sup>57</sup> HEYNE, Hilde, BAYDAR, Gulsum (eds.) **Negotiating domesticity: Spatial productions of gender in modern architecture.** Nova York: Routledge, 2005. P. 25

<sup>58</sup> No original em inglês: “*in any building activity ideologies and norms are reiterated. (S) subject positions are partly construed through building activities*”.

BONNEVIER, Katarina. **Behind straight curtains: towards a queer feminist theory of architecture.** Estocolmo: Axl Books, 2007. P. 15-16

<sup>59</sup> SMITHERAM, Jan. **Spatial Performativity/Spatial Performance.** In. **Architectural Theory Review**, 16:1, p 55-69

<sup>60</sup> REED, Christopher (Ed.). **Not at home: the suppression of domesticity in modern art and architecture.** Londres: Thames & Hudson. 1996. P. 16

ordem hierárquica de sexo, idade e propriedade<sup>61</sup>, além de ser palco para que “papéis de gênero hiperbólicos” sejam performatizados<sup>62</sup>, dentro de um sistema de representação social e distribuição espacial que teria por objetivo reproduzir, pela segregação espacial, sexual e racial, a ordem similar do Estado Nação. Para Alice T. Friedman uma casa poderia ser traduções de estilos de vida não convencionais (entre estes os casais lésbicos) que requisitariam configurações arquitetônicas diferentes daquelas das casas tradicionais<sup>63</sup>, rompendo com pressupostos heterossexistas de projeto. Ainda: Beatriz Preciado, ao explorar suas propostas arquitetônicas da revista “*Playboy*” durante os anos 50 para a residência ideal do solteiro heterossexual norte-americano (figura 03), enxerga na arquitetura eficiente arma na formação de uma nova subjetividade masculina não comprometida com a tradicional formula norte-americana casa suburbana-família heterossexual<sup>64</sup>.

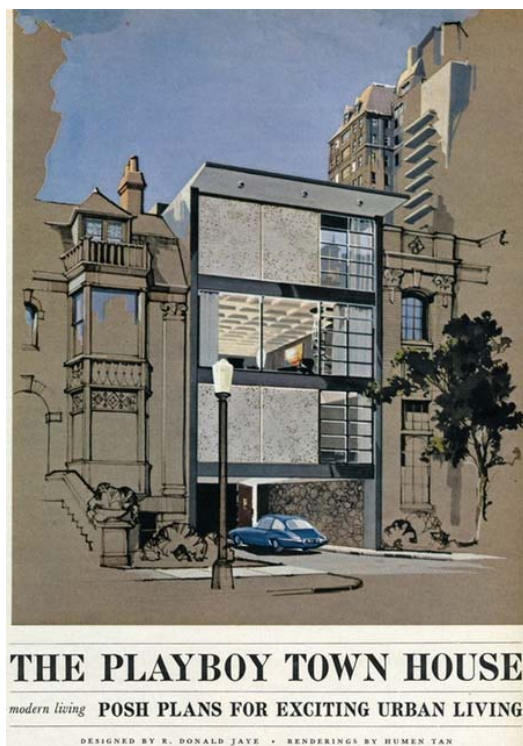


Fig.03: A proposta da casa moderna masculina da revista Playboy

<sup>61</sup> DESERT, Jean Ulrich. **Queer space**. In INGRAM, Gordon Brent; BOUTHILLETTE, Anne-Marie; RETTER, Yolanda (Eds.). **Queers in Space: communities, public places, sites of resistance**. Seattle: Bay Press, 1997. P. 22

<sup>62</sup> PRECIADO, Beatriz. **Architecture as a Practice of Biopolitical Disobedience**. In. Log. N.25, 2012.

<sup>63</sup> FRIEDMAN, Alice T.: **Woman and the making of modern house: a social and architectural history**. New Haven: Yale University Press, 2006. P. 10-31

<sup>64</sup> PRECIADO, Beatriz. **Pornotopia: arquitetura y sexualidad em “Playboy” durante la guerra fria**. Madrid: Anagrama, 2010

Desta forma, queering estaria próximo de subverter, desviar os discursos hegemônicos acadêmicos de rotas pré-estabelecidas, pavimentando o caminho para uma produção acadêmica que necessitaria de diferentes vocabulários, pontos de vista, abordagens. Dessa forma, haveria objetivos políticos nessa subversão: valorizar diferentes pontos de vista, combater aos pressupostos heterossexistas, desconstruir a heteronormatividade, dar voz aos corpos dissidentes e marginalizados. Comungo com alguns desses objetivos.

Essa dissertação tem os seguintes interesses políticos: primeiro, servir de referência para militantes pela diversidade sexual para entender como a arquitetura (sob seu manto de neutralidade técnica) poderia ajudar a perpetuar papéis de gênero sustentados espacialmente, manter mulheres e minorias sexuais em condições desfavoráveis e/ou de invisibilidade, além de influenciar na formação de suas subjetividades, reproduzindo a heteronormatividade. Segundo, ser uma contribuição para a formação teórica arquitetônica daqueles profissionais interessados em uma sociedade mais diversa e inclusiva, menos patriarcal e heterossexista, mais democrática e plural. Já os objetivos dessa dissertação seriam os seguintes: estudar as relações entre espaços urbanos e sexualidades por meio de uma abordagem multidisciplinar; investigar de que maneiras a arquitetura e o urbanismo, especialmente o moderno, teria se endereçado às questões sexuais; por último, indicar, analisar e contextualizar os espaços urbanos apropriados pelos corpos dissidentes da heteronorma dentro do Plano Piloto de Brasília, demonstrando quais apropriações espaciais inter-relacionariam subjetividades sexuais, poder e espaço físico.

### **2.3) Métodos:**

Esta dissertação parte de um sujeito falante do seguinte ponto de vista: branco, homem, brasileiro, arquiteto, classe média alta, morador do Plano Piloto, simpatizante e familiarizado com os diversos grupos de corpos e territórios que serão abordados. Este sujeito falante, para estudar os territórios, não partirá de um “corpo genérico”, assexuado e universal, para não criar “*a falsa impressão de que a cor da pele, as formas corporais e as orientações sexuais não estão profundamente imbricadas com diferenças espaciais*”<sup>65</sup>. O corpo aqui é o dissidente da heteronorma: profissionais do sexo,

---

<sup>65</sup> SILVA, Joseli Maria (Org.). **Geografias subversivas: discurso sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Toda palavra, 2009. P. 14

travestis, homossexuais masculinos. Para este sujeito, existem diferenças nas práticas e conformações espaciais destes corpos, sendo o espaço fundamental nas relações que teriam entre si e com o restante da sociedade “normativa”, relações estas que estariam intimamente implicadas na sedimentação de suas subjetividades sexuais e na conformação de suas memórias.

Para estudar os territórios sexuais do Plano Piloto e a presença dos corpos dissidentes no espaço urbano brasiliense, a seguinte metodologia foi adotada: fatos históricos relacionados com formação de específicos espaços e de sexualidades serão utilizados em conjunto com o método etnográfico (descrição dos grupos em suas interações com os territórios citados) para analisar a geografia sexual do Plano Piloto. As técnicas de pesquisa empregadas foram observação espacial somada à sistemática e participante (nos territórios e junto aos corpos estudados) com coleta de relatos de homossexuais masculinos (com o objetivo de recolher suas experiências e percepções sexuais no espaço urbano brasiliense). Os territórios serão analisados por meio de imagens (coletadas no Google Earth ou em sites da Internet) onde serão identificados lugares específicos, relações com o entorno físico, cronologia de apropriações espaciais, vias, fluxos de corpos. Não recorrerei a análises da dimensão estética de obras arquitetônicas: interessa-me mais como as dimensões funcionais e programáticas podem funcionar como agentes na sedimentação de identidades sexuais. Tendo a concordar com Beatriz Preciado:

*“la arquitectura no puede ser la expresión de un orden natural y sexual preestablecido, sino que, al contrario, esse orden sexual se produce performativamente a través de la repetición de convenciones arquitectónicas: creando marcos de visibilidad, permitiendo o negando acceso, distribuyendo espacios, creando segmentaciones entre público y privado”<sup>66</sup>*

Como recorte físico da pesquisa, será considerado prioritariamente o Plano Piloto de Brasília, ainda que outras áreas possam ser tangencialmente abordadas. O ponto de partida desta dissertação será o Setor de Diversões Sul, que teria sido território sexual pioneiro na história de Brasília, ancorando as relações da cidade com posteriores territórios sexuais. Não haverá recorte histórico considerado de maneira linear na abordagem dos territórios sexuais do Plano Piloto, tendo-se apenas a proposta de Lucio Costa contida no Relatório do Plano Piloto para os Setores de Diversões como ponto inicial e encerrando a dissertação com o episódio de fechamento de um bar gay no

---

<sup>66</sup> PRECIADO, Beatriz. **Pornotopia: arquitectura y sexualidad em “Playboy” durante la guerra fria.** Madrid: Anagrama, 2010. P 128.

Parque da Cidade em 2012 (que exemplificaria as relações de poder em intersecção com as políticas sexuais e espaciais em Brasília). Como fontes de referência foi utilizada vasta bibliografia interdisciplinar, com forte ancoragem na Teoria Queer, Geografia das Sexualidades e Antropologia Urbana (majoritariamente originária de países anglo-saxões). Secundariamente, serão utilizados dados de órgãos públicos e notícias vinculadas por sites de diversos matizes, de eróticos a políticos.

#### **2.4) Problemática e revisão da literatura específica**

Desde a metade da década de 90, o interesse de geógrafos, arquitetos e urbanistas na convergência entre espaço urbano, arquitetura e sexualidades tornou-se emergente, chamando atenção do Instituto Americano de Arquitetos (que passou a realizar seminários focando as relações entre arquitetura, gênero, sexualidades e experiências culturais) e de universidades (que chegaram a organizar grupos de estudo, exposições e conferências sobre o tema)<sup>67</sup>, refletindo o transbordamento da Teoria Queer para as disciplinas do ambiente construído. Desde então, uma crescente produção acadêmica, geralmente provinda dos Estados Unidos, Canadá, Inglaterra e Austrália, foi dedicada a essas questões. Considerado marco inicial das chamadas “Geografias das Sexualidades”, o livro *Mapping Desire: Geographies of Sexualities*, organizado por David Bell e Gill Valentine (1995), colocaria as sexualidades como produto e produtoras do espaço urbano, cartografando seus territórios e práticas, sendo bastante influente nos caminhos posteriores da disciplina. O livro de Bell e Valentine iniciaria uma safra de obras geográficas focadas nas interações sexualidades/espços urbanos, dos quais se destaca “*Space Place and Sex*” de Lynda Johnston e Robyn Longhurst (2010) e “*Cities and Sexualities*”, de Phill Hubbard, (2012). No Brasil, Joseli Maria Silva organiza, em 2009, o livro “*Geografias subversivas: discurso sobre espaço, gênero e sexualidade*”, sendo considerado o primeiro exemplar da cepa nacional e focado nas relações espaciais de minorias sexuais no espaço urbano em uma cidade periférica, no caso Ponta Grossa, no Paraná (onde fundou a *Rede de Estudos de Geografia e Gênero da America Latina*), sendo importante para contextualizar os estudos queers e da geografia das sexualidades nos espaços urbanos brasileiros.

---

<sup>67</sup> Em 2012, o *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) realizou exposições e grupos de estudo. Disponíveis em < <http://web.mit.edu/gcws/news+events/2012UrbanSpacesPublication.html>> e <<http://qube.mit.edu/>>

Na Arquitetura, assim como na Geografia, uma considerável literatura sobre relações entre espaço construído e feminismo, que teria sido iniciada no começo dos anos 80, pavimentaria o caminho para a introdução da Teoria Queer na produção acadêmica da disciplina. Para esta dissertação, foram úteis as obras “*Gender Space Architecture: an interdisciplinary introduction*”, editado por Jane Rendell, Barbara Penner e Iain Borden (2000) e “*Negotiating domesticity: Spatial productions of gender in modern architecture*”, editado por Hilde Heynen e Gulsum Baydar (2005). Entre feminismo, arquitetura e Teoria Queer, as obras da filósofa Elizabeth Grosz, como os livros “*Space, time and perversion: essays on the politics of bodies*” (1995) e “*Architecture from the outside: essays on virtual and real space*” (2001), foram importantes para o embasamento da dissertação.

Quanto às relações entre arquitetura e a formação de subjetividades masculinas, destaco, também em ordem cronológica: “*Stud: Architectures of Masculinity*”, organizado por Joel Sanders (1996); “*Queer Space: Architecture and Same-Sex Desire*”, de Aaron Bestky (1997); “*Políticas del espacio: arquitectura, género y control social*”, de José Miguel García Cortés (2006). Estas obras têm especial interesse nas produções de espaço por homossexuais. Já o livro “*Pornotopia: arquitectura y sexualidad em Playboy durante la guerra fría*”, de Beatriz Preciado (2010), a filósofa com doutorado em arquitetura discorre sobre as relações entre a Arquitetura Modernista e os ideais de virilidade do homem heterossexual contemporâneo. Aaron Betsky também escreveu “*Men, Women, Architecture, and the Construction of Sexuality*” (1995), onde investiga o papel da arquitetura na formação de gêneros e como espelho da ordem masculina dominante.

Na temática do urbanismo, é interessante notar a formação na *American Planning Association*, em 1998, do grupo “*Gays and Lesbians in Planning*” (GALIP), com o objetivo de incluir a população sexodiversa no planejamento urbano norte-americano. Também em 1998, Leonie Sandercock organiza o livro “*Making the invisible visible: A multicultural planning history*”, como uma defesa de uma “*historiografia insurgente*”<sup>68</sup> do planejamento urbano, que vocalizasse as experiências de minorias étnicas e sexuais nas cidades. Na perspectiva dessa preocupação, Petra L. Doan editou a coletânea “*Queering Planning: Challenging heteronormative assumptions and reframing planning practice*” (2011), sendo um raro exemplar que

---

<sup>68</sup> HOLSTON, James. **Spaces of insurgent citizenship**. In SANDERCOCK, Leonie (Ed.). **Making the invisible visible**. Berkeley: University of California Press. P. 35-56

contempla as relações entre urbanismo e Teoria Queer e faz uma crítica do planejamento urbano de viés heterossexista. Em 2012, o professor José Almir Farias, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, publica na revista “*Advir*”, da Associação de Docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ASDUERJ) o que talvez seja um dos primeiros textos no Brasil sobre prática urbanística e diversidade sexual: “*Prática Urbanística e Diversidade Sexual*”, no qual questiona a possibilidade do Urbanismo contribuir para a emancipação da população LGBTT, as limitações técnicas e legais para a inclusão das políticas sexuais dentro da disciplina e conclui que esta não incorporou a transversalidade entre diversidade sexual e urbanismo<sup>69</sup>.

Nas convergências entre espaço urbano e antropologia, três obras tiveram importante contribuição para esta dissertação: “*O negócio do michê*”, de Nestor Perlongher (1987); “*A Cidade Modernista*” de James Holston (1993) e “*Beneath the Equator*” de Richard Parker (1999). Perlongher e Parker, acadêmicos abertamente gays e imersos nos ambientes urbanos homossexuais em São Paulo, Rio de Janeiro e Fortaleza, fornecem acuradas cartografias do desejo homoerótico nessas cidades e como essas cartografias foram moldadas pela circulação de corpos desviantes da heteronorma, acabando por alterar os espaços urbanos em questão. Já Holston complementaria a leitura de “*The Sociology of Architecture*” (2010) do sociólogo Paul Jones, obras que abordam as relações entre espaço urbano, formação de subjetividades individuais e de sociedades. As obras de historiografia da homossexualidade no Brasil de João Silvério Trevisan, “*Devassos no Paraíso*” (de 1986), James N. Green “*Além do Carnaval*” (de 1999) e “*Beneath the Equator*” de Richard Parker (1999) seriam basilares para estudar as relações entre homossexuais e espaços urbanos: ambas as obras dedicam amplos trechos aos espaços citadinos, apresentando mapas. Com foco na prostituição feminina, a obra da historiadora Margareth Rago “*Os prazeres da noite*” (2008), sustenta que reformas urbanas, sanitarismo e moralidade andariam juntas na repressão sexual (particularmente a feminina) e defende a “positividade” das zonas de meretrício<sup>70</sup> paulistas.

Todas essas obras foram importantes para posicionar o objeto de pesquisa: o espaço urbano e suas relações com sexualidades, com atenção especial à análise

---

<sup>69</sup> FARIAS Jose Almir. **Prática Urbanística e Diversidade Sexual**. In **Revista Advir**, julho de 2012, P. 100 - 112

<sup>70</sup> RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**. São Paulo: Paz e Terra, 2008. P. 196



espacial dos territórios sexuais de Brasília. Deliberadamente, deixei de lado clássicos da teoria arquitetônica e urbanística, como Venturi, Lynch, Choay, Benevolo e Pevsner não só por não querer me deter nos aspectos plásticos da Arquitetura, mas também por dar preferência à produção acadêmica de viés feminista e queer, aos discursos insurgentes em vez daqueles hegemônicos e largamente utilizados pelas academias.

## 2.5) Estrutura

A dissertação será dividida em três partes. A primeira, “*Das cidades aos corpos*”, abordará as relações que estariam envolvidas entre cidades e corpos, relações que seriam mútuas, onde tanto as cidades quanto os corpos se configurariam a si mesmos enquanto elementos prostéticos, isto é de extensão entre ambos. Dessa forma, a cidade espelharia o corpo e vice-versa. Nesse espelhamento, sugiro que os mesmos mecanismos de repressão sexual apontados por Herbert Marcuse que agiriam sobre o corpo também atuariam sobre a cidade, territorializando as sexualidades cidadinas em específicas áreas urbanas. Essa territorialização daria origem às geografias morais urbanas, que denunciariam quais territórios os corpos dissidentes deveriam pertencer e em quais não seriam aceitáveis suas presenças. Entre esses corpos dissidentes, estariam os dos homossexuais masculinos, em uma conflituosa relação com o capitalismo e com o urbano, de quem seriam crias e párias ao mesmo tempo. O capitalismo, ao moldar cidades, também teria moldado aos homossexuais, definindo suas identidades e desejos, delimitando sua presença em espaços urbanos, criando o que seriam materializações da metáfora do “armário” nas urbes (locais onde os homossexuais deveriam manter sua identidade ocultada). Serão abordados nessa parte, diversos espaços considerados abjetos, nos quais os corpos dissidentes se encontrariam em busca de reconhecimento e afetos, e que seriam importantes na formação política e identitária desses corpos. As relações arquitetônicas entre os corpos dissidentes e espaços permeiam transversalmente toda esta parte da dissertação.

A segunda parte explorará de que maneiras as Utopias urbanas teriam se endereçado às sexualidades. Será considerado aqui como cidade modernista o conjunto de teorias e práticas urbanísticas desenvolvidas durante o final do século XIX e início do XX, que seriam agrupados sob a alcunha de urbanismo moderno e que seriam sintetizados na construção de Brasília na década de 1950. Tecendo uma genealogia a partir das experiências utópicas dos séculos XVIII e XIX, analisa-se uma possível

continuidade do manejo da sexualidade pelo espaço presente em diversos empreendimentos utópicos, entre estes o Falanstério de Fourier, até a “utopia modernista”.

As utopias urbanas e arquitetônicas dos socialistas e industriais oitocentistas dariam lugar, com a emergência do Higienismo e do Sanitarismo, à “utopia higienista” e à medicalização da cidade. Com isto, a manipulação espacial convergiria para questões morais e as reformas urbanas passariam a funcionar como instrumentos de repressão aos corpos dissidentes em diversas cidades e escalas: o Higienismo, em intersecção com repressão sexual, reconfiguraria não só o espaço urbano, mas também o doméstico. A utopia higienista se agregaria paulatinamente à utopia modernista, e as propostas das casas modernas, assim como o questionamento das ruas-corredores, teriam preocupações com a moralidade de seus habitantes.

Como as questões morais estariam indissociadas das sexuais na época analisada, explora-se de que maneiras a Arquitetura e o Urbanismo teriam se endereçado à questão. Duas possibilidades: na primeira, ilustrada pela proposta de Flávio de Carvalho, “*A Cidade do Homem Nu*”, o projeto urbano funciona como libertador. Na segunda, indicada pelos Anais do I Congresso Brasileiro de Habitação, em 1931, a arquitetura preocupa-se em reprimir a sexualidade pela manipulação espacial.

A terceira parte analisa Brasília, especificamente o Plano Piloto, em relação com a presença de corpos dissidentes com seu espaço urbano, elaborando uma cartografia da geografia sexual. Ao analisar tanto o contexto internacional quanto o interno referentes às questões sexuais dos anos 1950, questiono se a construção de Brasília poderia ser vista por outra perspectiva: o rompimento com a geografia sexual carioca e como experimento sexual urbano. Partindo do antropólogo James Holston e do sociólogo Paul Jones, insiro a questão sexual no pressuposto analisado pelos pesquisadores citados: o de que uma nova ordem social, uma nova subjetividade, poderia ser formada de acordo com os valores de um projeto urbano, desde a escala da Nação até a do indivíduo. As questões sexuais não estariam limitadas ao corpo físico humano, sendo influenciadas desde o contato face a face com outros corpos nas ruas até políticas internacionais, de maneira que seria possível argumentar pela existência de uma “geopolítica sexual”, atuando na formação de identidades sexuais desde uma escala nacional até global. Dessa forma, sexualidades estariam implicadas na formação de identidades nacionais e também em disposições espaciais urbanas. Brasília não só teria reproduzido práticas

comuns aos corpos dissidentes em um nível nacional, como teria criado suas peculiaridades e reforçado assimetrias espaciais.

Para analisar as peculiaridades e as continuidades das práticas espaciais dissidentes em Brasília, relatos de homossexuais masculinos foram coletados, notícias de periódicos e sites, memórias pessoais. Os relatos indicariam que dois seriam os territórios sexuais que mais marcariam o imaginário e as práticas dos coletados: Parque da Cidade e Setor de Diversões Sul, o “*Conic*”. Dessa forma, as configurações espaciais dessas duas áreas são analisadas, contrapondo-as com uma fundamentação teórica multidisciplinar que aborda questões como sexo em locais públicos e os “armários” da cidade. A Avenida W3 Norte e o Setor Comercial Sul, também serão abordados, de forma que o presente trabalho possa cobrir os territórios de três grandes grupos de corpos dissidentes: homossexuais masculinos, profissionais do sexo, travestis. Dessa forma, as maneiras pelas quais o desenho urbano do Plano Piloto teria permitido “fissuras” onde formas de controle sobre os corpos dissidentes colapsariam serão analisadas e identificadas, em conjunto com as implicações essas fissuras na geografia sexual de Brasília e na formação política e identitária dissidente.

O trabalho conclui que Brasília seria (além de síntese da arquitetura moderna brasileira), uma experimentação não só urbana, mas também sexual. Brasília seria uma cidade não só de políticos, mas também de corpos dissidentes, que experimentariam a cidade de formas distintas e que revelariam o que o Plano Piloto de Lúcio Costa não conseguiria prever: as apropriações, para o prazer sexual do corpo, dos espaços liminares da capital. Esses corpos dissidentes criariam seus territórios sexuais entre as escalas clássicas de Brasília (monumental, gregária, residencial e bucólica) como pólos de resistência frente às forças homogeneizantes dos constructos abstratos do planejamento urbano, do capital e da heteronormatividade, em um constante processo de conquistas, perdas, reconquistas, negociações e apropriações de múltiplos resultados. Dessa forma, Brasília seria não só uma experimentação sexual em larga escala em constante construção, mas também um lócus privilegiado de estudo das intersecções entre espaço, sexualidade e Poder.

Além disso, esta dissertação aponta para um entendimento de que o espaço, apesar de não possuir características sexuais inerentes, não seria neutro em relação às políticas sexuais, sendo por vezes ferramenta fundamental em regulações que objetivariam conformar específicas subjetividades sexuais aos corpos. Na modernidade, diversos discursos (entre estes o arquitetônico e o urbanístico) afetariam o indivíduo em

seu processo de sedimentação identitária, mas que não o subjugaria a nenhum destes, dificultando especificar qual a prevalência de um discurso sobre o outro na conformação das subjetividades. A arquitetura, como disciplina que determinaria trajetórias de corpos sencientes e manipuladora de espaços (nos quais os corpos são conformados como seres sexuados), estaria desta forma, imersa nas ferramentas bio-políticas, em conjunto com outros saberes oriundos de diversas disciplinas. Porém, espaços, corpos e sexualidades formariam um *continuum* de difícil precisão dos seus limites, origem e fim.

### 3) Das cidades aos corpos

#### 3.1) Cidades e corpos.

*“The city is a map of hierarchy of desire, from the valorized to the stigmatized. It is divided into zones dictated by the way its citizens value or denigrate their needs. Separating the city into areas of specialization makes it possible to meet some needs more efficiently: it is also an attempt to reduce conflicts between opposing sets of desires and the roles people adopt to try fulfill those desires<sup>71</sup>”*

Pat Califia.

*“The case of San Francisco remind us that not simply human sociality but also the desire for sexual knowledge and stimulation, and the countless exchanges and transactions that desire has inspired, shapes cities as well<sup>72</sup>”*

Josh Sides

*“Cities are attractive to business because of transportation, availability of materials, and skilled workers. Cities are attractive to people because of the pleasures the city holds. Much of that pleasure is cultural, certainly. Jobs are necessary to afford those pleasures. But when the average male thinks about sex once every thirty seconds and the average female thinks about sex once every three minutes, pretty much throughout their lives, it is absurd to think that sexual pleasure and sexual opportunity are somehow exempt from the equations that make city life attractive and livable.<sup>73</sup>”*

Samuel R. Delany

Imaginemos uma hipotética cidade. Nesta, um bairro (vamos chamá-lo de Bairro Rosa) teria um parque muito freqüentado por homossexuais, além de oferecer imóveis a preços razoáveis. Alguns desses homossexuais alugariam imóveis atraídos pela indiferença da vizinhança, pelos preços e pela presença do parque. Alguns seriam bem sucedidos na instalação de suas residências e resolveriam montar negócios próprios no bairro, como bares que atrairiam outros homens de diversos locais da cidade. Esses visitantes acabariam gostando da tolerância de Rosa e, sabendo dos preços módicos praticados no bairro, resolvem então se mudarem para lá, onde começariam a estabelecer grupos de amigos e outros negócios próprios (que por sua vez atrairiam mais homens à Rosa). O bairro passa então a ter uma visível população masculina, o que teria efeito erótico naqueles homens que desejariam outros, fazendo-os circular mais em

---

<sup>71</sup> CALIFIA, Pat. **Public Sex: the culture of radical sex**. San Francisco, Cley Press, 1994, p 216

<sup>72</sup> SIDES, Josh. **Erotic city: sexual revolutions and the making of modern San Francisco**. Nova York, Oxford University Press, 2009, p. 10

<sup>73</sup> DELANY, Samuel R: **Times Square Red, Times Square Blue**. Nova York, New York University Press, 1999, p 169

Rosa a procura de parcerias. Em algum tempo, Rosa teria uma população majoritariamente masculina e se inscreveria no imaginário da cidade como referência de um bairro tolerante e homoerótico, ultrapassando as fronteiras cidadinas e atraindo migrantes de outras cidades em busca de espaços mais permissivos. Em Rosa, homens que desejam outros teriam sentimentos de pertença com grupos maiores de iguais, dialogariam com outros, desempenhariam suas subjetividades nos espaços do bairro, tornado suporte material para a construção de suas identidades. De acordo com Nestor Perlongher: “*conforme delimitam-se com mais clareza seus contornos geográficos, a identidade gay assume contornos cada vez mais totalizantes*”<sup>74</sup>. Rosa passaria a valorizar determinados corpos masculinos e estes se tornariam modelos para aqueles que quisessem morar ou conseguir parcerias por lá. Além disso, uma comunidade que teria uma identidade compartilhada seria formada em Rosa, se perceberiam como detentores de direitos e passariam a lutar por estes, chegando mesmo a conquistar alguns. Alguns bairros gays do mundo, como Castro (San Francisco) e West End (Vancouver) seguiriam histórias similares a esta em suas formações (figuras 04).



Figura 04: Castro, San Francisco, EUA.

A partir da formação de enclaves gays, espaços urbanos formados tendo como eixo a sexualidade dos moradores, levariam a algumas perguntas: seria “*possível pensar o espaço como organizador e produtor de gênero e sexualidade, mas também o gênero e*

---

<sup>74</sup> PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê: A prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Perseu Abramo, 1987. P 81.

*a sexualidade como produtores de cidade*<sup>75</sup>”? Que relações haveria entre sexo e espaços urbanos? Sexo e cidades aparentam serem inseparáveis: Seria nos centros urbanos onde sexualidades são reproduzidas, tendo como cenários desde a casa unifamiliar com sua “*suíte master*” até as áreas de prostituição e de “*pegação*” (sexo em local público). Seriam nas cidades onde reconhecimentos, controles e subversões são exercidos por e nos corpos sexuados. Seria no espaço urbano que nossos entendimentos sobre sexualidades são desenvolvidos e desempenhados, onde nossos preconceitos seriam praticados e/ou enfrentados, onde nossos desejos seriam permitidos, configurados ou reprimidos. As cidades seriam como campos de experimentação sexual e também onde as sexualidades seriam mais policiadas, escrutinizadas, expostas, comercializadas e manipuladas. Por facilitar o encontro de identidades pessoais e afinidades coletivas em diversas escalas (do corpo físico às plataformas políticas mais genéricas como raça, classe, religião, nacionalidade) as cidades não só ofereceriam um palco no qual são desempenhadas e negociadas diversas combinações de identidades sexuais como também permitiriam formas de encobrir formas de sexualidades estigmatizadas, proscritas ou mais específicas<sup>76</sup>. No anonimato proporcionado pelas urbes, os cidadãos passariam a enxergarem-se a si mesmos enquanto objetos e superfícies impregnados de significados sexuais, transformando as cidades em “*espaços arquetípicos da sexualidade moderna*<sup>77</sup>”.

Entretanto, não se poderia falar em “sexualidade moderna” como conceito monolítico, assim como conceber as cidades como um personagem universal. Pelo contrário, seria mais adequado falar em sexualidades (no plural) combinadas com diversas formas de urbes, em uma relação de múltiplas conseqüências. Para Elizabeth Grosz, haveria não só uma relação “prostética” entre cidades e os corpos físicos de seus habitantes (ou seja: de extensão entre ambos) como também as cidades seriam locais de produção, regulação e estruturação de corpos, além de serem locais de projeção, representação e desempenho das “fantasias” (desde fantasias sexuais a individuais, coletivas e políticas) desses corpos. Porém esses processos se dariam de forma complexa, envolvendo não só as especificidades como raça, gênero, classe, sexualidades, faixa etária, mas também as das cidades (administrativa, industrial,

---

<sup>75</sup> PILE, Steve. **Memory and the City**. In CAMPBELL, Jan; HABBORD, Janet (Eds.). **Temporalities, autobiography and everyday life**. Manchester: Manchester University Press, 2002. P.111-127

<sup>76</sup> TONKISS, Fran. **Space, the city and social theory: social relations and urban form**. Cambridge: Polity Press, 2005. P. 106

<sup>77</sup> KNOPP, Lawrence. **Sexuality and urban space**. In BELL, David; VALENTINE Gill. **Mapping Desire**. Nova York, Routledge, 1995, P. 152

portuária, turística, rural) e ainda a localização de corpos nas cidades (periferias, condomínios, bairros de alta e baixa renda). Além disso, outras instâncias atravessariam esses processos, como religião, política, cultura, nação. Essa complexidade forneceria diversas “identidades” corpóreas imbricadas em múltiplas relações espaciais, de forma que as materialidades citadinas seriam tão complexas quanto a dos corpos urbanitas<sup>78</sup>. Assim, as cidades produziriam uma plethora de corpos de distintas identidades sexuais e idiossincrasias próprias (que, por sua vez, refletiriam as das cidades nas quais se localizariam).

As idiossincrasias de cada cidade teriam influência nas configurações de seus “*mercados sexuais*”, que poderiam aqui ter duas abordagens: na primeira, mais ampla, o mercado sexual seria um subsistema dependente das configurações espaciais e transversalidades como classe, bairro, raça, gênero e orientação sexual, no qual seus participantes são mutuamente relevantes uns para os outros, comungando critérios, estratégias e valores concernentes à procura de parcerias sexuais, conforme Laumann *et al*<sup>79</sup>. Para estes autores, a metrópole não seria um campo infinito de experimentação sexual, sendo as possibilidades de parcerias de um corpo limitadas pelo lugar ocupado por este no subsistema acima citado. A segunda abordagem, mais restrita, será considerada aqui pela definição indicada no documento “*City of Sydney Adult Entertainment and Sex Industry Premises Development Control Plan 2006*<sup>80</sup>”: mercado sexual seria constituído pelos espaços urbanos e estabelecimentos onde serviços sexuais (comercializados ou não) seriam realizados. Ambas as abordagens indicariam que as cidades, mais do que um campo neutro no qual relações sexuais são praticadas, seriam agentes ativos na formação e limitação de sexualidades (promovendo algumas, reprimindo e mesmo comercializando outras) e de nossos desejos eróticos.

Por sua vez, desejos eróticos poderiam moldar a cidade em mapas cognitivos ou até fisicamente, inserindo-se no imaginário e mesmo na materialidade urbana. Em contrapartida, certas parcelas do espaço urbano seriam capazes de induzir a determinados desejos eróticos, colaborando na sedimentação das identidades sexuais dos urbanitas. A simbiose entre sexualidades e espaços urbanos seria sugerida por diversos antropólogos cujos objetos de pesquisa são a relação de grupos sexuais dentro

---

<sup>78</sup> GROSZ, Elizabeth. **Architecture from the outside: Essays on virtual and real space**. Athens: MIT Press, 2001. P. 49-50

<sup>79</sup> LAUMANN...{et al}. **The Sexual organization of the city**. Chicago: Chicago University Press, 2004.P. 12-13

<sup>80</sup> **City of Sydney Adult Entertainment and Sex Industry Premises Development Control Plan 2006**



de cidades, como Nestor Perlongher e Richard Parker. Para o primeiro, ruas do Centro de São Paulo, dialogariam abertamente com os corpos dissidentes circulantes no local em sua formação como referência na geografia sexual paulista<sup>81</sup>. Para o segundo, áreas centrais de Rio e São Paulo teriam configurações que seguiriam os desejos circulantes pelos seus espaços, ofertando ou suprimindo estabelecimentos ou elementos espaciais que favorecessem a circulação dos desejos proscritos por uma cidade “normativa<sup>82</sup>”. Além dos antropólogos, diversos geógrafos (como Steve Pile, David Bell, Gil Valentine, Phil Hubbard) e filósofas feministas que exploram as interseções entre arquitetura, gênero e sexualidades (como Elizabeth Grosz e Beatriz Preciado) enxergariam convergências entre espaços urbanos, arquitetura e desejos eróticos. Para esses pesquisadores, o desejo, ao materializar-se, sexualizaria o espaço e teria a capacidade de configurar o espaço construído<sup>83</sup> e a induzir a novas subjetividades, a novas identidades, a formação de novos corpos. Sem desejo, não haveria áreas públicas de “pegação”, não haveriam ruas especializadas em prostituição, bares e boates gays, *shopping-centers*, casas do Lago Sul. Não só os desejos eróticos, mas suas vicissitudes (como repressão e liberação)<sup>84</sup> poderiam também atuar na formação dos espaços urbanos (por meio de políticas de reformas e zoneamentos urbanos), conforme sugerem o geógrafo Steve Pile e a historiadora Margareth Rago.

Mas, como algo tão subjetivo como desejos eróticos de corpos poderia influenciar na materialidade dos espaços urbanos, e sob que forças? Capitalismo e heteronormatividade poderiam figurar entre as forças que agiriam sobre a presença dos corpos dissidentes nas cidades, regulando sua concentração ou repulsão em determinados espaços. A convergência entre heteronormatividade e capitalismo seria indicada por diversos geógrafos, como Phil Hubbard e Michael P. Brown, além de urbanistas como Petra L. Doan. Para esses teóricos, as cidades capitalistas seriam ordenadas de forma a promover a unidade familiar heterossexual monogâmica reprodutiva e das identidades sexuais que estariam implicadas nessa promoção<sup>85</sup>, além de dificultar a visibilidade, concentração e acesso aos espaços urbanos dos corpos

---

<sup>81</sup> PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê: A prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Perseu Abramo, 1987. P 71-85.

<sup>82</sup> PARKER, Richard. **Beneath the Equator: Cultures of desire, male homosexuality and emerging gay communities in Brazil**. Nova York: Routledge, 1999.

<sup>83</sup> BINNIE, Jon Binnie. **Erotic possibilities of the city**. In BELL, David ... {et al.}. **Pleasure Zones: bodies, cities, spaces**. Nova York: Syracuse University Press, 2001, p 108

<sup>84</sup> PILE, Steve. **The Body and the City: psychoanalysis, space and subjectivity**. Nova York: Routledge, 1996, p 212

<sup>85</sup> HUBBARD, Phil: **Cities and sexualities**. .Nova York, Routledge, 2012. P 30

dissidentes, criando materializações da metáfora do “armário” (*closet*) na cidade<sup>86</sup>. O armário seria um local de segregação, aonde alguém esconderia sua sexualidade do escrutínio público. Essa possível segregação espacial heteronormativa seria sugerida por Michael Warner, para quem esse apartamento seria dominante, permitindo que a “heterossexualidade seja infinitamente visível e publicamente apoiada enquanto sexualidades não normativas devem ser privatizadas a ponto de ser tornarem invisíveis e inacessíveis<sup>87</sup>”.

Para Grosz<sup>88</sup>, as cidades seriam cruciais na formação da corporeidade sexuada dos corpos, inserindo-os em configurações espaciais implicadas em relações de Poder que por sua vez organizariam a vida familiar, sexual e cultural das cidades, estabelecendo os lócus sociais de cada corpo no espaço urbano. Por outro lado, os corpos também seriam ativos na formação e constituição do espaço urbano, ambos mutuamente implicados em suas configurações, o que problematizaria limites entre corpos e cidades. Grosz sugere ainda que corpos e cidades não seriam identidades distintas, monolíticas, e sim uma acumulação (*assemblages*) de partes capazes de se misturar umas as outras de diversas formas e formando novas relações.

Para que haja essa interação entre corpo e cidade, seria necessário entender o primeiro para além de sua materialidade irreduzível, entendê-lo como um artefato em constante manejo: uma construção social, sobre a qual incidiriam momento histórico, lócus social do corpo, capital, sexualidade, configurações espaciais. Para Jose Miguel G. Cortés, os corpos seriam sempre um resultado provisório de “*um continuo processo de absorção de estruturas culturais e espaciais a partir de uma série de impulsos e potencialidades sujeitos a desejos e pulsões conflitivas*<sup>89</sup>”. Para David Harvey, o corpo teria seu potencial ontológico e performativo dependente do ambiente físico, social e econômico de dado espaço e tempo<sup>90</sup>, sendo o capital um dos mais poderosos agentes que atuariam sobre o corpo. Harvey entende o corpo como uma estratégia de acumulação de capital, onde o último moldaria, conforme seus requisitos,

---

<sup>86</sup> BROWN, Michael P.: **Closet space: Geographies of metaphor from the body to the globe**. Nova York: Routledge, 2000.

<sup>87</sup> WARNER, Michael in JAGOSE, Annamarie Jagose. **Queer World Making: Annamarie Jagose Interviews Michael Warner**. *Genders*, 31,2000. P. 30

<sup>88</sup> GROSZ, Elizabeth: **Bodies-Cities**. In. COLOMINA, Beatriz. **Sexuality and Space**. New Jersey: Princeton University School of Architecture, 1990. P.241-253

<sup>89</sup> CORTÉS, Jose Miguel G. **Políticas do Espaço**. São Paulo: Senac, 2008, p 136.

<sup>90</sup> HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Loyola, 2004. P. 137

o primeiro, além de conformar, sincronicamente, tanto as “opções” oferecidas aos corpos em termos de sexualidade quanto regulamentos sexuais<sup>91</sup>.

Harvey e Grosz indicariam que as configurações mútuas entre cidades e corpos teriam na sexualidade um dos seus eixos de atuação: o espaço construído teria de alguma forma, capacidade de influenciar da formação das subjetividades corpóreas. Cidades, corpos e sexualidades se conformariam simbioticamente. Segundo Pallasmaa, “*eu me experimento na cidade; a cidade existe por meio de minha experiência corporal. A cidade e meu corpo se complementam e se definem. Eu moro na cidade, e cidade mora em mim.*”<sup>92</sup>. Essa complementação entre corpos e cidades seria formulada por Paola Berenstein Jacques da seguinte forma: “*Seria interessante então considerar que corpo e cidade se configuram mutuamente e que, além dos corpos ficarem inscritos nas cidades, as cidades também ficam inscritas e configuram os nossos corpos*”<sup>93</sup>. Assim, corpo e cidade estariam sujeitos a uma configuração mútua sob efeito de diversas forças, que teriam repercussões tanto na materialidade dos espaços construídos quanto na subjetividade sexual dos corpos em uma relação complexa de limites imprecisos e instáveis. Sendo a sexualidade objeto de constantes regulamentações, seria possível questionar se os mesmos mecanismos de repressão sexual que atuam sobre os corpos também atuariam sobre o ambiente construído.

### 3.2) A repressão sexual: dos corpos aos espaços urbanos.

*“o abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo no “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito”*<sup>94</sup>.

Judith Butler

Para Herbert Marcuse<sup>95</sup>, o corpo seria um território físico que deveria ser ordenado funcionalmente e espacialmente com o objetivo de torná-lo “civilizado”. Marcuse sugere que o corpo humano seria em si mesmo uma zona erógena, sem claros limites entre a genitália e o restante do corpo físico e com potencial para funcionar de diversas

<sup>91</sup> HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Loyola, 2004. P. 157

<sup>92</sup> PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Booksman, 2001. P.38

<sup>93</sup> JACQUES, Paola Berenstein. **Zonas de Tensão**. In JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana Dultra (org.). **Corpocidade: debates, ações e articulações**. Salvador: Editora UFBA, 2009. P 144.

<sup>94</sup> BUTLER, Judith. **Bodies that matter: on the discursive limits of sex**. Nova York: Routledge, 1993. P. 155

<sup>95</sup> MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

formas objetivando o prazer sexual. Porém, agiriam sobre o corpo forças de “repressão sexual” canalizando o potencial erótico do corpo para sua “genitalização” (delimitação física) e função (a cópula reprodutiva heterossexual). Assim, o desejo erótico seria delimitado fisicamente e funcionalmente por meio de diversos mecanismos de repressão, sob o pretexto de tornar o corpo disciplinado e viabilizando, assim, a “Civilização”. Essa limitação física e funcional formaria uma matriz excludente, definindo os desejos eróticos não contemplados pela genitalização e procriação como “*perversos*”. Se (conforme sugerido por Grosz) corpos e cidades formariam uma relação simbiótica e de limites imprecisos, atuaria também sobre as cidades esforços para sua deserotização e delimitação física do que seria considerado “perverso” de maneira a civilizar as urbes.

Mas o que seria considerado “perverso” no cenário urbano? Farei aqui uma ponte entre Judith Butler e Herbert Marcuse, ambos críticos da heterossexualidade procriativa enquanto norma civilizatória: Se a matriz butleriana produziria corpos “abjetos” (ou dissidentes) e se a matriz marcuseana definiria desejos “perversos”, os corpos considerados abjetos teriam desejos definidos como perversos. Se o espaço urbano seria organizado via “*matriz heterossexual*”<sup>96</sup>, haveria então uma matriz excludente que produziria espaços abjetos nos quais os desejos perversos seriam procurados e desempenhados pelos corpos dissidentes. Espaços de “abjeção” e “perversão”. Esses espaços poderiam ser identificados por uma multiplicidade de lugares: áreas de meretrício, cinemas pornô, parques e banheiros públicos, saunas gays, casas de massagem, boates de strip-tease, bordéis, clubes de trocas de casais e sadomasoquismo, “*cruising bars*”, “*dark rooms*”. A transposição da repressão sexual do nível do corpo para a escala cidadina poderia ser identificada nas reformas, zoneamentos e regulações urbanas que atingiriam esses espaços, utilizando discursos de “revitalização”, “segurança” e “qualidade de vida”. Voltando a Marcuse, atuaria também na cidade seu conceito de “mais repressão”: novas e constantes formas de repressão sexual atuariam nas cidades, em permanente re-territorialização, supressão e liberação de parcelas dos espaços urbanos frequentados pelos corpos dissidentes.

---

<sup>96</sup> TONKISS, Fran. **Space, the city and social theory: social relations and urban form**. Cambridge: Polity Press, 2005. P. 105

Para Steve Pile<sup>97</sup>, os espaços urbanos seriam análogos aos da subjetividade: consciência, precsciência, inconsciência. Esses três espaços subjetivos estariam em uma constante luta entre si por controle e expressão, projetando essa luta no corpo e deste para os ambientes urbanos. Para Pile, “abjeção” seria um constante estado de vigília, manutenção e policiamento objetivando manter não só a mente “limpa”, mas também os corpos e as cidades, em uma relação na qual Poder, subjetividade e espaços estariam implicados em suas configurações mútuas e na qual o espaço seria importante para a repressão dos impulsos considerados indesejáveis. Para o geógrafo, a repressão sexual imposta aos corpos teria transposições em diversas escalas: da mente aos corpos, dos corpos às cidades e por fim ao Estado Nação. Dessa maneira, o espaço urbano seria configurado também por meio de um constante esforço de repressão sexual sobre os corpos e vigilância sobre os capazes de induzir a sentimentos de abjeção.

O papel da repressão sexual na configuração espacial também seria indicado por Michel Foucault e Henri Lefebvre. Para o primeiro, a cruzada anti-masturbatória dos séculos XVIII e XIX, preocupada em canalizar a sexualidade adolescente e púbere (e a viabilizar um adulto burguês civilizado), levaria a uma “*nova organização, uma nova física do espaço familiar*”<sup>98</sup>, tornando a arquitetura doméstica (especialmente a burguesa) produtora de espaços sexualmente assépticos que permitiriam a vigilância sobre as crianças e criados, de modo a impedir contatos sexuais entre estes e com o próprio corpo. Para o segundo<sup>99</sup>, a moradia e o espaço burguês seriam “genitalizados” e configurados por meio de uma filtragem do erótico e de uma repressão libidinal, que seria ao mesmo tempo enclausuradora e censora. Segundo Lefebvre, o “espaço abstrato” dos planejadores urbanos, ao mesmo tempo em que “*negaria o sensual e o sexual*”, teria na genitalidade da unidade familiar sua referência<sup>100</sup>. A reconfiguração espacial da residência indicada por Foucault acompanharia certo desenvolvimento da noção de “espaço íntimo”, talvez ausente das populosas casas européias da Era Clássica e do início da Moderna: os cômodos onde se dormiam eram integrados a outros espaços e os leitos acomodavam varias pessoas, entre família, parentes e serviçais. A repressão sexual e a emergência da intimidade levariam a uma progressiva separação entre cômodos privados e de uso comum e a uma hierarquização espacial, tendo o quarto do

---

<sup>97</sup> PILE, Steve. **The body and the city: psychoanalysis, space and subjectivity**. Nova York: Routledge, 1996.

<sup>98</sup> FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. P. 311

<sup>99</sup> LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space**. Oxford: Blackwell, 1991. P. 233 e 315

<sup>100</sup> LEFEBVRE, Henri. Op. Cit. P 49-50

casal parental se tornado “*o templo da sexualidade legítima*”<sup>101</sup>”. Foucault e Lefebvre apontam para uma necessidade de produção espacial que permitisse uma repressão sexual mais eficiente, eliminando espaços intermediários, filtrando o potencialmente erótico, enclausurando corpos e promovendo a célula monogâmica heterossexual reprodutiva. Essa repressão não atuaria apenas sobre os corpos ou sobre a arquitetura doméstica, mas também na formação dos espaços urbanos, imprimindo nestes determinada ordem moral.

Desta forma, uma cidade ordenada moralmente pelo espaço teria duas configurações: uma, seria a cidade formada pelos espaços das sexualidades privilegiadas dos corpos inseridos no alto de uma escala moral; a outra seria formada pelos espaços de abjeção frequentados pelos corpos considerados “imorais”. Conforme sugere o antropólogo Gray Wray McDonough:

*“especializar a imoralidade permite a outros se identificarem a si mesmos como virtuosos por locação e comportamento assim como espaço e virtude reforçam um ao outro enquanto mundos sociais intimamente excludentes*”<sup>102</sup>”.

Assim, essa ordenação do espaço visaria, por meio da repressão sexual, territorializar (ainda que com limites imprecisos, fisicamente e subjetivamente) a cidade em zonas morais e imorais, cada uma com seus respectivos corpos. As experiências das zonas de meretrício em diversas cidades do mundo e tempos históricos exemplificariam bem essa dicotomia urbana fundada sobre relações entre corpos sexuais e espaços. Necessário, neste momento, traçar uma breve história destas experiências:

A urbanização observada na Europa durante o século XIX levaria a uma maior visibilidade da prostituição nas metrópoles emergentes, chamando a atenção de sanitaristas, higienistas sociais, reformadores urbanos e autoridades políticas e médicas. A prostituição era vista como um “cancro” não só social quanto espacial: era mister confiná-lo em determinados espaços para que não se espalhasse por toda a cidade. Em 1802, era instituída, em Paris, uma “polícia de costumes” (*Bureau des Moeurs*) objetivando controlar prostitutas e monitorar áreas de meretrício (incluindo a população fixa e flutuante dessas áreas, que incluía homossexuais). Em 1836, Alexandre Parent-Duchâtelet, higienista e reformador social, publicava um estudo sobre as prostitutas de Paris, sendo considerado um dos primeiros a inter-relacionar sociologicamente

---

<sup>101</sup> BOZON, Michel. **Sociologia da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. P. 34

<sup>102</sup> MCDONOUGH, Gray Wray. **Myth, space and virtue: bars, gender and change in Barcelona's Barrio Chino** In. LOW, Setha M. Low; LAWRENCE-ZÚÑIGA, Denise. **The anthropology of space and place**. Oxford: Blackwell, 2003. P. 265

sexualidades e espaços<sup>103</sup>. Duchâtelet posteriormente seria encarregado de diversas comissões formadas com o intuito de combater as epidemias de cólera e sífilis e promover a saúde pública e sistemas de esgoto na França. A experiência francesa do controle da prostituição por meio de um sistema considerado “abolicionista” (não criminalizando a prostituição, porém confinando-a espacialmente na cidade para maior controle e regulação) se tornaria modelo para diversos países, entre os quais, o Brasil.

A historiadora Margareth Rago, ao estudar a prostituição feminina na cidade de São Paulo entre 1890 e 1930, nas políticas abolicionistas e suas extensões para o espaço urbano no Brasil, convergiram higienistas, reformadores sociais e urbanistas para a repressão sexual. Apesar do código penal de 1830 não criminalizar a prostituição, havia distinção entre mulheres “honestas” e “públicas” e a tendência, nas cidades brasileiras, seria zonificar e concentrar o meretrício, retirando-o dos centros das cidades ou das proximidades de bairros de famílias de classes abastadas<sup>104</sup>.

Rago sugere que a reforma urbana paulista de 1911, sob a prefeitura de Antônio Prado, tinha nos meretrícios instalados no entorno da Praça da Sé um alvo a ser erradicado<sup>105</sup> e que as melhorias das moradias operárias promovidas por políticos e industriais paulistanos vislumbravam evitar que o operário preferisse cabarés e botequins às suas casas<sup>106</sup>, tornando áreas boêmias e de meretrício objetos de preocupação e intervenção e áreas residenciais proletárias alvos de melhorias e controles disciplinares. Em 1928, as autoridades e a guarda civil paulistana passaram a delimitar as áreas de meretrício, com o objetivo de afastá-las de áreas familiares e de controlar as prostitutas e a população flutuante dos meretrícios, culminando com a política de segregacionismo explícito do prefeito Adhemar de Barros, em 1940<sup>107</sup>. Para Sarah Feldman, um exemplo da convergência entre princípios higienistas e preservação de valores morais estaria na delimitação física do meretrício do Bom Retiro, em São Paulo, entre 1940 e 1953<sup>108</sup>. Dessa forma, observa-se a territorialização da prostituição na cidade em um contínuo processo de “mais-repressão”, como meio de controlar os corpos dissidentes.

---

<sup>103</sup> HUBBARD, Phil. **Cities and sexualities**. Nova York: Routledge, 2012. P. 43

<sup>104</sup> FIGARI, Carlos. **Eróticas de la disidencia em America Latina: Brasil, siglos XVII al XX**. Buenos Aires: Clacso, 2009. P. 110

<sup>105</sup> RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**. São Paulo: Paz e Terra, 2008. P. 100

<sup>106</sup> RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**. São Paulo: Paz e Terra, 1985. P. 196

<sup>107</sup> DO CARMO, Paulo Sérgio. **Entre a luxúria e o pudor: A história do sexo no Brasil**. São Paulo: Octavo, 2011. P. 255-280

<sup>108</sup> FELDMAN, Sarah. **Planejamento e zoneamento: São Paulo 1947-1972**. São Paulo: Edusp, 2005. P.151

O confinamento dos corpos dissidentes e a separação destes dos corpos “honestos” por meio de regulações urbanas não só forneceria certa “ordem” ao espaço urbano, mas criaria uma “geografia moral”, que determinaria quais comportamentos e corpos seriam mais adequados a particulares locais citadinos, regulando sexualidades pelo espaço: do bordel ao meretrício, deste para a cidade e desta para a Nação. Indicando intersecções entre espaço, sexualidade, leis e moralidade, a batalha pela “ordem urbana” seria também um confronto entre a cidade noturna e a diurna, indicando que a geografia moral teria temporalidades específicas dotadas de significados distintos. A noite forneceria os espaços escuros dos meretrícios e da imoralidade, enquanto o dia os espaços salutareos e moralizadores da família e do trabalho. Segundo Anthony Vidler, os espaços escuros, o que era *fora* das casas familiares burguesas, eram tidos como patológicos, ameaçando corromper o corpo do burguês, sendo necessário fomentar espaços cada vez mais “transparentes” e iluminados, o que culminaria nos “espaços higiênicos” dos urbanistas modernos, entre estes, Le Corbusier<sup>109</sup>.

Dessa forma, a repressão sexual poderia ser identificada como produtora de espaços urbanos tendo como exemplos as políticas de confinamento de meretrícios. Espelhando a repressão sexual atuante no corpo, essas políticas se esforçariam em deserrotizar o espaço urbano e “genitalizá-lo” em determinados locais, de preferência invisíveis para os corpos burgueses. Esse processo de asepsia sexual urbana teria paralelo no mesmo processo doméstico observado por Foucault. Os esforços para reprimir as sexualidades dissidentes refletiriam a promoção da heterossexualidade reprodutiva monogâmica e sua centralidade na matriz urbana, criando os espaços propícios para a reprodução familiar e acumulação do capital via consumo doméstico. Assim, os espaços abjetos de procura por desejos perversos se tornariam objeto de regulação, controle e tentativas de extirpação, em intersecções entre Poder, repressão sexual e espaço. Porém, ao confinar os corpos dissidentes, seriam criados mecanismos de formação identitária e resistência, conforme indicado por Knopp:

*“O poder é uma coisa estranhamente contraditória. Parece sempre para conter as sementes de sua própria subversão. Assim que diferença é construída (espacialmente) para facilitar a acumulação de poder, a diferença (espacializada) está igualmente empoderada”<sup>110</sup>“*

---

<sup>109</sup> VIDLER, Anthony. **The Architectural uncanny: Essays in the modern unhomey**. Cambridge: MIT Press, 1992. P. 167-172

<sup>110</sup> No original em inglês: “Power is a strangely contradictory thing. It seems always to contain the seeds of its own subversion. As difference is constructed (spatially) to facilitate the accumulation of power, that (spatialised) difference is also empowered.” KNOPP, Lawrence. **Sexuality and urban space**. In.



### 3.3) Homossexualidades masculinas e cidades:

*“San Francisco é um campo de refugiados para homossexuais. Nós chegamos aqui vindos de todas as partes da nação e como os refugiados de todos os lugares, nós viemos não porque seja tão bom aqui, mas porque era muito ruim lá.”<sup>111</sup>*

Carl Witman

Antes do termo “*homossexual*” ter sido cunhado pelo médico austro-húngaro Karl-Maria Kertbney em 1869<sup>112</sup>, cidades e corpos que desejavam outros do mesmo sexo já compartilhavam de longa historiografia, chegando mesmo a comungar do mesmo adjetivo de origem citadina: “*sodomita*”<sup>113</sup>, termo utilizado para estigmatizar todos os corpos dissidentes da heterossexualidade reprodutiva monogâmica até o surgimento do termo cunhado por Kertbney. Já na Idade Média, centros urbanos como Florença, Veneza, Paris, Chartres e Orleans, durante o século XI, eram acusados de serem centros homossexuais notórios, já com pontos de encontro de sodomitas cartografados e visível subcultura própria<sup>114</sup>. A cartografia dos espaços abjetos levaria a repressão: Veneza, no século XV, registrava o policiamento da área portuária para desestimular o encontro de sodomitas<sup>115</sup>; Paris, Londres e Amsterdam, no século XVII, reforçavam a cartografia e policiamento de estabelecimentos e áreas públicas que favorecessem encontros de corpos dissidentes<sup>116</sup>. O historiador David Higgs<sup>117</sup>, coletando roteiros dos sodomitas em diversas cidades desde o século XVII, indica que as cartografias tinham em comum certos espaços urbanos: parques e banheiros públicos, casas de banho, espaços liminares, áreas de meretrício, cinemas, teatros. Como esses espaços eram típicos produtos da urbanização, se teria uma relação atávica entre corpos dissidentes e a cidade, chegando a última a ser sinônimo de homossexualidade e perigo para as famílias no século XX<sup>118</sup>.

---

BELL, David; VALENTINE, Gill. **Mapping desire: geographies of sexuality**. Nova York: Routledge, 1995. P. 159

<sup>111</sup> No original em inglês: “*San Francisco is a refugee camp for homosexuals. We fled here from every part of nation, like refugees everywhere; we came not because it is so great here, but because it is so bad there*”. WITMAN, Carl. **The Gay Manifesto**, 1969. Disponível em

<[http://www.againstequality.org/files/refugees\\_from\\_amerika\\_a\\_gay\\_manifesto\\_1969.pdf](http://www.againstequality.org/files/refugees_from_amerika_a_gay_manifesto_1969.pdf)>

<sup>112</sup> ALDRICH, Robert. **Gay life and culture: A world history**. Londres: Thames & Hudson, P. 167

<sup>113</sup> ABRAHAM, Julie. **Metropolitan lovers: the homosexuality of cities**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009. P. XIII

<sup>114</sup> RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: As minorias na Idade Média**. Tradução de Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1993. P.141.

<sup>115</sup> ALDRICH, Robert. Op. cit. P. 71

<sup>116</sup> ALDRICH, Robert. Op. cit. P. 106

<sup>117</sup> HIGGS, David. **Queer sites: gay urban histories since 1600**. Nova York: Routledge, 1999.

<sup>118</sup> ABRAHAM, Julie. Op. Cit. P. 169-181

Urbanização, capitalismo e homossexualidades teriam uma relação simbiótica e conflitante, senão atávicas: teria sido o próprio capitalismo que permitiria o surgimento do que seria convencionalizado como a “*identidade*” homossexual<sup>119</sup>, ao permitir que, nas cidades crescentes, homens e mulheres se libertassem dos laços familiares e da vigilância imposta aos corpos dissidentes nas comunidades rurais, por meio do trabalho remunerado. Segundo Hocquenghem, o capitalismo não só “*fabrica homossexuais como produz proletários*”<sup>120</sup>, como define os contornos sociais e os desejos do homossexual em uma territorialização desde o nível do corpo ao do Estado. Ao atrair contingentes cada vez maiores de corpos para as cidades, o capitalismo permitiria que o anonimato oferecido pelas massas urbanas, contraditoriamente, pavimentasse o caminho para a formação identitária “*homossexual*” e “*lésbica*”. Dessa maneira, a concentração de corpos dissidentes em espaços abjetos, em espaços que “*concentrariam a cidade*” (com toda sua fluidez de corpos diferentes, estranheza, indiferença mútua, anonimato, perigo e vigilância) e que ofereceriam facilidades de encontros sexuais<sup>121</sup>, tornariam suas identidades “*legíveis*” de tal forma que se tornariam exemplos de cidadãos frutos da modernidade urbana<sup>122</sup>.

O papel do ambiente urbano na formação identitária homossexual teria críticas, por impor o que seria conceituado como “*metronormatividade*”<sup>123</sup>: o pressuposto socialmente construído (especialmente no mundo anglo-saxão) de que o espaço rural seria heterossexual e que o urbano seria artificial e homossexual<sup>124</sup>. A metronormatividade estaria relacionada com a hiper-valorização do urbano como referência absoluta para uma suposta vida de liberdade e satisfação sexual, que supostamente só a metrópole poderia garantir em contraposição aos ambientes rurais, tidos como opressores, homofóbicos e incapazes de fornecer vida cultural, afetiva e sexual significativa. A metrópole seria o destino inevitável para os corpos dissidentes rurais, que seriam, nos espaços públicos da grande cidade, assimilados, conformando

---

<sup>119</sup> D'EMILIO, Jonh. **Capitalism and gay identity**. In: ABELOVE, Guy (Ed.). **The Lesbian and Gay studies reader**. Nova York: Routledge, 1993. P. 467-476

<sup>120</sup> HOCQUENGHEM, Guy. **The Homosexual desire**. Londres: Durham University Press 1978. P 50

<sup>121</sup> BECH, Henning. **When men meet: Homosexuality and modernity**. Cambridge: Polty Press, 1997. P. 159

<sup>122</sup> ABRAHAM, Julie. Op. Cit. Pg. 41.

<sup>123</sup> O termo “metronormatividade” teria sido cunhado pela teórica queer Judith Halberstam. Ver HALBERSTAM, Judith. **In a queer time and place: transgender bodies, subcultural lives**. Nova York: New York University Press, 2005. P 22-23.

<sup>124</sup> HOGAN, Katie. **Undoing nature: coalition building as queer environmentalism**. In MORTIMER-SANDILANDS; DICKSON, Bruce. MORTIMER-SANDILANDS, Catriona; ERICKSON, Bruce. **Queer ecologies: sex, nature, politics, desire**. Bloomington: Indiana University Press. 2010. P 243.

uma trajetória espacial implicada nas narrativas subjetivas de corpos dissidentes rurais. Assim, teria-se em uma dicotomia geográfica (urbano/rural) um elemento determinante da formação identitária homossexual. A metronormatividade seria baseada em pressupostos não necessariamente verdadeiros: primeiro, que a assimilação dos corpos dissidentes rurais se daria isenta de conflitos. Segundo, a grande cidade não seria necessariamente mais tolerante e diversa do que núcleos rurais. Terceiro, uma complexa teia de tendências estéticas, nichos socioeconômicos, preconceitos horizontais e espacialidades funcionariam mais como opressores e normatizadores sobre corpos dissidentes rurais do que como vetores de liberdade nas metrópoles<sup>125</sup>.

A presença de corpos dissidentes teria impacto no espaço urbano de certas cidades, especialmente no contexto norte-americano: San Francisco, Nova York, Chicago e Vancouver apresentariam formações chamadas de “*gay urban villages*” ou “guetos” gays. Essas concentrações espaciais, inicialmente surgidas em bairros boêmios, liminares e/ou deteriorados, com oferta de moradia barata, teriam amplo impacto na formação identitária e política das comunidades homossexuais: teriam sido nas cidades onde dissidentes foram exitosos na formação de bairros residenciais (com negócios próprios e orientados, políticas locais) que direitos civis pioneiros foram alcançados<sup>126</sup> e/ou uma precoce consciência política seria formada, como em Nollendorfplatz, Berlin (que teria sido o primeiro bairro gay relatado, em 1922).

Joseph Allen Boone, no livro “*Libidinal currents: sexuality and the shaping of modernism*”, sugere que esses bairros nos quais identidades sexuais não normativas, nos quais corpos dissidentes se concentravam, eram espaços liminares “esquecidos” pela imposição do modelo de cidade em malha e vias axiais que, nos Estados Unidos, seriam o modelo principal e ubíquo do urbanismo moderno<sup>127</sup>. Bairros como Greenwich Village, em Nova York (figura 05), e Castro, em San Francisco, se tornariam emblemáticos: o primeiro, como contra-exemplo ao urbanismo modernista (como sugerido por Jane Jacobs<sup>128</sup>), o segundo, como local de formação política e identitária de consequências globais<sup>129</sup>. Verificando fotos áreas de alguns famosos bairros gays do

---

<sup>125</sup> HERING, Scott. **Another Country: queer anti-urbanism**. Nova York: New York University Press, 2010. P. 1-29

<sup>126</sup> KENNEY, Moira Rachel. **Remember, Stonewall was a riot**. In. SANDERCOCK, Leonie (Ed.). **Making the invisible visible**. Berkeley: University of California Press. p. 120-132

<sup>127</sup> BOONE, Joseph Allen. **Libidinal currents: Sexuality and the shaping of modernism**, Chicago: The University of Chicago Press, 1998.P. 212

<sup>128</sup> JACOBS, Jane. **Vida e morte das grandes cidades**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2011.

<sup>129</sup> SIDES, Josh. **Erotic city: sexual revolutions and the making of modern San Francisco**. Nova York: Oxford University Press, 2009

mundo, alguns remeteriam às áreas liminares (De Waterkan na Cidade do Cabo, Chapinero em Bogotá, West End em Vancouver) ou com uma visível diferença espacial em relação ao entorno, como La Chueca em Madrid (figuras 06 a 10).



Fig.05: Greenwich Village, Nova York: ponto esquecido na malha?



Fig.07: West End, Vancouver, Canadá.



Fig.08: Chapinero, Bogotá, Colômbia.



Fig.09: La Chueca, Madrid, Espanha.



Figura 10: De Waterkan, Cidade do Cabo, África do Sul. A liminaridade do bairro é visível.



No contexto brasileiro, não se observou a formação de guetos gays nos moldes norte-americanos, apesar do antropólogo Nestor Perlongher, em seu estudo sobre a prostituição viril na cidade de São Paulo, sugerir que a Boca do Lixo, situada no bairro da Luz, ao redor da Rua do Triunfo, no Centro (figura 11) poderia ser considerada um gueto gay, por atender alguns dos requisitos estipulados por Martin P. Levine<sup>130</sup>: “*concentração institucional*” (bares, saunas, hotéis, cinemas pornô), “*área de cultura*” (na qual determinada subcultura seria identificada e desempenhada) e “*isolamento social*”. Apenas um requisito, o de “*concentração residencial*” não seria de todo observável na área estudada pelo antropólogo. Partindo da posição de Perlongher, e fundamentando-se nos estudos de Richard Parker e James N. Green sobre os espaços urbanos dos corpos dissidentes de Fortaleza e do Rio de Janeiro, seria possível indicar a presença de guetos nessas cidades, ainda que imersos em espaços “normativos”. Os espaços urbanos estudados pelos pesquisadores citados teriam impacto sobre a formação das identidades homossexuais brasileiras. João Silvério Trevisan, na sua basilar obra sobre a história da homossexualidade no Brasil<sup>131</sup>, também indica a proeminência de certos espaços urbanos cariocas e paulistas na formação política, cultural e identitária dos corpos dissidentes brasileiros.



Figura 11: Boca do lixo em São Paulo.

---

<sup>130</sup> PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê: A prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Perseu Abramo, 1987. P. 69-83

<sup>131</sup> TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

Entre as cidades brasileiras, o Rio de Janeiro se tornaria emblemático na sua geografia homossexual organizada em transversalidade com estruturas de poder, classe e raça. Os primeiros registros da presença de sodomitas nos espaços urbanos cariocas vêm da segunda metade do século XIX, através de relatos policiais, registros médicos e alarmes de pânico moral na imprensa<sup>132</sup>, cartografando os espaços abjetos da época: Largo do Rocio, Campo de Santana, Passeio Público, Largo do Paço, Porto. Cidade com grande contingente populacional masculino, rápido crescimento demográfico e melhorias urbanas, o Rio de Janeiro teria seus novos espaços públicos sendo apropriados por sodomitas: o Largo do Rocio (figura 12 e 13) com seu paisagismo orgânico, bancos e largas calçadas seria um destes, chegando, em 1878, a ser fechado depois da meia noite para evitar “abusos contrários a moral<sup>133</sup>”. O professor Viveiros de Castro afirmava: “O Largo do Rocio foi antigamente celebre por ser o lugar onde á noite reuniam-se os pederastas passivos á espera de quem os desejasse<sup>134</sup>”.

Outro espaço urbano apropriado seria o parque que seria conhecido como “Passeio Público”: Higgs sugere que a mudança de *layout* do parque, de uma geometria retilínea de inspiração francesa (que favoreceria a vigilância) para curvas mais indisciplinadas dos “*garden parks*” ingleses, em 1862, teria favorecido a ocupação do Passeio Público pelos corpos dissidentes à noite<sup>135</sup>. Os espaços cartografados dos sodomitas cariocas localizavam-se no que se tornaria o “Centro” da cidade e, com a institucionalização destes como espaços abjetos a partir do século XIX, a capital do Império apresentaria crescente e visível territorialização sexual que refletiria as assimetrias de classe e raça: O Centro como área de degradação, vício e mestiçagem, e os subúrbios como espaços sadios e propícios às famílias brancas. O Centro do Rio permaneceria até o século XXI como sinônimo de corpos dissidentes, promiscuidade de raças e classes, desejos eróticos, perigos<sup>136</sup>.

---

<sup>132</sup> GREEN, James N. POLITO, Ronald. **Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004. P. 29-31

<sup>133</sup> GREEN, James N.: **Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo, Ed. UNESP, 1999. P. 55

<sup>134</sup> CASTRO, Viveiros. **Attentados ao pudor**. Rio de Janeiro: Editora Freitas Bastos, 1932. P. 222

<sup>135</sup> HIGGS, David. **Queer sites: gay urban histories since 1600**. Nova York: Routledge, 1999. P. 145

<sup>136</sup> PARKER, Richard. **Beneath the Equator: Cultures of desire, male homosexuality and emerging gay communities in Brazil**. Nova York: Routledge, 1999. P. 130



Figura 12: Largo do Rocio no começo do século XX.



Figura 13: Largo do Rocio (já Praça Tiradentes) no começo do século XX.

Durante o século XIX, os corpos dissidentes então chamados de sodomitas ergueram suas “Sodomas” nas cidades acima citadas, que seriam construídas de forma efêmera, em constante (re) negociação entre espaços urbanos, forças policiais, médicas. Em algumas destas cidades, as Sodomas marcariam não só o imaginário, mas também a paisagem urbana local, como San Francisco e Nova York, perpetuando-se durante o século seguinte e fornecendo bases territoriais para a formação identitária e política de da “*espécie*”<sup>137</sup> que seria criada a partir de 1869 (o “homossexual”). O capitalismo e a urbanização seriam protagonistas na formação identitária dos homossexuais, levando-os a se relacionar de forma atávica e antagônica com um dos responsáveis pela sua existência: as cidades e seus espaços abjetos.

---

<sup>137</sup> FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999. P. 44



### 3.4) Os espaços abjetos das cidades:

Os relatos policiais, médicos e os alarmes de pânico moral da imprensa carioca do século XIX forneceram indícios da cartografia homossexual do Rio de Janeiro e seus espaços abjetos: os parques públicos, o banheiro do Largo do Rocio, os porões dos Teatros, as casas de banho, as ruas escuras do Centro, os espaços liminares atrás de conventos e igrejas. O Rio compartilhava com outras cidades do Brasil e do mundo os mesmos espaços nos quais os corpos dissidentes se encontravam. Com o século XX, veio os cinemas, os banheiros de shoppings, estações de trem e de metrô, as boates, os *cruising bars*. Alguns desses espaços se tornariam “instituições” que atravessariam a história de diversas gerações de corpos dissidentes em suas cidades, ainda mantendo-se nos espaços urbanos e marcando o imaginário e a formação identitária coletiva dos dissidentes locais. A constância e a presença de determinados espaços abjetos nos grandes centros urbanos chamaria a atenção de pesquisadores de várias disciplinas quanto aos processos histórico-sociais (e suas consequências) que estariam envolvidos na territorialização destes espaços<sup>138</sup>.

Seriam diversos os processos que levariam a formação dos espaços abjetos: capitalismo, heteronormatividade, repressão sexual, políticas urbanas, desejos eróticos. Diversos também seriam as condições oferecidas por esses espaços: disponibilidade de corpos, anonimato, impessoalidade, permeabilidade (fácil acesso e fuga), escuridão. E, ainda, diversos também seriam os espaços abjetos: saunas, cinemas pornô, banheiros e parques públicos, clubes de sexo (desde os de troca de casais heterossexuais aos de sadomasoquismo), *cruising bars* (bares com reservados ou salas escuras para a prática de sexo grupal ou em duplas). E, ainda, cada espaço teria seu próprio impacto sobre a sexualidade de um corpo dissidente, de forma que seria possível falar que existiria uma identidade específica de corpo dissidente atuando (e sendo impactado) em específicos espaços<sup>139</sup>. Além disso, cada espaço abjeto requereria particulares configurações arquitetônicas, com o objetivo de teatralizar condutas, induzir desejos eróticos, desempenhar identidades, congregar corpos dissidentes. As necessidades de configuração arquitetônica dos espaços abjetos indicariam que poderia haver uma intersecção entre Arquitetura e sexualidades na formação de subjetividades e corpos

---

<sup>138</sup> LEAP. William L. (Ed.). **Public sex, gay space**. Nova York: Columbia University Press, 1999. P 3

<sup>139</sup> HOLLISTER, Jonh. **A highway rest area as a reproducible site**. In. LEAP. William L. (Ed.). **Public sex, gay space**. Nova York: Columbia University Press, 1999. P 56-70.

dissidentes. Beatriz Preciado sugere existir espaços nos quais a arquitetura atuaria sobre o desempenho e a subjetividade sexual, teatralizando relações (e que denomina “pornotopias”) e que teriam a capacidade de

“(…) establecer relaciones singulares entre espacio, sexualidad, placer y tecnología, superando las convenciones sexuales o de género y produciendo la subjetividad sexual como un derivado de sus operaciones espaciales<sup>140</sup>”.

Partindo do conceito foucaultiano de “heterotopia”, Preciado sugere serem as pornotopias espaços nos quais a arquitetura teria a capacidade de suspender convenções sexuais vigentes, espaços que seriam ao mesmo tempo físicos e mentais, liminares e imersos à ordem estabelecida e relações de poder. Pornotopias seriam suítes de lua de mel, quartos de motéis, saunas, boates, clubes de swing, *cruising bars*, *sex-shops*, *dark-rooms*, banheiros públicos, etc. Seriam pontos específicos no espaço (material ou não, confinado ou não) intimamente ligados à formação de identidades, nos quais atuamos e temos experiências, inseridos em uma tridimensionalidade mais abrangente de lugares, uma “*n-dimensionalidade de espaços identitários*”<sup>141</sup> permeada de sincronicidades e multiplicidades de atores.

Saunas gays, cinemas pornô, banheiros e parques públicos onde ocorram encontros sexuais fugiriam aos esforços de confiná-los a rígidos esquemas de descrição detalhada, objetividade ou neutralidade científica e comprovação documental. Muitas vezes são espaços invisíveis, efêmeros e não documentados, que surgem em um processo de construção social dos significados eróticos que carregariam (como áreas públicas de encontros sexuais). Tomando emprestado o conceito de Judith Butler, esse processo de construção sugere que os espaços seriam “*performativos*”, ou seja, resultados de uma constante “*estilização*” espacial que acabaria por fixar comportamentos e identidades aos corpos dissidentes que porventura se deslocam por esses espaços. Para Butler: “*la performatividad debe entender-se, no como um “acto” singular y deliberado, sino, antes bien, como la práctica reiterativa y referencial mediante la cual el discurso produce los efectos que nombra*”<sup>142</sup>. Dessa maneira, determinados espaços não carregariam significados eróticos a priori, sendo necessário que ocorram atos inconscientes e sistemáticos que acabariam por fixar determinada “*identidade*” dentro

---

<sup>140</sup> PRECIADO, Beatriz. **Pornotopia: arquitectura y sexualidad em Playboy durante la guerra fría**. Madrid, Anagrama, 2010. P. 120

<sup>141</sup> MASSEY, Doreen: **Space, place and gender**. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1994. P.1

<sup>142</sup> BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**. Tradução de Alcira Bixio. Buenos Aires: Paidós, 2002. P 19

de quadros regulatórios específicos a determinados espaços. Parques, cinemas e banheiros públicos poderiam ser elencados entre os espaços que surgem, como potencialidade sexual, ao serem performatizados.

É necessário aqui, fazer uma distinção entre “performance” e “performatividade” pois para Butler, a primeira implica em um sujeito consciente que pratica determinado ato, enquanto o segundo requer atos pré-existentes ao sujeito que os pratica. Deslocando o binômio performance-performatividade para espaços, poderia se sugerir que haveriam aqueles nos quais uma determinada performance é requisitada e outros que surgem por performatividade. Dessa maneira, as pornotopias seriam espaços oferecidos *a priori* e que *pedem* (ou induzem) determinados desempenhos por parte dos corpos dissidentes, enquanto locais públicos (parques, banheiros) só surgiriam após serem desempenhados enquanto espaços de possibilidades eróticas. Voltando ao Rio de Janeiro do século XIX: O Largo do Rocio (hoje Praça Tiradentes) era apenas uma praça dada a priori, cuja configuração e localização espacial teriam permitido que corpos dissidentes acabassem por desempenhar atos que acabariam por fixar o estigma de abjeto ao espaço. Assim, espaços abjetos nasceriam espontaneamente por serem desempenhados ou nasceriam propositadamente ao serem criados e oferecidos aos corpos dissidentes.

### 3.4.1) Saunas

Os espaços abjetos seriam formados em relação à uma suposta matriz urbana heteronormativa e essa relação poderia ser de “oposição” ou de “complementação”. Por oposição: Judith Halberstam sugere que os espaços abjetos (que ela denomina como “*queer spaces*”) surgiriam como resistência e negação do espaço heteronormativo, como local de refúgio de corpos dissidentes e nos quais outras lógicas espaciais e temporais seriam desempenhadas<sup>143</sup>. Para Steve Pile, espaços de resistência seriam todos aqueles nos quais poderiam ser mapeadas formas de relutância frente ao capital e heteronormatividade, sendo o próprio corpo físico um desses espaços<sup>144</sup>. Para Beatriz Preciado, as pornotopias de resistência seriam aquelas nas quais o espaço público das cidades seriam tomados por subjetividades sexuais habitualmente não visíveis na cartografia urbana, funcionando como “*brechas em la topografia sexual de la*

---

<sup>143</sup> HALBERSTAM, Judith. **In a queer time and place: transgender bodies, subcultural lives**. Nova York: New York University Press, 2005. P 1-12

<sup>144</sup> PILE, Steve; KEITH, Michael. **Geographies of resistance**. Nova York: Routledge, 1997. P. 1-32

*ciudad*<sup>145</sup>” e alterando os códigos normativos de gênero e sexualidade, práticas corporais e produção de prazer. Dessa maneira, a resistência frente a opressão exercida pela heteronormatividade sobre os corpos dissidentes seria efetuada já na escala do próprio corpo e deste para os espaços abjetos e daí para a cidade. Entretanto, Natalie Oswin sugere que não haveria uma relação de oposição e sim que os espaços abjetos seriam complementares aos heteronormativos e capitalistas, reproduzindo formas de dominação e controle que se estenderiam para além da dicotomia opressão/resistência<sup>146</sup>. Sugiro uma síntese entre os dois pontos de vista: os espaços abjetos surgiriam da opressão sobre os corpos dissidentes, sendo focos de resistência, mas *também* reproduziriam relações de poder e controle.

Entre os espaços que teriam sido criados em oposição ao hostil ambiente heteronormativo (mas que exerceriam controles sobre os corpos) estariam saunas gays. Para o historiador Allan Berubé, as saunas gays (dentro de um contexto norte-americano) teriam pavimentado o caminho para a formação identitária e política ao mesmo tempo em que seriam tentativas de oferecer aos corpos dissidentes ambientes seguro e de reconhecimento individual e comunitário<sup>147</sup>. Os primeiros registros de saunas como potenciais espaços homossexuais masculinos, nos Estados Unidos, datam de 1890. No Brasil, as primeiras casas de banho instaladas no Rio de Janeiro e São Paulo no final do século XIX também teriam forte componente homoerótico. Porém, saunas são estabelecimentos comerciais e estariam submetidos a lógicas capitalistas. Dessa forma, seriam espaços de resistência mediados pelo mercado e que reproduziriam controles de corpos dissidentes baseados no capital.

### 3.4.2) Parques

Entre as “brechas” indicadas por Preciado, estariam os locais públicos nos quais ocorre a procura por parcerias sexuais como parques, praças e banheiros. Para William L. Leap, sexo em locais públicos e comportamento de risco seriam componentes fundamentais e inseparáveis da formação identitária e cultural dos homossexuais

---

<sup>145</sup> PRECIADO, Beatriz. **Pornotopia: arquitectura y sexualidad em Playboy durante la guerra fría**. Madrid, Anagrama, 2010. P. 121

<sup>146</sup> OSWIN, Natalie. **Critical geographies and the uses of sexuality: deconstructing queer spaces**. In **Progress in Human Geography**. Fevereiro de 2008, volume 32. Número 1. P. 89

<sup>147</sup> BÉRUBÉ, Allan. **The History of Gay Bathhouses**. In. **Journal of Homosexuality**, 2003, 44: 3, P. 33

masculinos<sup>148</sup>. A permanência histórica destes espaços públicos poderia ser verificada nos já citados registros de Higgs e Aldwin das cartografias homoeróticas de cidades desde a Idade Média até os dias atuais. Esta permanência problematiza a dicotomia entre público e privado e relações de poder: para Leap, a definição do que seria “público” já seria definida a priori por regulamentações estatais e isso teria repercussões nas disposições espaciais/arquitetônicas das identidades masculinas<sup>149</sup>.

Para o arquiteto Aaron Betsky, as áreas de pegação aconteceriam “*infallivelmente*” em locais nos quais uma suposta racionalidade da estrutura urbana deixaria de funcionar por não ser funcional<sup>150</sup>. Seriam áreas liminares nas quais formas de controle e vigilância sobre os corpos colapsariam e permitiriam a visibilidade e o encontro de corpos dissidentes. Seriam nós não cartografados no mapa urbano, que forneceriam mapas cognitivos com rotas de acesso e fugas elaborados por desejos, medos e afetos. Seriam fissuras que acabariam por moldar mapas subversivos para os corpos dissidentes, imersos em uma cartografia inserida e invisível para a cidade normativa<sup>151</sup>. Para Sara Ahmed, a “orientação” sexual teria direções espaciais, seria como “linhas” físicas pelas quais o espaço guiaria corpos em direção a outros<sup>152</sup>. Dessa maneira, poderia se sugerir que as áreas nas quais os controles sobre corpos dissidentes colapsam seriam “*pontos nodais*” onde linhas de orientações sexuais dissidentes convergiriam.

Essas áreas de colapso teriam em comum a temporalidade e o escapismo: apenas no escuro da noite estariam em funcionamento e seriam “utopias” (espaços fora da heteronormatividade, da homofobia institucionalizada<sup>153</sup>). Seriam espaços de subversão da dicotomia público/ privado construída pelo Estado e das formas espaciais de controle de corpos no cenário urbano, já que o espaço público sofreria constantes tentativas, por parte do Estado, de regulamentar, cercear e limitar o desejo sexual e atos consensuais,

---

<sup>148</sup> . LEAP, William L. (Ed.). **Public sex, gay space**. Nova York: Columbia University Press, 1999. P 2

<sup>149</sup> LEAP, William L. (Ed.). **Public sex, gay space**. Nova York: Columbia University Press, 1999. P. 4

<sup>150</sup> No original: “*cruising grounds unerringly occur at the places where the supposed rationale of the urban structure falls apart because it is not functional.*”

BETSKY, Aaron. **Queer Spaces: Architecture and Same Sex Desire**. Nova York: Morrow, 1997. P.147

<sup>151</sup> CHAUNCEY, George. **Gay New York: Gender, Urban Culture, and the Making of the Gay Male World 1890-1940**. Nova York: Basic Books, 1994. P. 23

<sup>152</sup> AHMED, Sara. **Queer phenomenology: orientations, objects, others**. Londres: Duke University Press, 2006. P. 68-92

<sup>153</sup> MUÑOZ, José Esteban Muñoz. **Cruising Utopia: the then and there of a queer futurity**. Nova York: New York University Press, 2009. P. 35

principalmente os das mulheres e minorias sexuais<sup>154</sup>. A presença de profissionais do sexo e/ou corpos dissidentes em espaços públicos demonstraria às autoridades heteronormativas que seu controle sobre a cidade não estaria completa<sup>155</sup>, fazendo essas autoridades contestarem permanentemente essas áreas sob diversos discursos: segurança pública, requalificação urbana e atualização de layouts. Para Gordon Brent Ingram, haveria uma pouco noticiada “*homofobia por design*”<sup>156</sup> (“*homophobia by design*”) em instâncias administrativas responsáveis por áreas públicas que constantemente reformulariam essas áreas com melhorias cujo objetivo implícito seria desestimular oportunidades de encontro dos corpos dissidentes: eliminação de design em curvas, iluminação “cênica” em manchas de vegetação, corte de arbustos e moitas, construção de barreiras físicas, supressão de rotas para espaços liminares, etc.

Para Catriona Mortimer-Sandilands e Bruce Erickson<sup>157</sup>, apesar dos esforços dos planejadores de parques em desencorajar a apropriação por corpos dissidentes para além dos usos sancionados, os dissidentes utilizariam os parques não só para contatos sexuais individuais (ou grupais), mas também para ativismo orientado para a formação comunitária (como por exemplo, as “*Gaymadas*” do Parque da Cidade em Brasília<sup>158</sup>). Ainda segundo os autores, seria ironicamente nos parques (que seriam desenhados para desencorajar a presença homossexual) que os limites entre natureza e homoerotismo seriam borrados e uma comunidade sexual seria criada de maneiras transgressivas e, freqüentemente, invisíveis para a parcela “normativa” de usuários. Mortimer-Sandilands e Erickson ainda lembram que parques públicos são, a priori, espaços *disciplinares*, nos quais determinadas formas *oficiais* de contato com a natureza são autorizadas, experimentadas e incentivadas. Dessa maneira, a apropriação sexual dos parques (seja por homossexuais ou práticas heterossexuais não convencionais) seria não só uma rebelião contra o uso sancionado oficial como também uma “democratização” da experimentação da natureza presente nestes espaços.

---

<sup>154</sup> INGRAM, Gordon Brent. **Open space as strategic queer sites**. INGRAM, Gordon Brent; BOUTHILLETTE, Anne-Marie; RETTER, Yolanda (Eds.). **Queers in Space: communities, public places, sites of resistance**. Seattle: Bay Press, 1997. P. 95-125

<sup>155</sup> HUBBARD, Phil. **Cities and sexualities**. Nova York: Routledge, 2012. P. 41

<sup>156</sup> INGRAM, Gordon Brent. **Open space as strategic queer sites**. INGRAM, Gordon Brent; BOUTHILLETTE, Anne-Marie; RETTER, Yolanda (Eds.). **Queers in Space: communities, public places, sites of resistance**. Seattle: Bay Press, 1997. P. 96

<sup>157</sup> MORTIMER-SANDILANDS, Catriona; ERICKSON, Bruce. **Queer ecologies: sex, nature, politics, desire**. Bloomington: Indiana University Press. 2010. P 26.

<sup>158</sup> Disponível em <[HTTP://gaymada.gay1.com.br](http://gaymada.gay1.com.br)>

Jane Jacobs, no clássico “*Morte e vida de grandes cidades*” sugere que haveria alguns parques que se tornariam “*local de perversão*”<sup>159</sup> e que seriam reprojatados almejando dispersar seus frequentadores, subsidiando a homofobia por design proposta por Brent Ingram. Jacobs ainda afirma que “*degenerados*” teriam se entrincheirado nesses parques pervertidos porque o contexto urbano teria propiciado o abandono desses locais pela população<sup>160</sup>. Em sua defesa por uma cidade rica em convivência de pessoas, Jacobs defenderia que os parques deveriam atrair uma multiplicidade de pessoas e usos pela diversidade física de suas adjacências. Os parques seriam abandonados pelas pessoas não só pela dificuldade de acesso, mas também pela percepção de insegurança que proporcionavam. Assim, por falharem ao oferecer segurança, atrações, centralidade e acesso as pessoas, esses parques seriam espaços nos quais vigilâncias colapsariam, e permitiram a apropriação desses locais para atividades geralmente desaprovadas nos espaços públicos.

Mas, porque espaços públicos seriam objetos de apropriação pelos corpos dissidentes? Para George Chauncey, ao estudar as espacialidades urbanas homossexuais de Nova York entre os anos 1890 e 1940, as áreas públicas eram preferidas pelos corpos dissidentes de poucos recursos econômicos que, vivendo em locais com pouca possibilidade de privacidade e com constante vigilância, teriam nessas áreas espaços de liberdade e possibilidades eróticas<sup>161</sup>. Ainda no contexto nova-iorquino, o escritor Samuel R. Delany sugere que o grau de ansiedade e perigo que envolveria relações sexuais domésticas dos corpos dissidentes, faria das áreas públicas espaços preferidos e necessários<sup>162</sup>. Green observa situação similar no Rio de Janeiro, onde cortiços superpopulosos levariam os corpos dissidentes aos espaços públicos cariocas nos quais teriam, contraditoriamente, *privacidade*. Além disso, as áreas públicas com fácil acesso, possibilidades de entrada e fuga protegidas pelo anonimato, indiferença das multidões urbanas e pela variedade de corpos oferecida por essas mesmas multidões exerceriam atração e excitação para corpos dissidentes, funcionando como áreas liberadas para o desempenho dos desejos perversos.

---

<sup>159</sup> JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de Maria Estela Helder Cavalheiro. São Paulo: Martins Fontes, 2011. P. 101

<sup>160</sup> JACOBS, Jane. Op. Cit. P. 107

<sup>161</sup> CHAUNCEY, George. **Gay New York: Gender, Urban Culture, and the Making of the Gay Male World 1890-1940**. Nova York: Basic Books, 1994. P 195-205

<sup>162</sup> DELANY, Samuel R.: **Times Square red, Times Square blue**. Nova York: New York University Press, 1999. P. 127

Em um nível mais subjetivo, as áreas de pegação seriam espaços de liberdade e resistência masculinos: “*fazer sexo anônimo em um beco escuro é prestar homenagem ao sonho de liberdade masculina*”<sup>163</sup>. Dessa forma, manteriam uma suposta dicotomia estabelecida durante o século XIX entre o espaço público masculino e o doméstico feminino<sup>164</sup>. E ainda, seriam espaços nos quais aconteceria uma “*despersonalização do indivíduo pela assimilação espacial*”<sup>165</sup> pelo escuro, já que esses espaços teriam temporalidades noturnas. Ao ter nos limites do corpo uma referência mais objetiva do que paredes e tetos, seriam espaços nos quais a arquitetura seria “traída” por formas de sexualidades, sociabilidades e espacialidades: seria uma espécie de arquitetura que se torna arquitetura ao ser traída, sem se tornar uma Arquitetura<sup>166</sup>. Para Aaron Betsky, seriam espaços nos quais a arquitetura seria efêmera, não sobrevivendo após os orgasmos<sup>167</sup>.

Porém esses espaços de maneira alguma abrigariam situações “*incontroláveis e dionisíacas*”<sup>168</sup>, mas sim possuiriam rígidos códigos de sociabilidade variáveis de acordo com os corpos dissidentes e determinados espaços, códigos na maioria das vezes não verbalizados e sim negociados por olhares e movimentos corporais. Dessa forma, seriam espaços fugazes que ocorreriam durante o escuro das noites, formando uma arquitetura subjetiva que teria imprecisos limites físicos e permeabilidades entre corpo e espaço, e negociados por códigos rígidos não verbalizados, sua razão de existir. Ainda que inserida em um cenário urbano material, quantificável e observável, essas áreas seriam ao mesmo tempo estados subjetivos e físicos dos corpos dissidentes. Porém, ao funcionar efemeramente e sob escuridão, esses espaços também invisibilizariam os corpos dissidentes, podendo ser considerados representações espaciais do “armário”: locais onde corpos dissidentes devem esconder suas identidades do escrutínio hostil.

---

<sup>163</sup> PAGLIA, Camille. **Sexo, arte e cultura Americana**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. P. 36

<sup>164</sup> PRECIADO, Beatriz. **Pornotopia: arquitectura y sexualidad em “Playboy” durante la guerra fria**. Madrid: Anagrama, 2010. P. 35

<sup>165</sup> RICCO, Jonh Paul. **The Logic of the Lure**. Chicago: Chicago University Press, 2002. P. 10

<sup>166</sup> RICCO, Jonh Paul. Op. Cit. P. 7-10

<sup>167</sup> BETSKY, Aaron. **Queer Spaces: Architecture and Same Sex Desire**. Nova York: Morrow, 1997. Pg 141-165

<sup>168</sup> DELANY, Samuel R. Op. cit. P. 158



### 3.4.2) Os armários da cidade.

Uma corrente metáfora utilizada para significar que alguém mantém sua identidade sexual em segredo é dizer que está “dentro do armário”. É uma metáfora espacial que sugere um movimento de sair do esconderijo sugerido pelo armário para o espaço público da identidade revelada. O armário seria uma metáfora arquitetônica que extravasaria do corpo que se declara para os espaços circundantes<sup>169</sup> e teria repercussões na escala urbana, como sugerido pelo geógrafo Michael P. Brown em seu livro “*Closet Space: geographies of metaphor from de body to the globe*”. Para Brown, haveria reproduções do armário em escala urbana, reproduções que seriam táticas e estratégias de poderes heteronormativos sobre a cidade, como objetivo de minimizar a visibilidade dos corpos dissidentes nas urbes<sup>170</sup>. Sugere também que o armário na escala urbana seria produto material da heteronormatividade intencionando comoditizar o desejo homossexual a fim de lucrar com este, inserindo-o em relações capitalistas<sup>171</sup>.

Porém, para Brown, as reproduções do armário na escala urbana não seria uma via de mão única, isto é, apenas efeito de forçar heteronormativas: os próprios corpos dissidentes reproduziriam o armário em diversas escalas, desde o reservado do banheiro público destinado ao sexo anônimo à boate escondida em uma distante área não residencial. O armário seria sinônimo aqui de espaços abjetos: espaços que devem ser ocultados daqueles corpos e outros espaços produzidos pela matriz heteronormativa, mantendo os abjetos e perversos fora do escrutínio público. Poderia sugerir então que a reprodução do armário na escala urbana seria então produto de opressão e de auto-preservação. Pela opressão: se conforme sugerido por Sarah Ahmed, orientações sexuais seriam em si mesmas espaciais, funcionando como linhas físicas direcionadas a determinados corpos objetos de desejos eróticos, interromper essas linhas (fisicamente e subjetivamente) dentro das cidades minimizariam as possibilidades de encontros dos corpos dissidentes, diminuindo as possibilidades de formações identitárias, comunitárias e políticas. Os dispositivos disciplinares<sup>172</sup> sugeridos por Foucault, entre estes arranjos arquitetônicos em conjunto com discursos, seriam utilizados para interromper as linhas

---

<sup>169</sup> URBACH, Henry. *Closets, Clothes, disclosure*. In. RENDEL, Jane; PENNER, Barbara; BORDEN, Iain. *Gender, space, architecture: an interdisciplinary introduction*. Nova York: Routledge, 2000. P. 342-352

<sup>170</sup> BROWN, Michael P.: *Closet Space: geographies of metaphor from de body to the globe*. Nova York: Routledge, 2000.

<sup>171</sup> BROWN, Michael P. Op. Cit. Pg. 56.

<sup>172</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000. P. 244

sugeridas por Ahmed. Já por auto-preservação, para manter os pontos nodais da cartografia sexual urbana nos quais as formas de controle sobre os corpos dissidentes colapsam, os próprios dissidentes invisibilizariam esses nós estrategicamente para protegê-los, porém, no ato de esconder, de certa forma reproduziriam a heteronormatização do espaço urbano.

Dessa forma, os armários que representariam os espaços abjetos seriam criados por repressão e por auto-preservação, e ainda estariam submetidos à comoditização com o objetivo de lucrar em cima da resistência e/ou da opressão exercida sobre os corpos dissidentes. Os armários representariam a transposição da repressão identitária desde o corpo até a escala urbana, em um movimento contraditório de resistência e cumplicidade com a ordem heteronormativa estabelecida e com relações de consumo. A produção de armários na cidade estaria implicada em relações de poder nas quais espaços, distância, acessibilidade, interação social, visibilidade corporal e comunitária seriam manipuladas com o objetivo de dificultar que corpos dissidentes consigam desempenhar seus desejos. Essas manipulações teriam na Arquitetura um dos seus dispositivos disciplinares e estariam presentes desde zoneamentos que forçariam pornotopias obedecer a determinadas distâncias físicas entre si, regulamentações urbanas que afetariam fachadas e publicidade de pornotopias, até constantes mudanças em layouts de espaços com o objetivo de torná-los marcos físicos da heteronormatividade, como por exemplo, os banheiros públicos<sup>173</sup>.

### 3.4.3) Os banheiros públicos.

Os banheiros públicos surgiriam das necessidades de distinção social da burguesia parisiense no final do século XVIII, porém sua proliferação nas cidades se daria apenas na virada do século XIX, favorecida pelos avanços técnicos da Engenharia Hidráulica e Sanitária e como meio de controle higiênico das populações urbanas<sup>174</sup>. Coincidem cronologicamente com a instituição da dicotomia entre hetero e homossexualidade e seriam cúmplices arquitetônicos da normalização da primeira e da patologização da

---

<sup>173</sup> JEYANSINGHAM, Dharman. **Building heteronormativity: the social and material reconstruction of men's public toilets as spaces of heterosexuality.** In. *Social & Cultural Geography*, 11 (4). p. 307-325

<sup>174</sup> CAVANAGH, Sheila E.: **Queering Bathrooms: gender, sexuality and the hygienic imagination.** Toronto: University of Toronto Press, 2010. P. 28

segunda<sup>175</sup>. Sheila E. Cavanagh sugere que os banheiros públicos exerceriam papel fundamental na diferenciação dos gêneros e seriam espaços arquitetônicos que funcionariam como dispositivos disciplinares e educadores do corpo. Cavanagh e Beatriz Preciado Preciado convergem para entender os banheiros públicos como espaços próstéticos e como “*tecnologia de gênero*”, por implicar na conformação de identidades corpóreas e de seus gêneros sexuais, desautorizando corpos não “legíveis” (isto é, sem diferenciação sexual explícita) em seus interiores. Para certos corpos dissidentes que rompem barreiras estéticas e físicas dos estereótipos de gênero, o banheiro público seria um limite para sua mobilidade no espaço público<sup>176</sup>.

Para Lee Edelman, o banheiro público masculino é, ao mesmo tempo, um palco no qual um imperativo heteronormativo é desempenhado e um “armário” para o corpo masculino. Seriam espaços que, ao mesmo tempo em que foram desenhados levando em consideração particularidades do corpo masculino, se empenhariam em desenhar também sua subjetividade<sup>177</sup>. A arquitetura, nesses banheiros, seria meticulosamente regulatória. Porém, os banheiros públicos masculinos se tornariam um dos mais constantes e nítidos espaços abjetos das cidades modernas, não só por sua permanência física e imaginária na paisagem urbana, mas também por estarem conectados com a abjeção associada à fecalidade. Os banheiros públicos se tornariam espaços abjetos por serem facilmente identificáveis, de fácil acesso, permitirem ao mesmo tempo privacidade e serem públicos (o que forneceria um constante fluxo de corpos), além de fornecerem impessoalidade, anonimato e visibilidade de potenciais parcerias<sup>178</sup>.

No Brasil, banheiros públicos instalados no Rio de Janeiro, em São Paulo e Salvador atravessariam o século XX como espaços abjetos e apropriados pelos corpos dissidentes. James N. Green sugere que os banheiros públicos cariocas e paulistas, como o do Largo do Rocio e da Estação da Luz eram um dos poucos locais nos quais os corpos dissidentes poderiam ter a possibilidade de conhecer parceiros em potencial<sup>179</sup>. Trevisan, em “*Devassos no Paraíso*” relata diversas situações envolvendo banheiros públicos na historiografia da homossexualidade brasileira. Richard Parker sugere que

---

<sup>175</sup> PRECIADO, Beatriz. **Basura y género**. Disponível em

<<https://sites.google.com/a/goumh.umh.es/arquitecturasdeldeseo/materiales-docentes>>

<sup>176</sup> HALBERSTAM, Judith. **Female Masculinity**. Durham: Duke University Press, 1998. P. 22

<sup>177</sup> EDELMAN, Lee. **Men’s room**. In. SANDERS, Joel. **Stud: architectures of masculinity**. Nova York: Princeton Architectural Press, 1996. P. 152-161

<sup>178</sup> HUMPHREYS, Laud. **Tearoom trade: impersonal sex in public places**. In. LEAP, William L. (Ed.). **Public sex, gay space**. Nova York: Columbia University Press, 1999. P. 29-54.

<sup>179</sup> GREEN, James N.: **Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo, Ed. UNESP, 1999. P. 98

apropriação dos banheiros públicos cariocas seria uma espécie de batalha para conquistar “*territórios inimigos*” por meio da “*transgressão do apropriado decoro (hetero) sexual*” com o objetivo de construir “*um mundo gay semi-secreto (ainda que consciente)*” inserido dentro de um arranjo arquitetônico basilar da sociedade heteronormativa e de sua estrutura urbana<sup>180</sup>.

Mudanças nos layouts dos banheiros públicos masculinos desde seu surgimento nas sociedades burguesas européias do século XIX seriam não só impactados pelos avanços das tecnologias sanitárias e hidráulicas, mas também por implícitos objetivos de desestimular o encontro sexual entre corpos<sup>181</sup>. Esses objetivos seriam traduzidos na linguagem técnica e supostamente neutra de diversas legislações municipais referentes às configurações arquitetônicas dos banheiros. Dessa maneira, ao entrar em um banheiro público, sustenta Preciado, estaríamos reafirmando códigos de masculinidade e feminilidade mediados por uma configuração arquitetônica cis-sexista<sup>182</sup>, porém, seriam espaços que, apesar das intenções arquitetônicas de torná-los sexualmente assépticos<sup>183</sup>, estariam sujeitos a constante subversão e vigilância.

---

<sup>180</sup> PARKER, Richard. **Beneath the Equator: Cultures of desire, male homosexuality and emerging gay communities in Brazil**. Nova York: Routledge, 1999. P. 60.

<sup>181</sup> JEYANSINGHAM, Dharman. **Building heteronormativity: the social and material reconstruction of men's public toilets as spaces of heterosexuality**. In. *Social & Cultural Geography*, 11 (4). p. 307-325

<sup>182</sup> PRECIADO, Beatriz. **Basura y género**. Disponível em <<https://sites.google.com/a/goumh.umh.es/arquitecturasdeldeseo/materiales-docentes>>

<sup>183</sup> CAVANAGH, Sheila E.: **Queering Bathrooms: gender, sexuality and the hygienic imagination**. Toronto: University of Toronto Press, 2010. P. 32

## 4) Das utopias aos corpos modernos.

*“O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica.”<sup>184</sup>*

Michel Foucault.

### 4.1) Utopias Sexuais

O que, além de ideais, seria comum nas utopias, de Thomas Morus no século XVI à Flávio de Carvalho e sua “*A Cidade do Homem Nu*” no século XX? A experimentação, pelo espaço, de novas sexualidades. Para Marilena Chauí, nas experiências que seguiriam a linhagem utópica de Morus, a sexualidade seria objeto de manejo: “*desaparece a família como núcleo social e os casamentos estão submetidos a regras sociais destinadas a manter o amor e a sexualidade sob controle*<sup>185</sup>”. Para Beatriz Preciado, umas das primeiras interseções explícitas entre arquitetura e sexualidades registradas remontam ao século XVIII, quando arquitetos como Claude-Nicolas Ledoux e Jean-Jacques Lequeu projetaram utópicos “*estabelecimentos públicos de luxúria*<sup>186</sup>”, com o objetivo de domesticar os impulsos carnis da população após a Revolução Francesa (figuras 14 e 15). No século XVIII, Charles Fourier vislumbra uma utopia arquitetônica, o Falanstério, na qual os habitantes (e especialmente as mulheres) teriam na liberdade sexual, em conjunto com o espaço construído, um fator de bem estar. No Brasil do século XX, uma rara abordagem da sexualidade nas propostas urbanas modernistas surgiria em Flávio de Carvalho, para quem uma nova cidade nos trópicos teria na sexualidade liberta de velhos dogmas ocidentais seu diferencial civilizatório. Os exemplos fornecidos por Chauí e Preciado sugerem que os projetos arquitetônicos utópicos continham em relação à sexualidade um caráter mais disciplinar (ainda que avançado para a moral sexual vigente) em relação à sexualidade do que libertário (como em Carvalho), ainda que avançados para a moral sexual vigente de suas épocas.

---

<sup>184</sup> FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. P. 79-98

<sup>185</sup> CHAUI, Marilena. **Notas sobre Utopia**. In. **Ciência e Cultura**. Vol.60. São Paulo, julho, 2008.

<sup>186</sup> PRECIADO, Beatriz. **Pornotopia: arquitectura y sexualidad em “Playboy” durante la guerra fria**. Madrid: Anagrama, 2010. P. 122

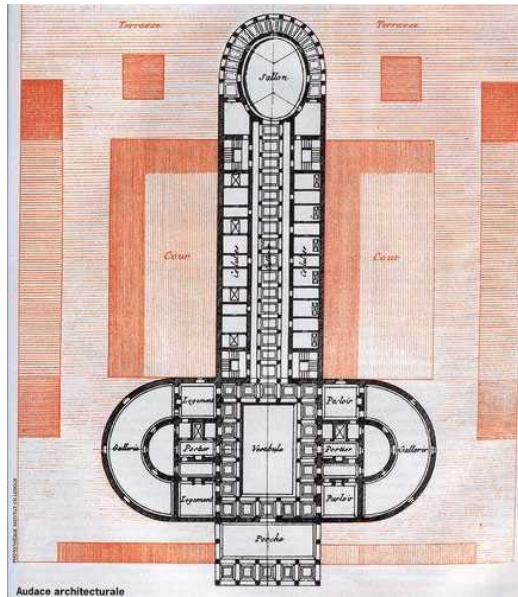


Fig.14: “Oikema”, ou “Maison du plaisir”, de Claude Nicholas Ledoux, séc. XVIII

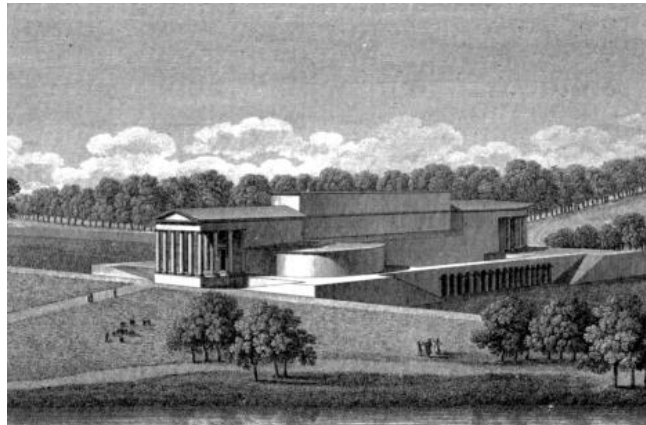


Fig.15: Vista da “Maison du plaisir”, de Claude Nicholas Ledoux, séc. XVIII

Na passagem do século XVIII para o XIX, o crescimento das cidades europeias levantaria novos desafios para a produção de espaços urbanos e arquitetônicos. Michel Foucault aponta que neste momento histórico europeu, aconteceria uma convergência da arquitetura para específicas questões tornadas emergentes com o crescimento populacional (como questões médicas e morais) especializando a prática arquitetônica para além de edifícios destinados a expressar glórias terrenas e celestiais (como palácios e igrejas). Estas questões estariam implicadas tanto na construção de subjetividades quanto espaciais, onde tipos de moralidades seriam prescritos por meio de determinações no espaço: Foucault afirma que os “controles da sexualidade se inscrevem na arquitetura” do período, e que “a luta contra a masturbação e a homossexualidade” poderia ser “contada pelas próprias paredes” de específicas obras

arquitetônicas, desde a casa operária a internatos<sup>187</sup>. Com a Revolução Industrial, veio o inchamento populacional das cidades européias e os problemas urbanos decorrentes. Na década de 30 dos 1800, a eclosão das epidemias de cólera e sífilis em Londres e Paris atingiria principalmente as populações operárias e levariam ao questionamento das condições sanitárias dos bairros em que viviam. Esse questionamento levaria à emergência do Higienismo e do Sanitarismo durante o século XIX e à construção social das cidades como locus de degeneração moral e moléstias físicas. Dessa maneira, a cidade era tida como um ambiente insalubre que deveria ser sanitizado, por meio de técnicas, discursos e práticas, levando a cooperação entre engenharia, urbanismo, disciplina e saberes médicos objetivando sanear a urbes e elevar a moral de seus habitantes. A cidade (e também o próprio espaço doméstico) seria submetida aos rigores higienistas: eliminação de recantos escuros, sem ventilação, sem visão, expulsão ou confinamento do “anormal”. Com a medicalização das cidades, a utopia agora seria *higienista*<sup>188</sup>.

#### 4.2) Da utopia higienista à moderna.

A nova utopia higienista teria não só repercussão na produção espacial (da casa às cidades), mas também na de corpos e subjetividades: com a medicalização do espaço urbano, os corpos seriam divididos entre “sadios” e “doentes”, cada um inserido em locus espaciais e com respectivas sexualidades. Seria em um cenário patológico que o termo “homossexual” seria criado, (em 1869) e o termo “heterossexual” (em 1892) como seu oposto, iniciando um processo dialógico de construção subjetiva que se estenderia pelos séculos seguintes. Para Beatriz Preciado, ambos os termos seriam estruturados em torno de configurações espaciais (o hospital para o primeiro, a casa burguesa para o segundo) que confinariam e construiriam as respectivas subjetividades, naturalizando-as<sup>189</sup>. Assim, na utopia higienista haveria as sexualidades doentes (a prostituta, a lésbica, o homossexual, masturbadores) e a sadia (os heterossexuais) e ainda os espaços domésticos e urbanos similares: o malsão meretrício com suas ruas e

---

<sup>187</sup> FOUCAULT, Michel. **O olho do poder**. In. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

<sup>188</sup> VAINER, Carlos B.: **Utopias urbanas e o desafio democrático**. In. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 105, p. 25-31, jul./dez. 2003. P. 27

<sup>189</sup> PRECIADO, Beatriz. **Architecture as a Practice of Biopolitical Disobedience**. In. *Log*. N.25, 2012. P 121-134.



seus cortiços de cantos escuros, os sadios bairros burgueses com residências e bulevares.

Entre as áreas urbanas que deveriam ter novas subjetividades formadas por meio de alterações no ambiente construído prescritos por higienistas e reformadores sociais estariam as “áreas de vícios” e de “meretrício”: situados em áreas urbanas geralmente degradadas ou de baixo controle estatal, os meretrícios seriam considerados focos de doenças venéreas e de degradação moral, devendo ser extirpados da cidade e sua população moralmente educada, por estarem em confronto com convenções sociais, estéticas e sexuais da moralidade burguesa do século XIX e serem frutos do meio urbano degradado em que viviam e circulavam. Deste modo, pela perspectiva higienista e sanitaria, ao sanear-se o meio, a moral seria elevada e, enfim, anexada a razão burguesa. Como afirma Maria Stella Bresciani:

*“Estrutura-se o sanitarismo sobre os saberes médicos e da engenharia, sempre tendo em vista, porém a preocupação filantrópica com a moralidade dos pobres; entre os objetivos de melhorar as condições de vida urbana esteve sempre o de civilizar seres semibárbaros. Assim, por meio da modificação do ambiente e em decorrência do corpo e dos comportamentos<sup>190</sup>”.*

Haveria então uma convergência entre discursos médicos e saberes técnicos com o objetivo de, pela reforma do ambiente construído, reformar-se a moral da população “semibárbara” das áreas tidas como focos de degeneração moral e física.

Esta convergência entre os saberes médicos e espaciais teria sua repercussão na Arquitetura e nos corpos: para Foucault, os médicos seriam os especialistas da manipulação espacial do século XIX<sup>191</sup>, quando o discurso médico se revestiria como fonte de autoridade, repercutindo na medicalização das cidades e em políticas de ordenamento e administração da vida biológica e também de formação da subjetividade destes corpos. Seriam com as políticas oriundas da medicalização urbana que tanto a arquitetura quanto um sujeito “moderno” estariam intrinsecamente conectados<sup>192</sup>: as arquiteturas disciplinares do século XIX (o hospital, o sanatório e também o internato e a prisão) foram, para Beatriz Preciado e Sven-Olov Wallenstein, os arranjos espaciais que pavimentariam o caminho em direção à arquitetura moderna do século XX. O

---

<sup>190</sup> BRESCIANI, Maria Stella. **As sete portas da cidade**. In. **Espaço & Debates. Dossiê Cidades e História**. São Paulo: NERU, ano XI, n.34, 1991.

<sup>191</sup> FOUCAULT, Michel. **O olho do poder**. In. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

<sup>192</sup> WALLENSTEIN, Sven-Olov. **Biopolitics and the emergence of modern architecture**. Nova York: Princeton University Press, 2008. P 31.



hospital (mais do que a fábrica, o navio ou o avião de acordo com Corbusier<sup>193</sup>) seria o gérmen da arquitetura racional, limpa, eficiente, pensada como uma máquina e produtora de subjetividades que seria valorizada pelos arquitetos futuros. Às arquiteturas disciplinares se somariam o parque e o banheiro público, como suportes espaciais de formação e normalização de subjetividades sexuais.

A utopia higienista paulatinamente seria transformada na utopia *modernista*<sup>194</sup>, entre o final do século XIX e o começo do século XX, quando a configuração espacial das cidades passaria a ser denunciada como uma das razões que levariam a queda moral e física dos seus habitantes. Arquitetos e urbanistas acusariam as cidades tradicionais como decrépitas, enquanto ofereciam novos modelos urbanos em muito influenciados por ideais sanitaristas, como a “Cidade Linear”, de Arturo Soria (apresentada em 1882)<sup>195</sup>. A Cidade Linear seria seminal para novas propostas urbanas que privilegiariam as recomendações higienistas e médicas: áreas verdes, isolamento de edifícios, ruas expostas à luz do sol e ao ar livre. Entre os urbanistas que denunciariam o caráter degenerescente não só das cidades, mas também das casas tradicionais estaria Le Corbusier, para quem estas casas arruinariam a moral<sup>196</sup> e as ruas deveriam ser extintas.

As correntes arquitetônicas de vanguarda do início do século XX e que seriam denominadas de Modernismo, tinham na casa e na rua tradicional alguns dos seus “inimigos”. Para muitos arquitetos modernos, entre os quais Le Corbusier, a casa e a rua-corredor deveriam desaparecer e ceder espaço a uma nova concepção espacial capaz de levar o homem moderno à plenitude moral. A questão da moralidade, surgida em meio à emergência do Higienismo e Sanitarismo durante o século XIX era indissociada da sexualidade: estava dividida entre a convencionada sã (a heterossexual procriativa monogâmica patriarcal e branca) e a patologizada (as homossexualidades e as meretrizes), com a dicotomia sendo estruturada por e estruturando territorializações urbanas. A questão moral levaria a reformas urbanas que atingiriam os lócus das sexualidades dissidentes da moral burguesa: a casa da prostituta (e de operários), a rua de *trottoir*, as áreas liminares dos homossexuais.

Dessa forma, poderia sugerir que, ao manejar o espaço doméstico e urbano objetivando a elevação moral do urbanita, o arquiteto moderno estaria promovendo uma

---

<sup>193</sup> CORBUSIER, Le. **Por uma nova arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 2000 (6 edição).

<sup>194</sup> VAINER, Carlos B.: **Utopias urbanas e o desafio democrático**. In. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 105, p. 25-31, jul./dez. 2003. P. 27

<sup>195</sup> Disponível em <<http://urbancidades.wordpress.com/2008/10/18/ciudad-lineal-de-arturo-soria/>>

Acessado em 06/04/2013

<sup>196</sup> CORBUSIER, Le. Op. Cit.. São Paulo: Perspectiva, 2000 (6 edição).

particular visão do espaço moralizado: heterossexual e burguesa. Poderia sugerir, ainda, uma genealogia da repressão sexual enquanto dispositivo arquitetônico, desde o nível doméstico até o cidadão, com origem nas reformas urbanas sob ditames higienistas do século XIX e perpassando as correntes de arquitetura que seriam aglutinadas como Modernas. Ainda que a sexualidade não esteja citada na maioria da produção teórica dos arquitetos modernistas, sua própria ausência seria aqui objeto de interesse já que, conforme Wigley, “*o discurso arquitetônico é claramente mais definido pelo que não diz do que pelo que diz*”<sup>197</sup>, argumento compartilhado pela historiadora Marina Waisman<sup>198</sup>. Mas, de que formas novas propostas e discursos arquitetônicos e urbanos do modernismo se endereçariam a sexualidade?

Duas direções: na primeira, a sexualidade seria, em conjunto com a arquitetura, libertária; na segunda, a sexualidade seria reprimida por meio da arquitetura de maneira explícita. Para ilustrar a primeira direção, será utilizada a utopia urbana de Flávio de Carvalho (1899-1973): em 1930, Carvalho apresentava, no jornal paulista “*O Diário da Noite*”, sua proposta para uma nova cidade nos trópicos intitulada “*A Cidade do Homem Nu*”: uma utópica urbe destinada a abrigar um ser humano libertário e liberado, distribuída em setorizados anéis concêntricos e que tinha a peculiar característica de apresentar um “*laboratório erótico*”, no qual o “homem nu” “*selecionaria ele mesmo suas formas de erótica*”<sup>199</sup>. Nos cenário arquitetônico contemporâneo de Carvalho, propor uma área urbana destinada a quebrar a normatividade sexual vigente era um ato inédito e questionador em relação aos postulados funcionais do urbanismo modernista, mais centrados no funcionamento macroeconômico das cidades e em suas implicações políticas de larga escala. Flávio de Carvalho comungava com os urbanistas da sua época, em especial com Le Corbusier<sup>200</sup>, a crença no poder transformador do urbanismo moderno, capaz de gerar um novo homem, sem vínculos com o passado e mais feliz, morando em uma cidade racional que privilegiasse o transporte, a rapidez, o trabalho.

---

<sup>197</sup>No original: “*Architectural discourse is clearly defined more by what it will not say than what it says*”. WIGLEY, Mark. **Untitled: the housing of gender**. In COLOMINA, Beatriz (ed.) “**Sexuality and space**”. Nova York: Princeton Architectural Press, 1992. P. 329

<sup>198</sup> WAISMAN, Marina. **La estructura histórica del entorno**. Buenos Aires: Nueva Vision, 1977.

<sup>199</sup>Flávio de Carvalho sobre Le Corbusier: “*eu me vi vivamente impressionado pelas idéias de Le Corbusier, que dizia que a casa era uma máquina de morar*”. CARVALHO, Flávio de. **Uma tese curiosa – A cidade do homem nu**. In. LEITE, Rui Moreira (curadoria e texto). **Flávio de Carvalho**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2010. P. 71

<sup>200</sup>CARVALHO, Flávio de. **Flávio de Carvalho por ele mesmo**. In. LEITE, Rui Moreira (curadoria e texto). **Flávio de Carvalho**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2010. P. 35

A Cidade do Homem Nu, a ser situada em algum lugar da América do Sul, seria composta de anéis concêntricos, cada um com uma função (refletindo o funcionalismo urbano em voga), e teria em um deles a zona erótica. Em suas palavras:

*“A erótica ocupa na vida do homem nu uma posição de destaque. O homem nu selecionará ele mesmo as suas formas de erótica; nenhuma restrição exigirá dele este ou aquele sacrifício; a sua energia cerebral será suficiente para controlar e selecionar os seus desejos. A zona erótica é realmente um imenso laboratório onde se agitam os mais diversos desejos, onde o homem nu pode encontrar sua alma antiga, pode projetar a sua energia solta em qualquer sentido, sem repressão: onde ele realiza desejos, descobre novos desejos, impõe a si mesmo uma seleção rigorosa e eficiente, forma o seu novo ego, orienta a sua libido e destrói o ilógico, aproximando-o assim do deus símbolo, sublime angustia do desconhecido da mutação do não métrico<sup>201</sup>.”*

A segunda direção, oposta à de Flavio de Carvalho, será ilustrada aqui com o pensamento representado pelo *I Congresso Brasileiro de Habitação*, realizado em São Paulo em 1931. Os anais do congresso refletiriam as intersecções entre moralidade, higienismo, sexualidade e espaços atuantes no pensamento arquitetônico brasileiro da época e indicariam que a arquitetura explicitamente poderia servir como instrumento de repressão sexual. Alguns trechos:

*“(...) trata-se de construir uma habitação e uma forma de morar que interdite as relações impuras, localizando o amor, codificando a sexualidade, eliminando tudo o que represente libertinagem, orgia, desordem e anarquia. (...) a casa deve ser dividida em numero suficiente de compartimentos para evitar a promiscuidade e os quartos suficientemente isolados um dos outros como deseja a família brasileira, por tradição discreta e rígida moralidade”<sup>202</sup>.*

Esse pensamento repressor convergiria para a indicação citada de Foucault: as paredes contariam histórias de repressão sexual. Não só paredes, mas as ruas também, já que estas seriam acusadas pelos arquitetos modernos de serem “sintomas” de cidades “doentes” (e que deveriam ser sanados para a constituição de uma sociedade sadia).

---

<sup>201</sup> CARVALHO, Flávio de. **Uma tese curiosa – A cidade do homem nu**. In. LEITE, Rui Moreira (curadoria e texto). **Flávio de Carvalho**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2010. P 71

<sup>202</sup> Congresso de Habitação. **Anais do I Congresso de Habitação**, São Paulo, maio de 1931. São Paulo: Lyceu Coração de Jesus. Citado em CARLUCCI, Marcelo. **As casas de Lúcio Costa**. Dissertação. Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2005. P.3

### 4.3) Ruas corruptas versus vias higiênicas.

Um dos elementos espaciais mais combatidos pelos arquitetos modernistas seriam as ruas “corredores”, presente nas tradicionais configurações urbanas. Segundo o antropólogo James Holston, as antigas ruas apresentariam uma definição clara entre propriedade privada e espaço público, sendo o último delimitado e legível pela fileira de fachadas contínuas das primeiras<sup>203</sup> (figura 16). Essa configuração espacial da rua seria uma constante histórica, observada em diversos agrupamentos humanos. Com os usos históricos das ruas e suas inserções no imaginário urbano, o espaço público das ruas daria caráter a estas. Em um contexto brasileiro, as ruas das emergentes metrópoles nacionais (Rio e São Paulo) eram tidas como espaços análogos às virtudes e vícios humanos: o cronista João do Rio, em 1905, afirmaria que na então capital federal, “há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames<sup>204</sup>”. Reforçando as observações de João do Rio, o escritor maranhense Coelho Neto, afirmava haver na urbe carioca “ruas estroinas e pacatas, ruas ativas e ruas negligentes, ruas devassas e ruas honestas, umas cujos nomes andam constantemente em notas policiais, outras que são citadas nas descrições elegantes<sup>205</sup>”. Porém, o urbanismo moderno não abordaria as ruas com o lirismo e as distinções das citações literárias e sim genericamente como um componente urbano fadado ao desaparecimento, dissolvendo as peculiaridades das ruas em um discurso técnico-cientificista, que privilegiaria a eficiência, a racionalidade e os avanços da engenharia viária para o benefício de um universal “homem do século XX”.

---

<sup>203</sup> HOLSTON, James. **A cidade modernista: uma crítica a Brasília e sua utopia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. P. 109-149

<sup>204</sup> RIO, João do. **A Alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. P.34

<sup>205</sup> NETO, Coelho. **A Capital Federal**. Porto: Lello, 1929. P. 57



Fig.16: uma tradicional rua brasileira, Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro.

A rua-corredor era vista por modernistas como Corbusier, como debilitadora desde corpos até de cidades inteira, sendo necessário, para sanear as cidades, eliminar a rua (que não deveria ser mais tolerada<sup>206</sup>). Porém, para James Holston, as preocupações higienistas seriam parte dos motivos pelos quais o urbanismo modernista combateria as ruas: estas deveriam ser eliminadas não só porque eram “*bastiões de uma ordem civil corrupta*”<sup>207</sup>, como eram estruturas de uma sociedade baseadas em uma dicotomia entre espaços públicos e privados que o Modernismo buscava superar em seu projeto de sociedade radicalmente transformada por uma nova arquitetura<sup>208</sup>. Holston indica que a dicotomia entre esferas público privado na escala urbana já estava sendo questionada pela emergência do sanitarismo<sup>209</sup> no século XIX, (sugerindo continuidade entre as preocupações sanitaristas e as modernistas). Em conjunto com estas preocupações, estaria também presente, nas propostas modernistas, a preocupação com o sistema viário e o encantamento com as novas técnicas rodoviárias provenientes dos Estados Unidos<sup>210</sup>.

Foucault afirmaria que a partir da segunda metade do século XVIII a sociedade europeia seria assombrada pelo medo dos espaços escuros<sup>211</sup>. Esse medo estaria nas considerações que Anthony Vidler, em “*The Architectural Uncanny*”, faria sobre estes

---

<sup>206</sup> CORBUSIER, Le. **Urbanismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. P.158

<sup>207</sup> HOLSTON, James. **A cidade modernista: uma crítica a Brasília e sua utopia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. P 139

<sup>208</sup> HOLSTON, James. Op.cit. P. 111

<sup>209</sup> HOLSTON, James. Op. cit. P. 53

<sup>210</sup> GOLD, John R.: **Death of the Boulevard**. In. FYFE, Nicholas F. (ed.), **Images of the street: planning, identity and control in public space**. Nova York: Routledge, 1998. P.46

<sup>211</sup> FOUCAULT, Michel. **O olho do poder**. In. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

espaços: para Vidler, os escuros (da noite, dos recantos, so becos e das ruas sem luz solar: figura 17) representariam ameaça de despersonalização do indivíduo burguês por meio da incertidão espacial, por serem patológicos e ameaçadores moralmente. Vidler ainda sugere que a ênfase dos modernistas na transparência e no espaço livre era em si mesma uma estratégia de controle e das políticas de vigilância sobre os corpos como se a vitória da transparência sobre os espaços escuros significasse a vitória da razão sobre o irracional<sup>212</sup>. As críticas do urbanismo modernista em relação às ruas tradicionais poderiam ser táticas de controle dos corpos nas cidades modernas. Dessa maneira, a transformação das ruas tradicionais (de um corredor com claros limites entre público e privado) em vias ladeadas por espaços abertos (de fácil vigilância e visualização) implicaria em um controle dos corpos por meio de novas configurações espaciais, inserindo aos próprios corpos e suas superfícies a percepção da vigilância: os corpos, dessa maneira, estariam submetidos à luz das novas vias.



Fig.17: a rua escura patológica.

A cidade tradicional e suas ruas formariam espaços labirínticos e de encontro com o Outro, que segundo Paola Berenstein Jacques, seria uma metáfora erótica: a possibilidade da perda de si por meio do espaço, por meio da experiência corporal, sensorial e extática que o labirinto forneceria aos corpos<sup>213</sup>. Para Jacques, o urbanismo moderno teria na linha reta sua arma contra os espaços da cidade labiríntica. Dessa

---

<sup>212</sup> VIDLER, Anthony. **The Architectural uncanny: Essays in the modern unhomey**. Cambridge: MIT Press, 1992. P. 166-175

<sup>213</sup> JACQUES, Paola Berenstein. **A estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Helio Oiticica**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011. P. 97.

forma, a rua reta, iluminada, sem espaços liminares, seria a vitória do racional sobre a metáfora da perda de consciência representada pelos espaços escuros do labirinto, seguindo o pensamento de Vidler. Seria a vitória da ordem sobre a confusão de corpos e de espaços. Porém, segundo Richard Sennet, essa vitória teria custos: a “ordem” implicaria em falta de contato corporal<sup>214</sup>. Dessa maneira, retidão, razão, luz e ausência de contato face a face funcionariam como instrumentos de controle dos corpos nas cidades modernas, em contraposição às ruas labirínticas, escuras, supostamente sem razão e sensuais das cidades antigas, em convergência com o agrupamento de suposições morais, truísmos ideológicos, repressão sexual e certezas técnicas nas críticas modernistas das ruas tradicionais.

Concluindo, as utopias arquitetônicas e urbanas de diversos momentos históricos não seriam estanques e sim compartilhariam entre si algumas continuidades: haveria nas propostas utópicas, desde as clássicas passando pela higienista e desta para a modernista, tentativas de se manejar as subjetividades sexuais pelo espaço em diversas escalas, do corpo ao doméstico e ao urbano. Das casas de prazer de Ledoux e Lequeu, passando pelo Falanstério de Fourier, até Flávio de Carvalho e Le Corbusier, estaria presente esta tentativa de manejo da sexualidade por diversos meios, explícitos ou não: transparência e controle; luz e vigilância; corpos patologizados e espaços sanitizados; corpos sadios e espaços malsãos; degeneração e salvação; racionalidade e desordem. Do hospital (surgido entre a medicalização das cidades como exemplo de arquitetura racional) ao banheiro público, arquiteturas disciplinares seriam suportes espaciais para a construção de corpos sexuados e das dicotomias que os estruturariam: o corpo seria ao mesmo tempo formado e formador de espaços. Das utopias da Higiene Social do século XIX até as de Le Corbusier no século XX, estariam presentes implicações sobre os corpos sexuados. Brasília, como exemplo de uma utopia modernista, teria também suas implicações sobre os corpos de seus habitantes.

---

<sup>214</sup> SENNET, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Bestbolso, 1994. P. 18.

## 5) Brasília, seus espaços e seus corpos.

*“Nenhuma teoria do corpo é objeto de uma unanimidade sem falha”<sup>215</sup>.*

David Le Breton

### 5.1) Do corpo ao País.

Para a Geografia das Sexualidades, a subjetividade sexual seria praticada e construída em meio a espaços multiescalares: do corpo à cidade, desta ao corpo, daí ao país, do transnacional retornando ao corpo, em vias contínuas. Por conseguinte, as subjetividades sexuais em seus processos de construção não estariam limitadas no corpo físico sexuado individual, mas estariam sujeitas também a processos espaciais onde desde o Estado ao espaço doméstico dialogariam (e seriam conformados) com o corpo e vice-versa. De acordo com o sugerido pelos geógrafos Marianne Blidon e Sebastien Roux, as questões sexuais criariam, transformariam e reproduziriam as hierarquias sociais e espaciais e, na Pós-Modernidade, ordenariam o mundo em diversas escalas (do Estado Nação ao corpo e vice-versa), sendo possível falar em uma “*geopolítica sexual*”<sup>216</sup>. Para Blidon & Roux, as questões sexuais não estariam dissociadas da formação identitária nacional, tanto internamente como externamente, isto é, a sexualidade estaria implicada na construção social de um corpo em relação aos seus conterrâneos e em relação ao estrangeiro, dando-lhe um posicionamento dialógico: as subjetividades sexuais nativas seriam também frutos, ou de valorização ou de negação, de outras externas ou mesmos autóctones.

Em um contexto brasileiro, Hollanda<sup>217</sup>, Freyre<sup>218</sup> e Ribeiro<sup>219</sup> relatariam maneiras nas quais a sexualidade estaria envolvida nos processos de formação identitária do que se convencionaria ser um “brasileiro (a)” e como esses processos estariam funcionando desde o nível doméstico até o nacional. Roberto DaMatta sugere ser a dicotomia espacial entre casa e rua um elemento identitário brasileiro, e indica as conotações

---

<sup>215</sup> LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e da modernidade**. Tradução Fábio Santos Creder Lopes. Petrópolis: Vozes, 1990. P.139

<sup>216</sup> BLIDON, Marianne; ROUX, Sebastien. **L'ordre sexuel du monde**. In. **L'espace politique**. Disponível em <<http://espacepolitique.revues.org/index1811.html>>

<sup>217</sup> HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1989.

<sup>218</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa grande e Senzala**. São Paulo: Global. 2004.

<sup>219</sup> RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.



sexuais dessa divisão<sup>220</sup>: a rua e a casa eram suportes espaciais para subjetividades sexuais distintas. Assim, corpos no Brasil seriam construídos em relação à sexualidade de outros: negros, índios, portugueses, mestiços, estrangeiros, cada um ocupando espaços (físicos e subjetivos) carregados de significados eróticos, uns valorizados outros depreciados. O espaço nacional, dessa maneira, conformaria e seria conformado de acordo com suas sexualidades nativas e exógenas.

Se, conforme os geógrafos da sexualidade, não existiriam espaços fora das políticas sexuais, como Brasília poderia ser inserida nesta questão? Se não seria possível entender práticas e subjetividades sexuais sem os espaços nos quais seriam desempenhadas como relacionar a nova capital com os espaços e práticas existentes na década de 50, por exemplo, no Rio de Janeiro? De que maneiras as sexualidades nativas seriam (re) produzidas no espaço planejado de Brasília? Alguns direcionamentos: Brasília seria criada em um contexto internacional de valorização econômica heteronormativa e representaria um rompimento com geografias sexuais (tanto do Rio de Janeiro quanto das dos locais de origem dos migrantes). Porém, se poderiam indicar continuidades de práticas e espacialidades similares ao do Rio e de outras cidades, a criação de uma distinta geografia sexual e ainda o aprofundamento de assimetrias espaciais.

## **5.2) Um breve contexto sexual dos anos 50.**

No período pós II Guerra Mundial e durante toda a década de 50, ocorreria um patrulhamento em relação às sexualidades nos centros urbanos (especialmente europeus e norte-americanos). Esse patrulhamento seria em parte resquícios da utopia higienista e em parte mudanças econômicas: era necessário conformar papéis de gênero adequados ao novo lugar que a família heterossexual monogâmica e reprodutiva teria no reordenamento econômico dos países atingidos pela II Guerra. Durante o aprofundamento da Guerra Fria, haveria também um recrudescimento da repressão aos “*degenerados sexuais*”<sup>221</sup>. A promoção do núcleo familiar e a repressão aos corpos dissidentes teriam repercussões espaciais: segundo Julie Abraham, analisando o contexto norte-americano da década de 50, tanto a heterossexualidade quanto as cidades

---

<sup>220</sup> DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

<sup>221</sup> LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. P. 37

seriam reordenadas pelo espaço<sup>222</sup>. Abraham indica ainda que as cidades teriam sido consideradas ameaçadoras aos valores familiares e a moralidade norte-americana, por condensar corpos e comportamentos não convencionais: negros, homossexuais, mestiçagem, contatos inter-classes, agitação política. O resultado dessa reordenação espacial das sexualidades seria traduzido na dicotomia entre subúrbios norte-americanos da família “*wasp*” (branca, heterossexual, cristã) e os bairros centrais das minorias étnicas e sexuais dissidentes.

Em um contexto brasílico, a década de 50 seria para a capital federal, Rio de Janeiro, anos de institucionalização de sua geografia moral e de seus territórios homossexuais. Além disso, a emergência de um novo território homossexual carioca, o bairro de Copacabana, seria considerada por historiadores, como James N. Green fundamental na formação identitária e política de uma “*comunidade*” auto-percebida como homossexual brasileira<sup>223</sup>. Teria sido na Copacabana dos anos 50 que apareceriam as primeiras boates, bares e espaços públicos abertamente tolerantes à presença de homossexuais do Brasil, além da primeira publicação dedicada à comunidade copacabanense (“*O Snob*”) e realização de espetáculos teatrais com travestis<sup>224</sup>. Carlos Figari aponta para uma forte apropriação de espaços públicos, formação comunitária e produção cultural e crescente visibilidade por parte dos homossexuais cariocas que borraria as fronteiras de classe, raça e sexualidades que configuravam o espaço urbano carioca<sup>225</sup> durante os anos 50. Apesar disso, os riscos de prisão por “desvio moral”, “vadiagem” e “ultraje público ao pudor” ainda rondavam essa emergente comunidade homossexual, não só pela proximidade com os poderes estatais, mas também pela permanência de discriminações. A transferência da capital para Brasília teria rompido com a proximidade dos poderes com essa emergente comunidade de corpos dissidentes.

As sugestões de uma mudança “moral” estariam presentes em alguns argumentos mudancistas (em defesa da mudança da capital para Brasília), como se uma nova ordem urbana fosse capaz de tornar o indivíduo incorruptível. Prestes Maia aponta para o que considerava ser uma falácia: os apelos moralistas utilizados para justificar a

---

<sup>222</sup> ABRAHAM, Julie. **Metropolitan lovers: the homosexuality of cities**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009. P.169-218

<sup>223</sup> GREEN, James N.: **Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo, Ed. UNESP, 1999. P. 251-272

<sup>224</sup> GREEN, James N.: Op.cit.

<sup>225</sup> FIGARI, Carlos. **Eróticas de la disidencia en America Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2009.P.149-169

transferência da sede do governo do Rio para o Planalto Central. Segundo Maia<sup>226</sup> “atribuir a topografia fortuita o erro e o vício dos homens” e reconhecer na “Baía de Guanabara uma Babilônia pervertida” era um argumento falacioso, já que não constaria “que a geografia e a topografia tenham tanta influencia na mentalidade e moralidade das populações”. Roland Corbisier sugeriria que a mudança seria benéfica por destruir um suposto ressentimento das capitais provinciais com o Rio de Janeiro, por ser esta uma cidade de vício, de prazer, afrodisíaca, local de descaminho e veneno para provincianos desprevenidos<sup>227</sup>. Com os argumentos de cunho morais sugeridos por Prestes Maia e a imagem hedonista associado ao Rio indicada por Corbisier seria possível sugerir que uma desconexão com a geografia sexual carioca também teria sido levada em consideração para a mudança da capital para Brasília.

Assim, Brasília teria sido criada em um cenário de promoção heteronormativa e repressão dos corpos dissidentes nos Estados Unidos, país ao qual o Brasil estava submetido culturalmente e politicamente pelo ordenamento geopolítico da Guerra Fria. Internamente, a então emergente comunidade homossexual carioca sofreria com a proximidade dos poderes estatais ao mesmo tempo em que romperia o isolamento espacial e cultural (e suas transversalidades raciais e de classe) a que era submetida. A propaganda do “*american way of life*” dos anos 50 (com sua promoção do núcleo familiar heterossexual) dialogaria, no Brasil, com uma homossexualidade nativa que “*deve ser considerada menos como um fenômeno unitário do que fundamentalmente diversa*”<sup>228</sup>. Além disso, os moradores da nova capital seriam ordenados em espacialidades distintas das cariocas, cortando-lhes dos possíveis vínculos com a geografia sexual do Rio de Janeiro (não só a carioca, mas com as dos locais de origem dos milhares de operários que migrariam para o Planalto Central). Porém Brasília acabaria por produzir sua própria geografia sexual já no início de sua construção: prostíbulos e hotéis da Cidade Livre e de Luziânia. Aos poucos, para além dos Eixos, surgiriam as fissuras onde colapsariam controles e seriam permitidas apropriações, para o prazer do corpo, dos espaços candangos.

---

<sup>226</sup> MAIA, Francisco Prestes. **Mudancistas e Fiquistas**. In. XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio. **Brasília: Antologia Crítica**. São Paulo: Cosac Naify, 2012. P. 23-24

<sup>227</sup> CORBISIER, Roland. **Brasília e do desenvolvimento nacional**. In. XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio. Op. Cit. P. 74-75

<sup>228</sup> No original: “*must be characterized less as a unitary phenomenon than as fundamentally diverse*”. PARKER, Richard. **Beneath the Equator: Cultures of desire, male homosexuality and emerging gay communities in Brazil**. Nova York: Routledge, 1999. Pg. 27.

### 5.3) Um projeto de experimentação urbana (e sexual ?).

Para o sociólogo Paul Jones, em “*The Sociology of Architecture*”, a arquitetura sempre teria desempenhado papel central na materialização do poder político em Estados emergentes. A arquitetura, dessa forma, seria inserida em um repertório de símbolos culturais aos quais os Estados apelariam para manter e construir subjetividades nacionais. Os resultados desta utilização arquitetônica estariam presentes em diversos edifícios e mesmo em cidades inteiras (por exemplo: Brasília, Astana). Essas cidades seriam símbolos espaciais objetivando suplementar narrativas da memória nacional e forjar sentimentos de pertencimento e de lealdade em uma comunidade que compartilharia suposta continuidade histórica e integridade étnica, religiosa, cultural. Dessa maneira, para Jones, a arquitetura sempre seria política, sempre seria resultado de determinada ideologia e um instrumento pelo qual coletividades seriam manipuladas pelas manifestações do poder<sup>229</sup>.

A construção de cidades teria sido central para a formação identitária dos Estados modernos, ao motivar autoridades na tentativa de criar e legitimar novas esferas públicas, novos sujeitos e novas subjetividades por meio de alterações do ambiente construído<sup>230</sup>. Além disso, projetos arquitetônicos em larga escala, patrocinados pelo Estado, seriam a materialização do poder estatal e um meio de enfatizar uma nova identidade, um novo arranjo de valores culturais e sociais para uma pretendida nova sociedade<sup>231</sup>. Segundo Holston, as cidades planejadas partiriam da premissa que os valores que guiaram o projeto urbano seriam capazes de inserirem-se na ordem social, modificando-a<sup>232</sup>. Holston exemplifica com Brasília essa tentativa estatal de construir uma nova subjetividade, tanto do Brasil quanto do indivíduo, por meio de alterações no espaço construído.

Dessa forma, Brasília seria um “*projeto nacional de experimentação*”<sup>233</sup>, no qual tanto a sociedade brasileira e espaços urbanos seriam transformados pelos valores atribuídos ao projeto urbano de Lúcio Costa. Seria ainda uma experimentação urbana e *sexual*, já que o urbano não estaria dissociado das subjetividades sexuais que são

---

<sup>229</sup> JONES, Paul. **The Sociology of Architecture**. Liverpool: Liverpool University Press, 2011. P. 49-66

<sup>230</sup> HOLSTON, James. **Spaces of insurgent citizenship**. In SANDERCOCK, Leonie (Ed.). **Making the invisible visible**. Berkeley: University of California Press. P. 37-56

<sup>231</sup> JONES, Paul. **The Sociology of Architecture**. Liverpool: Liverpool University Press, 2011.

<sup>232</sup> HOLSTON, James. **A cidade modernista: uma crítica a Brasília e sua utopia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Pg 12.

<sup>233</sup> HOLSTON, James. Op. Cit.. Pg. II

desempenhadas e produzidas em seus espaços, assim como estes são produzidos por estas mesmas subjetividades. Da prancheta de Costa sairiam espacialidades que teriam repercussões, do Estado ao corpo: não só porque a nova sede do poder estatal não estaria imune aos apelos eróticos dos corpos (tendo seus espaços apropriados, praticados, negociados em relação às suas sexualidades) como seria nesta sede onde sexualidades seriam negociadas em nível nacional (como políticas públicas para população LGBT).

Se, segundo Elizabeth Grosz, a produção de subjetividades sexuais na cidade se daria em relações complexas e dinâmicas onde incidiriam tanto o local do corpo em plataformas genéricas (raça, idade, classe, religião, gênero, orientação sexual) e físicas (periferia, centro, rural, urbano) em conjunto com a “especialização” urbana (administrativa, turística, etc.)<sup>234</sup>, Brasília seria um experimento sexual: cidade administrativa, com diversas configurações urbanas de fácil mapeamento e abrigando visíveis diferenças de classe (e também de escolaridade, acessibilidade), grande fluxo migratório (o que indica tanto referências geográficas quanto subjetividades sexuais distintas reunidas no espaço urbano brasiliense), visíveis subculturas e territórios sexuais em diálogo com religiões do mundo todo. Brasília seria um campo de observação privilegiado.

#### **5.4) Corpos fora dos eixos: a geografia (homo) sexual de Brasília.**

Brasília, em 2013, seria a quarta maior área urbana do Brasil, com cerca de dois milhões e seiscentos mil habitantes (segundo Censo de 2010). Destes, apenas 300 mil morariam no Plano Piloto originalmente traçado por Lúcio Costa<sup>235</sup>. O Plano Piloto seria o centro de uma área metropolitana intitulada de RIDE (Rede Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno) com população estimada em 3.500.000 habitantes, a terceira maior do país. A desigualdade numérica acompanharia outras: segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>236</sup>, Brasília apresenta a maior renda per capita do Brasil, (R\$ 50.438,00) e, de acordo com o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), é atualmente a mais desigual das regiões metropolitanas

---

<sup>234</sup> GROSZ, Elizabeth. **Architecture from the outside: Essays on virtual and real space**. Athens: MIT Press, 2001. P. 49-50

<sup>235</sup> Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios-2004. Companhia de Planejamento do Distrito Federal. Disponível em < <http://www.codeplan.df.gov.br/component/content/article/261-pesquisas-socioeconomicas/295-pesquisa-distrital-por-amostra-de-domicilios-.html> > Acessada em 16/06/13.

<sup>236</sup>Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

brasileiras (com índice Gini de 0,62)<sup>237</sup>. A capital brasileira teria um dos bairros mais caros do país em 2012<sup>238</sup> (a Asa Sul, com uma média de R\$ 14.810,00 por m<sup>2</sup>) enquanto abrigaria a segunda maior favela do país<sup>239</sup> (o Condomínio Sol Nascente), refletindo a mais pobre periferia do Brasil<sup>240</sup>.

O Plano Piloto de Brasília é configurado em eixos: o Rodoviário (no sentido Norte-Sul) e o Monumental (no sentido Leste-Oeste). O Eixo Monumental divide a cidade entre Asa Sul e Asa Norte (áreas que teriam populações com cerca de 100 mil habitantes cada<sup>241</sup>), cruzando-se com o Eixo Rodoviário. Neste cruzamento, foi localizada a Rodoviária de Brasília e o que seria configurado como o “centro” da capital federal: os setores bancários, hoteleiros, culturais, hospitalares, de rádio e televisão, comerciais e de diversão. Esse centro representaria a escala “gregária” da capital, onde a convergência populacional seria maior e mais intensa e a densidade espacial seria maior. Neste “centro”, Lúcio Costa teria previsto dois “setores de diversões”, um norte e outro sul, onde atividades noturnas se mesclariam com culturais (figura 18). Esses setores de diversões seriam construídos em momentos históricos e de maneiras diferentes: o Norte (em três etapas: 1971, 1974 e 1977) por uma única construtora, o Sul por diversas (a partir de 1967). O primeiro seria um shopping Center (o Conjunto Nacional) e o segundo um agrupamento de vários edifícios.

---

<sup>237</sup> Disponível em <<http://www.redebrasilatual.com.br/temas/cidadania/2011/05/ipea-brasilia-tem-maiores-indices-de-desigualdade-do-pais>>

<sup>238</sup> CORONATO, Marcos. **Os bairros mais caros do Brasil**. Rio de Janeiro, *Época*, 05/04/2012.

<sup>239</sup> MARQUES, Sérgio. **A 2ª maior favela do país fica a 30 km do Palácio do Planalto**. Rio de Janeiro, *O Globo*, 24/12/2011.

<sup>240</sup> AMORIM, Diego. **Brasília sustenta maior renda per capita e tem periferia mais pobre do país**. Brasília, *Correio Braziliense*, 18/12/2011.

<sup>241</sup> Disponível em <<http://forumeja.org.br/df/files/2008-12.pdf>>



Fig.18: o Plano Piloto de Brasília em 2013.

Seria ao redor desses setores de diversões que uma geografia sexual genuinamente brasiliense se conformaria: racionalizada, zoneada e hierarquizada. Em um primeiro momento histórico de maneira confusa, congregando diversos corpos dissidentes em um mesmo espaço (O Setor de Diversões Sul); em momentos posteriores, os corpos criariam seus territórios, racionalizando a procura por prazeres e espaços: travestis, prostitutas, michês, homens que desejariam outros, cada um no seu “quadrado”. A geografia sexual de Brasília, em 2013, se estenderia não só por outras áreas do Plano Piloto como ultrapassaria seus limites e refletiria as assimetrias espaciais e sociais da cidade. Seria possível indicar que, no Distrito Federal, as geografias sexuais se adaptariam a distintos “*tipos configuracionais urbanos*”<sup>242</sup>, que coexistiriam dentro de seus limites. Aqui o foco será restrito ao Plano Piloto e a sua geografia (homo) sexual.

Além disso, seriam replicados em Brasília os mesmos espaços abjetos comuns a outras cidades: banheiros e parques públicos, saunas, áreas de prostituição, cinemas pornô. Sobre esses locais físicos seriam sobrepostos, os espaços virtuais dos chats (a partir dos anos 90) e os aplicativos de geolocalização para celulares (a partir de 2010). Os espaços virtuais teriam forte impacto sobre os físicos, contribuindo para o desaparecimento de alguns, como as áreas de prostituição viril que existiram em torno

---

<sup>242</sup> HOLANDA, Frederico Rosa Borges de. **Brasília: da Carta de Atenas à Cidade de Muros**. Disponível em: < <http://www.docomomo.org.br/seminario%205%20pdfs/054R.pdf>>. Acessado em 12/06/13.



do Conic e do Conjunto Nacional. A subcultura homossexual que se instalaria ao redor do Setor de Diversões Sul daria à Brasília sua primeira geografia homossexual.

Entretanto, segundo o historiador George Chauncey, não haveria espaços “*gays*”, já que espaços não teriam caracteres naturais, significados inerentes, nem seriam intrinsecamente públicos ou privados. Os espaços seriam praticados por homossexuais ou colocados à disposição destes. Por sua vez, homossexuais dariam significados a esses espaços e os investiriam com suas subjetividades<sup>243</sup>. Por meio de constante (re) negociação com a matriz urbana heteronormativa e com conceitos como “público” e “privado”, esses espaços seriam criados, contestados, perdidos, contingenciados e policiados sob diversas forças, como homofobia, marginalização, mercado, desejo, afeto. Como as próprias identidades sexuais dos corpos que circulam por esses espaços, os últimos seriam sempre construídos e reconstruídos<sup>244</sup>. Dessa forma, fazer uma historiografia e/ou cartografia dos espaços homossexuais, assim como fazer da própria homossexualidade, esbarraria sempre, conforme David Halperin, “*na irreduzível incerteza conceitual sobre o que a homossexualidade em si mesma é*<sup>245</sup>”. Assim, se os espaços homossexuais seriam ontologicamente instáveis duplamente, ainda mais o poderiam ser em uma cidade em constante crescimento e mudanças, como Brasília.

Pelas memórias e histórias que marcariam o imaginário urbano dissidente, seria possível afirmar que Brasília teria tido, em sua história, diversos espaços abjetos e uma geografia homossexual em permanentes deslocamentos. Cronologicamente:

*Final dos anos 50*: áreas de meretrício próximas aos limites do Distrito Federal<sup>246</sup> e bares da Cidade Livre;

*Anos 60*: os banheiros da Rodoviária;

*Anos 70 e 80*: os banheiros públicos da W3 Sul e da Galeria dos Estados (hoje fechados), Galeria do Edifício Acrópole no Setor de Diversões Sul (desativada); Cine Lara em Taguatinga (fechado), Cine Astor e Cine Márcia (fechados), Bar Beirute Asa

---

<sup>243</sup> CHAUNCEY, George. **Privacy could only be had in public: gay uses of the streets**. In: SANDERS, Joel. **Stud: architectures of masculinity**. Nova York: Princeton Architectural Press, 1996. P. 224-225

<sup>244</sup> INGRAM, Gordon Brent. **Marginality and the landscapes of erotic alienations**. In INGRAM, Gordon Brent; BOUTHILLETTE, Anne-Marie; RETTER, Yolanda (Eds.). **Queers in Space: communities, public places, sites of resistance**. Seattle: Bay Press, 1997. P 39

<sup>245</sup> HALPERIN, David. **How to do the history of male homosexuality**. In HALL et al (Ed.). **The Routledge Queer Studies Reader**. Nova York: Routledge, 2013. P 263

<sup>246</sup> Segundo informação passada pelo Prof. Carpintero, Israel Pinheiro teria ordenado o fechamento e proibido o funcionamento de prostíbulos dentro do Distrito Federal, forçando a procura por casas de tolerância situadas em Luziânia.



Sul (inaugurado em 1966, ainda em funcionamento), Boate New Aquarius (inaugurada em 1974, fechada em 1995);

*Final dos 80 e início dos 90:* cinemas pornôs do Setor de Diversões Sul (fechados), sauna gay do Conic (em funcionamento), a antiga “Via Appia” (Eixo Monumental ao lado do Conjunto Nacional) e os estacionamentos superiores da Rodoviária (apropriados pela prostituição viril: figura 19);

*Anos 90:* a Praça das Fontes no Parque da Cidade e banheiros do Shopping Pátio Brasil, Sauna Soho (em funcionamento);

*Anos 00:* Parque da Cidade, Cine Vip do Cruzeiro (fechado), Sauna Très Chic da W3 Sul (fechada), Sauna W3 (em funcionamento).

Todos estes foram espaços que iam surgindo e sumindo, em constante fluxo e refluxo de desejos e objeções, congregando, (uns de forma efêmera, outros ainda em atividade, alguns de forma sutil, outros de forma ostensiva) os corpos dissidentes da heteronormatividade.

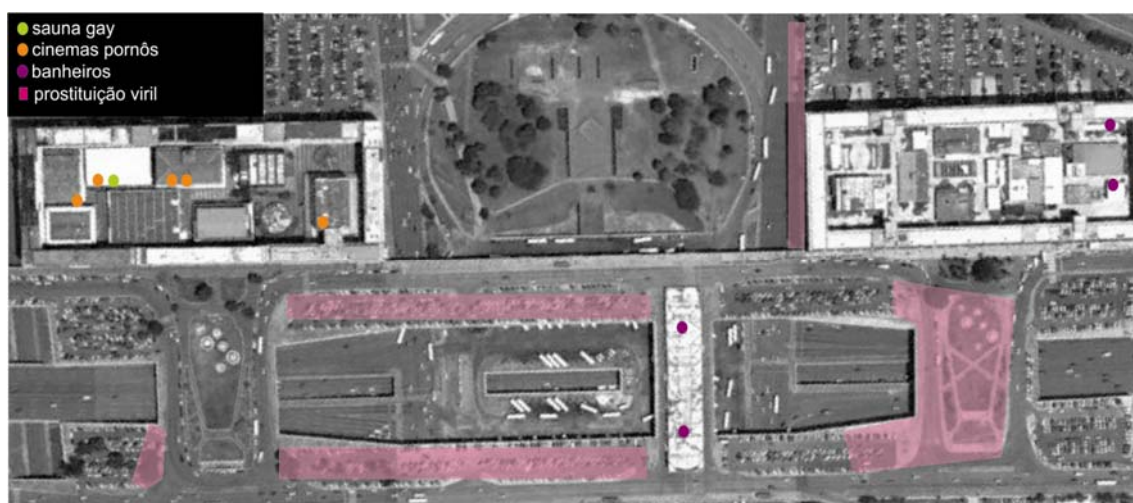


Fig.19: áreas de prostituição viril que eram organizadas em torno do Conic e Conjunto Nacional no início dos anos 90. Com a repressão policial e o advento dos sites e chats, as áreas teriam sido extintas.

Na Brasília de 2013, não seriam observadas *manchas* de espaços homossexuais (“mancha” conforme categoria de análise urbana definida por José Guilherme Cantor Magnani: espaços urbanos contíguos e com limites mais ou menos definidos, aglutinados em torno de um ou mais estabelecimentos e implantando-se de maneiras mais estabilizadas tanto na paisagem quanto no imaginário cidadão<sup>247</sup>): os espaços para homossexuais em Brasília têm em comum a segregação espacial e o isolamento em

<sup>247</sup> MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012. P. 94-95

relação aos seus congêneres: a dispersão parece ser a regra. Ainda conforme Magnani<sup>248</sup> se poderia afirmar que a capital teria mais um “*circuito*” gay (a presença de determinados espaços e estabelecimentos que não tem contigüidade espacial, concorrendo entre si na oferta de serviços e de práticas) que imporria um “*trajeto*” (o percurso, não aleatório, mas sim imposto e identificável na sua constância, para acessar os espaços e estabelecimentos contidos no circuito e na mancha).

Analisando a fotografia do Plano Piloto e de áreas adjacentes mais próximas e comparar com informações fornecidas por guias gays *on line*<sup>249</sup> e impressos seria possível constatar a segregação espacial de estabelecimentos orientados ou abertos à homossexuais, não só entre si, mas em relação a todo o Distrito Federal: nos guias apenas três locais em Taguatinga são citados (uma sauna e dois bares) e nada mais nas outras (o que não comprovaria a inexistência destes). Essa ausência não só demonstraria forte concentração do circuito gay no Plano Piloto, como uma possível segregação social dentro da própria população dissidente. A maior segregação seria a das boates: das três orientadas para homossexuais atualmente funcionando na cidade, todas estariam em locais afastados (média de oito quilômetros em linha reta da Rodoviária) impossíveis de serem alcançados por transporte público à noite (figura 20). As três boates situam-se em áreas não residenciais e sem outros usos notívagos (Setor de Oficinas Sul, Setor de Áreas e Abastecimento Norte), o que poderia sugerir que seriam reproduções espaciais da metáfora do “armário” dentro de Brasília (espaços nos quais a as identidades deve ser mantida fora do escrutínio público) e socialmente excludentes.

---

<sup>248</sup> MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012. P. 96-98

<sup>249</sup> Guias disponíveis nos sites: <[HTTP://www.paroutudo.com](http://www.paroutudo.com)>, <[HTTP://www.mixbrasil.com.br](http://www.mixbrasil.com.br)>, <[HTTP://www.athoslgbt.com](http://www.athoslgbt.com)>



Fig.20: estabelecimentos orientados ou tolerantes para gays.

Não só bares e boates seriam reproduções do armário: saunas gays e áreas públicas apropriadas por “*homens que fazem sexo com homens*” (HSH) também os seriam. As saunas de Brasília estariam escondidas em galerias subterrâneas e subsolos, ou com entradas discretas, para não chamar atenção, em poucos pontos próximos à Rodoviária (fig. 21), porém dispersas entre si. O isolamento dos espaços públicos apropriados por HSH, ou áreas de “*cruising*” (pegação) também seriam indicativos da existência dos armários: a área mais procurada do parque seria a mais isolada e monofuncional (fig. 22).



Fig.21: localização de saunas abertamente gays ou apropriadas em Brasília.



Fig.22: localização das áreas de *cruising* dentro do Plano Piloto.

Quais seriam as implicações da segregação espacial verificada na análise da geografia sexual de Brasília em seu “mercado sexual”? Para Laumann et al, este “mercado” resultaria da *organização sexual* de uma cidade, onde espaço urbano seria um fator determinante, em conjunto com raça, classe, idade, gênero e orientação sexual, formando uma complexa teia que influenciaria significativamente nas decisões pessoais



de um corpo em sua busca por parcerias sexuais<sup>250</sup>, limitando a suposta liberdade de escolha sexual que existiria em uma metrópole: as escolhas sexuais dependeriam e seriam conformadas não só de pelas posições espaciais do corpo na cidade, mas também de sua inserção em diversos grupos, de seu acesso à mobilidade urbana, de sua faixa de renda, etária, etc. Assim, seria possível questionar se a segregação espacial verificada em Brasília (que não oferece manchas nem circuitos gays estabelecidos) não estaria atomizando a presença de corpos dissidentes no espaço urbano, favorecendo a invisibilidade e a limitação de opções em termos de parcerias e de formação comunitária, identitária e política. Com o advento dos aplicativos de geolocalização de parcerias sexuais, como *Grindr* e *Scruff*, as barreiras físicas seriam, em tese, diluídas.

### 5.5) Corpos dissidentes e espaços abjetos: lembranças e práticas brasilienses.

“Brasília é assexuada<sup>251</sup>”

Clarice Lispector

“Brasília (...) é mais sexista que sensual<sup>252</sup>”

Antonio Risério

O antropólogo Richard Parker, em seu livro “*Beneath the Equator*”, afirma que sua vida pessoal estaria implicada em seu objeto de pesquisa de maneira difícil de ignorar<sup>253</sup>. Parker faz uso de relatos coletados com o objetivo não só de mapear a cartografia dissidente do Rio e de Fortaleza, mas também para abordar as sensações envolvidas na exploração dessa cartografia por parte dos corpos dissidentes locais. William L. Leap, na coletânea “*Public sex, gay space*”, sustenta que as experiências de sexo anônimo em locais públicos estariam tão próximas tanto da vida pessoal quanto da acadêmica dos autores, que tornava difícil encaixar as experiências e locais em uma moldura “científica”<sup>254</sup>. Nestor Perlongher, em “*O negócio do michê*”, faz da “observação participante”, da “inserção no meio”, de suas memórias pessoais e dos

---

<sup>250</sup> LAUMANN...{et al}. **The Sexual organization of the city**. Chicago: Chicago University Press, 2004.

<sup>251</sup> LISPECTOR, Clarice. **Nos primeiros começos de Brasília**. In. XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio. **Brasília: Antologia Crítica**. São Paulo: Cosac Naify, 2012. P 180.

<sup>252</sup> RISERIO, Antonio. **A cidade no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2012. P 291.

<sup>253</sup> PARKER, Richard. **Beneath the Equator: Cultures of desire, male homosexuality and emerging gay communities in Brazil**. Nova York: Routledge, 1999. P. 14

<sup>254</sup> LEAP. William L. (Ed.). **Public sex, gay space**. Nova York: Columbia University Press, 1999. P.4

relatos maneiras para sua acurada cartografia da prostituição viril em São Paulo<sup>255</sup>. O denominador comum entre os três pesquisadores foi requisitar memórias e relatos para a construção de suas cartografias, intencionando entender de que maneiras espaço, subjetividades e desejos eróticos estariam transversalmente incidindo na construção das identidades dissidentes. Dessa maneira, foram coletados relatos de homossexuais masculinos residentes em Brasília com objetivo de analisar memórias (nas quais espaços e sexualidades convergiram) e elaborar uma possível cartografia dos espaços abjetos da capital. Com este objetivo foi elaborado o seguinte questionário:

- 1- Seu perfil: Iniciais do seu nome, idade, nacionalidade, profissão, estado civil, cor, local de moradia (bairro).*
- 2- Você já teve relações sexuais em espaços como saunas, cinemas pornô, dark rooms, banheiros públicos, cruising bars, parques públicos?*
- 3- Se sim, qual desses espaços você consideraria mais propícios para sexo?*
- 4- Você acha que esses espaços têm influencia na formação de uma “identidade gay”?*
- 5- Você acha que esses espaços induzem a um comportamento mais aberto a relacionamentos sexuais efêmeros?*
- 6- Você consideraria sua cidade e seu bairro mais ou menos propicio para encontros eróticos? Se sim, por quê?  
Se não, por quê?*
- 7- Você consideraria que existem espaços mais “eróticos” do que outros? Se sim, por quê? Se não, por quê?*
- 8- Existe algum local de Brasília que marcou sua memória como local de encontros sexuais? Qual?*
- 9- Qual sua opinião sobre sexo em locais públicos?*

As perguntas foram enviadas para 20 homossexuais masculinos entre 20 e 50 anos, de classe média/média alta. O retorno foi de dezesseis questionários. Todos, sem exceção, já tinham tido experiências sexuais em espaços públicos. Entre os espaços mais propícios para sexo, citados na pergunta 03, a maioria apontou serem as saunas (pela privacidade, conforto e facilidades) e em seguida parques públicos e dark rooms de boates. Banheiros públicos também apareceram nas respostas. Outro disse preferir saunas durante o dia e o parque pela madrugada. Quanto à pergunta 04, sobre a influência desses espaços na formação de uma “identidade gay”, todos afirmaram terem nesses espaços importantes fatores da construção de suas identidades, como mostram algumas respostas:

- Você acha que esses espaços têm influencia na formação de uma “identidade gay”?*

---

<sup>255</sup> PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê: A prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Perseu Abramo, 1987. P. 55-60

*“Acredito que não, pois, esses espaços são utilizados muitas vezes como uma fuga dessa identidade; quem os utiliza não necessariamente “sairá do armário”, ou seja, não assumirá sua homossexualidade de fato.”*

FCSS, 28 anos, brasileiro, publicitário, namorando, mestiço, Asa Norte

*“Sim! Dos espaços citados, gosto das saunas e dos parques. Frequento os dois, mas prefiro as saunas por uma questão de segurança.”*

EFB, 50, Brasileiro, servidor Público, casado, branco, Asa Sul.

*“Sim, acabam tornando-se referências do exercício das sexualidades, incluindo a gay.”*

SC, 40 anos, brasileiro, contador, solteiro, negro, Núcleo Bandeirante.

*“Identidade como comportamento? Sim!”*

MF, 30 anos, brasileiro, produtor cultural, solteiro, branco, Taguatinga.

*“Não sei responder essa pergunta. Talvez induzam a uma promiscuidade maior. Mas preciso de mais elementos sobre o que é realmente a identidade gay.”*

FPV. 37, chileno jornalista, solteiro, branco, Cruzeiro.

*“Sim. Poderia dizer que são um paralelo às zonas de prostituição hétero, no sentido que são muitas vezes os locais de primeiras experiências e de possibilidade de exercício da sexualidade com menos repressão.”*

HCSC. 44 anos, brasileiro, bancário, solteiro, branco, Asa Norte.

*“Sim, são espaços não apenas de prática sexual, mas de forma talvez inconfessável, de práticas afetivas, de compartilhamento de solidões, anseios.”*

A.C. 43, professor universitário, solteiro, pardo, Asa Sul.

*“Sim. São espaços que compõem o elemento sexual que constrói uma das nossas identidades, assim como o espaço digital dos sites de pegação e os chats.”*

PT. 42, brasileiro, professor de inglês, solteiro, caucasiano, Asa Norte.

*“As pessoas sexodiversas são historicamente marginalizadas por conta da opressão por elas sofrida. Por conta de tal marginalização, muitas vezes precisam viver sua sexualidade de forma escondida, em locais também marginalizados. Portanto, espaços como saunas, dark rooms, parques públicos etc. têm sim uma grande influência na vivência e construção das identidades referentes à sexualidade das pessoas sexodiversas.”*

LTLG. 20 anos, brasileiro, estudante, namorando, branco, residente do Guará II.

*“A identidade sexual, sem dúvida alguma! Poder expressar a sexualidade, mesmo que num quarto de sauna, por alguns minutos, é algo importante, principalmente para caras gays que não são assumidos. Agora, se você se refere à identidade cultural, daquela que gera a sensação de pertencimento a um grupo social, não sei ao certo. As saunas e outros espaços de sexo estão inseridos numa lógica de mercado. Em nenhum desses espaços já presenciei alguma intervenção política por parte dos proprietários e dos frequentadores. No máximo, propagandas de festas.”*

CLF. 36 anos, brasileiro, professor, casado, branco, Guará I.

*“Acredito que sim, mas a importância desses espaços está minguada com o surgimento de sites de Internet e aplicativos para celular. É provável que tenha diminuído a frequência das classes mais altas nesses ambientes.”*

W.C.M. 35 anos, brasileiro, advogado, solteiro, branco, Sudoeste.

Os relatos acima apontam para espaços e identidades conformadas de acordo com as forças do mercado, liberdade, opressão, resistência e marginalização: espaços surgidos da opressão sobre os corpos dissidentes e a produção de “armários” na cidade com o objetivo de comoditizar o desejo. Ao serem questionados se tais espaços *induzem* a um comportamento mais aberto ao sexo efêmero, as respostas foram:

- *Você acha que esses espaços induzem a um comportamento mais aberto a relacionamentos sexuais efêmeros?*

*“Sim, pois, geralmente são utilizados primeiramente pela facilidade de encontrar pessoas que estão à procura de sexo casual, não que seja um determinante, de repente possa acontecer um relacionamento mais sério a partir desse contato, mas é menos comum.”*

FCSS, 28 anos, brasileiro, publicitário, namorando, mestiço, Asa Norte

*“As saunas têm sido ao longo dos anos profundamente identificadas com as comunidades gays. Todas as grandes cidades têm parques públicos onde sempre acontece pegação gay.”*

EFB, 50, Brasileiro, Servidor Público, Casado, Branco, Asa Sul.

*“Sim, total exercício do livre afeto”.*

SC, 40 anos, brasileiro, contador, solteiro, negro, Núcleo Bandeirante.

*“Não induzem. O espaço está ali, vai quem se sente a vontade.”*

MF, 30 anos, brasileiro, produtor cultural, solteiro, branco, Taguatinga.

*“Sim, acho. É muita facilidade. Sexo por sexo. O que não impede de conhecer alguém e ter uma relação mais profunda, mas no geral sabe-se que nesses lugares é para aliviar mesmo.”*

FPV. 37, chileno jornalista, solteiro, branco, Cruzeiro.

*“Induzem pelas pessoas que estiverem lá dentro...”.*

EFJ. 34 anos, brasileiro, vendedor, solteiro, branco, Asa Norte.

*“Não. Não induzem. Não são a causa da prática de relacionamentos efêmeros. É uma consequência.”*

A.C. 43, professor universitário, solteiro, pardo, Asa Sul.

*“Não. Eu não acho que induzem a isso, e sim compõem o landscape dessa vivência de encontros efêmeros. São paisagens nas sombras, nos ralos da cidade hegemônica fantasiada.”*

PT. 42, brasileiro, professor de inglês, solteiro, caucasiano, Asa Norte.

*“Sim.”*

LTLG. 20 anos, brasileiro, estudante, namorando, branco, residente do Guará II.

*“Sim. A função básica desses estabelecimentos é o sexo anônimo, rápido, eficaz e efêmero.”*

CLF. 36 anos, brasileiro, professor, casado, branco, Guará I.

A sexta pergunta especula sobre a percepção dos entrevistados sobre as possibilidades eróticas dos seus bairros de moradia, se estes bairros seriam propícios a



encontros furtivos sexuais. Nas respostas, sugere-se que as configurações espaciais estariam implicadas nas possibilidades eróticas desses bairros, ao oferecerem espaços vazios, liminares e moradias para pessoas sozinhas e jovens. Dois entrevistados apontaram a mistura de usos, raças, classes e idades como essenciais para as possibilidades eróticas de seu bairro (no caso a Asa Norte). Um indicou que com o advento dos aplicativos de encontros por geo-localização (Grindr, Scruff) para aparelhos celulares, todos os lugares se tornam eróticos. Já os moradores da Asa Sul e do Núcleo Bandeirante não acham seus bairros propícios, por sofrer uma “higienização” ou influência religiosa:

*Você consideraria sua cidade e seu bairro mais ou menos propício para encontros eróticos? Se sim, por quê?*

*“Mais propício, porque apesar das restrições que nos são impostas, de demonstrar qualquer vontade ao outro, existem olhares que respondem, existe assédio, e nos bate-papos on line também é possível encontrar grande quantidade de usuários que residem na região.”*

FCSS, 28 anos, brasileiro, publicitário, namorando, mestiço, Asa Norte

*“Não considero. Muito familiar e cheio de idosos, conservadora, muita influência religiosa cristã fundamentalista”.*

SC, 40 anos, brasileiro, contador, solteiro, negro, Núcleo Bandeirante.

*“Usando os aplicativos para encontros, todos os lugares são possíveis, todos”.*

MF, 30 anos, brasileiro, produtor cultural, solteiro, branco, Taguatinga.

*“Acho que Brasília é mais ou menos igual a todos os lugares, digo, cidades grandes. Aqui tem boates, chats, sites, parque, saunas... Nunca transei com ninguém do meu bairro atual, até por que não moro lá há tanto tempo assim e nunca procurei.”*

FPV. 37, chileno jornalista, solteiro, branco, Cruzeiro.

*“Sim. Muitos gays, homens que fazem sexo com homens, bairro central.”*

F.M.B. 38, servidor, solteiro, caucasiano, SHTN.

*“Demais! Porque aqui tem muitos gays que moram sós.”*

S.D. 32, jornalista, casado, pardo, Sudoeste.

*“Sim, por causa do perfil de moradores do meu bairro, muita gente jovem e universitária.”*

H.P.B. 20, estudante universitário, solteiro, pardo, Asa Norte.

*“Menos propício. Existe uma higienização de práticas hedonistas no Plano Piloto.”*

A.C. 43, professor universitário, solteiro, pardo, Asa Sul.

*”Sim. Há muitos pequenos apartamentos, kitnetes, pessoas solteiras jovens, universidade incrustada, e pardieirinhos na W3 norte... uma boa mistura de pessoas mais novas e com a ascendência financeira.”*

PT. 42, brasileiro, professor de inglês, solteiro, caucasiano, Asa Norte.

*“Considero o Guará propício para encontros eróticos. Eu mesmo já tive vários encontros no Guará durante a adolescência, com pegação na rua, em carros, na*

*arquibancada do skatepark... O Guará tem inúmeros pontos desertos e praças, e durante a noite é bem pouco movimento, por ser uma cidade dormitório, sem vida noturna.”*

LTLG. 20 anos, brasileiro, estudante, namorando, branco, residente do Guará II.

*“Brasília é mais do que propícia a esses encontros. Os estacionamento e as grandes áreas não construídas e mal iluminadas são um convite aos aventureiros.”*

CLF. 36 anos, brasileiro, professor, casado, branco, Guará I.

*“Minha cidade sim. Sinto-me  vontade aqui. Talvez no Brasil apenas Rio e São Paulo sejam mais open-minded. Discordo dos que pensam que a cidade  careta. Já fomos mais reprimidos sim, mas isso quinze anos atrás. Meu bairro tem muitos gays, pois é possui muitos apartamentos pra solteiros, mas não me parece o cenário de encontros eróticos... os gays aqui convivem normalmente nas academias, restaurantes, lanchonetes, padarias...”*

WCM. 35 anos, brasileiro, advogado, solteiro, branco, Sudoeste.

A sétima questão sugere uma especulao: existiriam espaços mais “eróticos” do que outros? Todos os entrevistados afirmaram que alguns locais aguariam desejos, entre estes aqueles nos quais a vigilância sobre os dissidentes colapsaria e que haveria maior oferta de corpos, além de existirem nas margens da normatividade. O centro da cidade enquanto espaço de potencial liberatório aparece em algumas respostas, convergindo para o proposto por Nestor Perlongher e Parker ao afirmarem serem os centros de cidade locais de mobilidade moral, quebra de tabus e ansiedade sexual:

*Você consideraria que existem espaços mais “eróticos” do que outros? Se sim, por qu? Se não, por quê?*

*“A natureza selvagem... Acho que é o visual, é o proibido, é a pegao, é o fetiche, é a proximidade.”*

FCSS, 28 anos, brasileiro, publicitário, namorando, mestiço, Asa Norte

*“Claro. Banheiros e vestiários masculinos sempre são eróticos. É onde é fácil observar o outro.”*

EFB, 50, Brasileiro, Servidor Público, Casado, Branco, Asa Sul.

*“Sim, lugares onde expõe mais os corpos, com imagens sugestivas”.*

SC, 40 anos, brasileiro, contador, solteiro, negro, Núcleo Bandeirante.

*“Se for falar da erotizao do corpo, sim, tem lugares que são mais propícios a isso e uma noite numa boate gay deixa isso claro.”*

MF, 30 anos, brasileiro, produtor cultural, solteiro, branco, Taguatinga.

*“Acho que as praias, pela própria exposio do corpo são mais eróticas.”*

FPV. 37, chileno jornalista, solteiro, branco, Cruzeiro.

*“Sim, porque há espaços que são planejados para o sexo, como os cruising bars, saunas, motéis... ou se apropria um espaço q garanta algum tipo de anonimato tipo parques, praias, ruínas...”*

FMB. 38, servidor, solteiro, caucasiano, SHTN

*“Sim. Aqueles que oferecem privacidade, como banheiros com cabines, muitas em parques, cinemas no centro da cidade.”*  
S.D. 32, jornalista, casado, pardo, Sudoeste.

*“Sim, pois há locais que eu tenho fetiche e também que frequentam pessoas que eu tenho mais atração sexual.”*  
H.P.B. 20, estudante universitário, solteiro, pardo, Asa Norte.

*“Sim, inclusive de forma coletiva, ou seja, certo consenso sobre esse erotismo... Locais de intimidade compartilhada como banheiros, saunas, chuveiros coletivos, academia de ginástica. Locais de baixo controle individual como rodoviárias, aeroportos, supermercados, banheiro, shoppings, parques. Nesses locais penso que as pessoas se sentem mais diluídas na multidão e se permitam maiores ousadias eróticas”.*  
HCSC. 44 anos, brasileiro, bancário, solteiro, branco, Asa Norte.

*“Sim. Um espaço pode ter erotismo em sua configuração arquitetônica, no tratamento das superfícies, na ambientação, no cheiro, na música ambiente...”.*  
A.C. 43, professor universitário, solteiro, pardo, Asa Sul.

*“Acho que espaços que estão imiscuídos de sujeira são eróticos... locais onde se excreta, onde genitais precisam estar pra fora... banheiros, saunas, massagens... as comerciais mais pobres, mais sujas, barzinhos de cafuçus.”.*  
PT. 42, brasileiro, professor de inglês, solteiro, caucasiano, Asa Norte.

*“Sim. Espaços marginalizados, underground, de atividade noturna são comumente ocupados por sujeitos que não correspondem aos padrões da moral vigente. Essa é uma realidade tanto para heterossexuais quanto para sexodiversos”.*  
LTLG. 20 anos, brasileiro, estudante universitário, namorando, branco, residente do Guará II.

*“O centro das cidades geralmente são lugares excitantes para mim.”*  
CLF. 36 anos, brasileiro, professor da rede pública, casado, branco, Guará I.

A oitava pergunta indaga que lugar em Brasília teria marcado a memória erótica dos corpos dissidentes, qual espaço abjeto teria permanecido na lembrança pelas experiências ali desempenhadas. As respostas foram importantes para confirmar o Parque da Cidade e Setor de Diversões Sul (aonde se localizava a boate *New Aquarius* e a sauna citada abaixo) como marcos imaginários e como objetos de estudo:

*Existe algum local de Brasília que marcou sua memória como local de encontros sexuais? Qual?*

*“Sim, o antigo Cine Atlântida no Conic era um lugar onde sempre ocorria pegação”.*  
EFB, 50, Brasileiro, Servidor Público, Casado, Branco, Asa Sul.

*“Sim, o Parque da cidade”.*  
SC, 40 anos, brasileiro, contador, solteiro, negro, Núcleo Bandeirante.

*“Não... As histórias sexuais que me marcaram foram com pessoas que gostei pra valer.”.*  
MF, 30 anos, brasileiro, produtor cultural, solteiro, branco, Taguatinga.

*“Considero o parque um lugar marcante para todos, mas eu, particularmente, fui lá muito pouco pra dizer que ele marcou minha memória nesse aspecto. Talvez a New Aquarius, pela questão da descoberta. Mas realmente não sei. Acho a internet mais marcante do que qualquer coisa.”*

FPV. 37, chileno jornalista, solteiro, branco, Cruzeiro.

*“Parque da Cidade!”*

F.M.B. 38, servidor, solteiro, caucasiano, SHTN

*“Parque da Cidade e Cine Brasília”.*

S.D. 32, jornalista, casado, pardo, Sudoeste.

*“Sim, a Universidade de Brasília!”*

H.P.B. 20, estudante universitário, solteiro, pardo, Asa Norte.

*“Parque da Cidade, Banheiro do Extra Asa Norte.”*

HCSC. 44 anos, brasileiro, bancário, solteiro, branco, Asa Norte.

*“New Aquarius”.*

A.C. 43, professor universitário, solteiro, pardo, Asa Sul.

*“Sim. Parque da cidade: escuridão. orgias. todos os tipos e homens... Rodoviária: michês, puro perigo, Querelle. era iminentemente erótico após o anoitecer”*

PT. 42, brasileiro, professor de inglês, solteiro, caucasiano, Asa Norte.

*“Sim, a arquibancada do skatepark do Guará II. Foi ali que recebi minhas primeiras dedadas, que me encontrei várias vezes com meu primeiro namoradinho e que a polícia nos abordou de forma violenta e homofóbica.”.*

LTLG. 20 anos, brasileiro, estudante universitário, namorando, branco, residente do Guará II.

*“Boate New Aquarius, Parque da Cidade, Termas Soho no Setor Comercial Sul”.*

W.C.M. 35 anos, brasileiro, advogado, solteiro, branco, Sudoeste.

A última pergunta questiona a posição dos entrevistados sobre o sexo em local público. As respostas confirmariam Leap: o sexo em local público seria fator fundamental na composição da identidade homossexual e problematizaria as definições entre espaços públicos e privados. Além disso, as respostas indicam que haveria gradações da percepção da privacidade do ato sexual, mesmo quando feito em área pública. Outros entrevistados apontam para a falta de privacidade doméstica como fator que os levaria para o espaço público em busca de práticas eróticas, conforme sugerido por Green e Chauncey:

*Qual sua opinião sobre sexo em locais públicos?*

*“Particularmente, para mim é um fetiche. Acho necessário!”*

FCSS, 28 anos, brasileiro, publicitário, namorando, mestiço, Asa Norte

*“Desde que seja respeitada a privacidade e os limites do respeito para os não praticantes, acho super excitante”*

EFB, 50, Brasileiro, Servidor Público, Casado, Branco, Asa Sul.

*“Positiva. Principalmente em parques”.*  
SC, 40 anos, brasileiro, contador, solteiro, negro, Núcleo Bandeirante.

*“Pode acontecer? Pode. Pode ser gostoso? Pode. Só estou em outro momento. Dos encontros, comecei a me sentir sujo e energeticamente esgotado então, pra que continuar? Sabe a música da Bjork em que ela encontra uma garota numa festa achando tudo um saco e convida a garota pra sair dali porque tem muito mais vida acontecendo no mundo? É isso!”*

MF, 30 anos, brasileiro, produtor cultural, solteiro, branco, Taguatinga.

*“Não é meu fetiche... Mas acho válido.”*  
FPV. 37, chileno jornalista, solteiro, branco, Cruzeiro.

*“O que me incomoda é a exposição. De resto, não me incomoda.”*  
EFJ, 34 anos, brasileiro, vendedor, solteiro, branco, Asa Norte.

*“Gosto. Mas prefiro sem plateia!”*  
F.M.B. 38, servidor, solteiro, caucasiano, SHTN.

*“Acho que é uma coisa boa, normal, que pode ser mais compreendida e até mesmo protegida, mas também precisa acontecer de forma meio velada... afinal, trata-se de intimidades!”.*

S.D. 32, jornalista, casado, pardo, Sudoeste.

*“Eu acho que é algo comum... muita gente já fez e pouca gente fala sobre isso. Existem vários fatores subjetivos e objetivos que se relacionam com essa prática, como fetiches, faixa etária, questão econômica, morar ou não com a família... Se morar com a família existe a relação com o nível de conservadorismo presente nesta instituição e como esta encara a sua sexualidade. No fim, eu não sou contra o sexo em locais públicos, para mim ele é produto da sociabilidade que a gente vive”.*

H.P.B. 20, estudante universitário, solteiro, pardo, Asa Norte.

*“Desde que participem apenas os envolvidos, não vejo nenhum problema. Apesar do risco e perigos inerentes, muito estimulantes para alguns, não gostaria de alguém visse sem que estivesse com vontade de fazer isso”.*

HCSC. 44 anos, brasileiro, bancário, solteiro, branco, Asa Norte.

*“Excitante”*  
A.C. 43, professor universitário, solteiro, pardo, Asa Sul.

*“Em espaços da sombra sou a favor, gosto de madrugada, do parque e gosto, pois é uma comunidade que está lá pra isso, pra curtir isso e aproveitar esse espaço de fluxos, encontros e hedonismo... Já em locais sociais sou contra... acho desrespeitoso por forçar goela abaixo uma dobra de público/privado que nem todo mundo reparte”.*

PT. 42, brasileiro, professor de inglês, solteiro, caucasiano, Asa Norte.

*“Desde que feito em respeito aos transeuntes, não vejo problemas. Qual o problema de pessoas transarem num carro? Numa praça deserta? Num parque? No entanto, devemos entender que muitas pessoas fazem sexo em local público por serem marginalizadas pela sociedade opressora em que vivemos. Esse é o caso dos sexodiversos. Muitos jovens sexodiversos, ainda dependentes financeiramente dos pais, são impostos às relações sexuais casuais, furtivas. Isso não ocorreria se lhes fosse permitido se relacionar livremente, dentro de suas próprias casas. Outros fazem sexo*

*em locais públicos por viver uma vida dupla, uma na qual desenvolvem uma relação heteronormativa e outra, escondida, noturna, onde expressam sua verdadeira sexualidade. O sexo em locais públicos ocorre em espaços obscuros, marginalizados, em que a moral e os bons costumes é posta de lado. Isso porque a própria sexualidade, e principalmente as expressões da sexualidade divergentes da heteronormatividade, é tratada de forma obscura e marginalizada na atualidade.*

LTLG. 20 anos, brasileiro, estudante universitário, namorando, branco, residente do Guará II.

*“Locais públicos nunca foram empecilhos para que deixasse de ter meus encontros sexuais. É preciso uma boa dose de ousadia, de visão periférica e de perspicácia para transar nesses lugares. Em tempos de violência galopante, é preciso ficar atento ao lugar para não ser surpreendido, nem pela polícia e muito menos por criminosos. Talvez esteja aí a excitação da coisa. É estar num lugar público, mas sem ser visto, onde a possibilidade de ser pego é um verdadeiro afrodisíaco”.*

CLF. 36 anos, brasileiro, professor da rede pública, casado, branco, Guará I.

*“Sem preconceitos! Acho que é uma prática mais restrita ao universo de enrustidos que não conseguem frequentar ambientes abertamente gays e classes mais baixas que não tem acesso a esses ambientes. Particularmente não me atrai. É um fetiche que não tenho e acho perigoso”.*

W.C.M. 35 anos, brasileiro, advogado, solteiro, branco, Sudoeste.

Os relatos sugerem que:

1) Brasília teria reproduzido as mesmas práticas espaciais dos corpos dissidentes de outras cidades: banheiros e parques públicos, saunas e espaços liminares seriam apropriados para a produção de prazer sexual do corpo. Os espaços abjetos brasilienses seriam comuns a outras cidades.

2) Sexo em locais públicos ou em estabelecimentos que lucram com a procura por relações sexuais seriam componentes importantes do estilo de vida e da formação da subjetividade homossexual masculina.

3) Os espaços liminares, escuros, mais “naturais” (parques) ou com grande frequência de corpos (banheiros e cinemas) seriam os preferidos para encontrar corpos dissidentes.

4) Bairros com multiplicidade étnica, de classes, de usos, com oferta de corpos e moradias individuais e de espaços liminares seriam os mais propícios para encontros eróticos.

5) A falta de privacidade, de dinheiro, de aceitação da família ou a necessidade de manter as preferências sexuais escondidas seriam fatores que incentivariam a prática sexual em locais públicos.

6) O sexo em local público não causaria reprovação e teria sua própria lógica de privacidade para os entrevistados.

Ainda: os relatos apontam dois territórios sexuais no Plano Piloto com forte presença no imaginário dos entrevistados: Parque da Cidade e o Setor de Diversões Sul (Conic e a boate New Aquarius). Dessa maneira, os relatos sugerem ser oportuno explorar, nessa dissertação, as configurações espaciais do Parque da Cidade e do Conic e especular porque esses dois locais se tornaram referência no imaginário e na formação identitária de corpos dissidentes de Brasília. Uma pergunta deve ser feita neste momento: Como a configuração do Plano-Piloto permitiria fissuras na sua cartografia, seus pontos nodais de corpos dissidentes, seus locais de colapso da autoridade e da vigilância?

Duas hipóteses: na primeira, Lúcio Costa teria previsto um centro de cidade hedonista para Brasília, porém a não configuração conforme previsto pelo urbanista teria alterado toda a geografia sexual do Plano-Piloto. Na segunda, alterações no Plano-Piloto permitiriam a criação de áreas propícias a territorializações sexuais específicas. O centro de Brasília, configurado pela escala gregária, teria tido no Setor de Diversões Sul, o Conic, seu ícone geográfico sexual, funcionando durante anos, como condensador dos corpos dissidentes locais. Com as políticas de “requalificação” do Conic, a territorialização sexual no Plano Piloto se deslocaria para outros territórios, especializando-os em específicos corpos dissidentes: Parque da Cidade para homossexuais, avenida W3 Norte para prostituição feminina e Setor Comercial Sul para travestis. Dessa forma, conforme indicado por Pat Califia, a cidade passaria a refletir um mapa hierárquico de desejos sexuais (e corpos dissidentes) separados em áreas especializadas com o objetivo de encontrar eficientemente esses corpos e desejos<sup>256</sup>.

## **5.6) Conic: de embaixadas a território sexual domesticado.**

*“(...) Isto tudo é muito diferente do que eu tinha imaginado para esse centro urbano, como uma coisa requintada, meio cosmopolita. Mas não é. Quem tomou conta dele foram esses brasileiros verdadeiros que construíram a cidade e estão ali legitimamente. Só o Brasil... E eu fiquei orgulhoso disso, fiquei satisfeito. É isto. Eles estão com a razão, eu é que estava errado. Eles tomaram conta daquilo que não foi concebido para eles. Foi uma bastilha. Então eu vi que Brasília tem raízes brasileiras, reais, não é uma flor de estufa como poderia ser Brasília está funcionando e vai funcionar cada vez mais. Na verdade, o sonho foi menor do que a*

---

<sup>256</sup> CALIFIA, Pat. **Public Sex: the culture of radical sex.** . San Francisco, Cley Press, 1994, p 216

*realidade. A realidade foi maior, mais bela. Eu fiquei satisfeito, me senti orgulhoso de ter contribuído*<sup>257</sup>

Lúcio Costa

Áreas potencialmente boêmias estavam previstas por Lúcio Costa, no Relatório do Plano Piloto: os chamados “Setores de Diversões”, que seriam áreas com uma “mistura em termos adequados de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées<sup>258</sup>”, dispostas de forma a “propiciar ambiente adequado ao convívio e à expansão<sup>259</sup>” e estariam localizadas no centro da cidade, adjacentes à Rodoviária de Brasília (figura 23), inseridos na chamada “escala gregária” da cidade. De acordo com o croqui e a proposta de Lúcio Costa presentes no Relatório do Plano Piloto (figura 23) os setores de diversões seriam um agrupamento de edifícios destinados a cafés, cinemas, teatros, casas de chá e restaurantes ligados entre si por “travessas do gênero tradicional da Rua do Ouvidor, das vielas venezianas<sup>260</sup>”. Nos croquis, observa-se que haveria continuidade entre os setores sul e norte, porém, na prática, ambos foram separados e edificadas de maneiras distintas, colaborando para as específicas “identidades” e configurações espaciais.

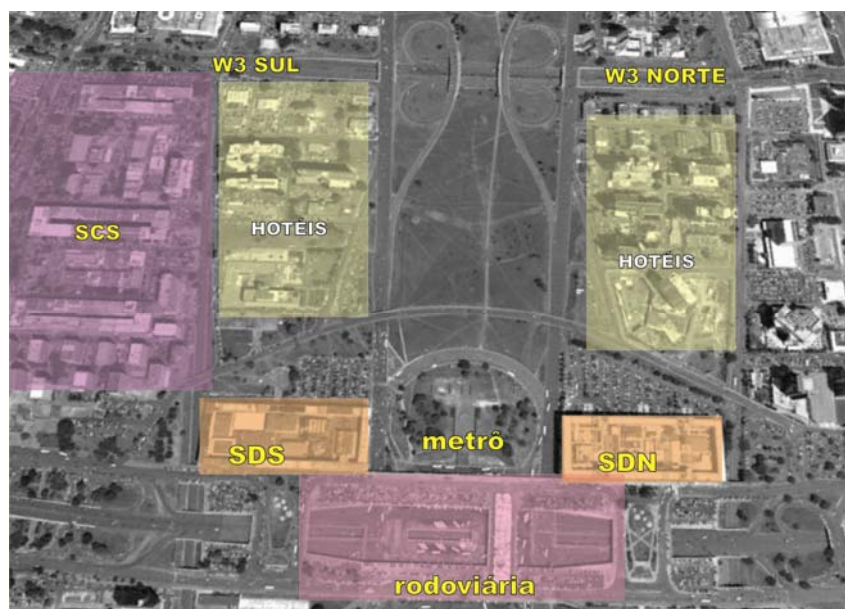


Fig.23: Setor de Diversões Sul (SDS) e seu entorno.

<sup>257</sup> COSTA, Lúcio. **Brasília, cidade que inventei**. Rio de Janeiro: Brasiliiana, 1991.

<sup>258</sup> COSTA, Lúcio. “Relatório do Plano Piloto de Brasília” em Sobre Arquitetura, Porto Alegre: Ed. FAURS, 1962.

<sup>259</sup> COSTA, Lúcio. Op.cit.

<sup>260</sup> COSTA, Lúcio. Op.cit.



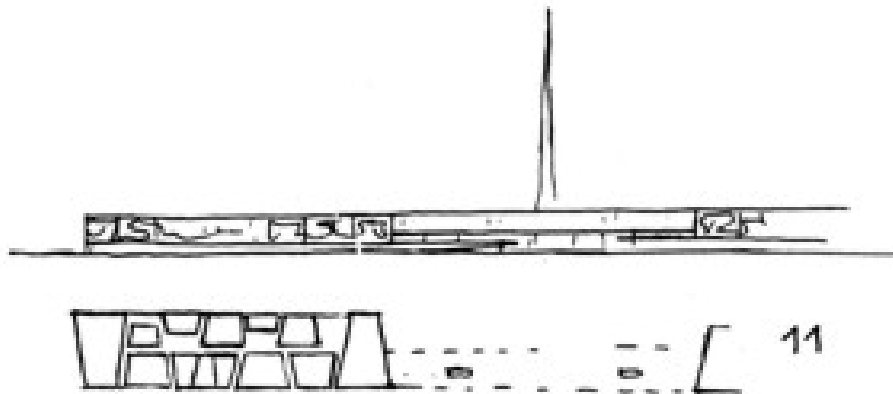


Fig.24: Setor de Diversões Sul, segundo Lúcio Costa.

Segundo Gabriela Souza<sup>261</sup>, o SDS se aproximaria do proposto por Costa: foi fracionado em 18 lotes, sendo 10 internos e oito externos, ligados entre si por uma plataforma contínua (figura 25). Em 1960 os lotes começaram a ser licitados pela Novacap e comprados por diferentes construtoras, que iniciaram as obras dos edifícios em momentos distintos. Foram construídas 15 edificações (alguns lotes foram agregados em uma única edificação), sendo a primeira a ser inaugurada foi o Cine Teatro Venâncio Jr, em 1968. A conclusão definitiva do SDS se daria em 1978.

O futuro Setor de Diversões Sul (sob a popular alcunha de Conic) se tornaria emblemático na geografia boêmia e sexual de Brasília, lar da primeira boate gay da capital (a *New Aquarius*, fundada em 1974 e durando até 1995<sup>262</sup>) e diversos estabelecimentos eróticos. O Conic se transformaria em um ponto de encontro de diversos grupos sociais, privilegiado por sua localização central, alto fluxo de pessoas e fácil acesso: trabalham no local cerca de 10 mil pessoas dispersas suas lojas e escritórios e por onde circulariam cerca de 150 mil transeuntes diários<sup>263</sup>. Foi residência das primeiras embaixadas e de alguns cafés e cinemas sofisticados da capital. Costa previra um espaço urbano de escala aconchegante, de convívio, de encontro com o Outro, um espaço urbano de dimensões eróticas tal como enunciado por Barthes: um centro de cidade onde forças subversivas, lúdicas e de ruptura poderiam se encontrar e brincar<sup>264</sup>.

<sup>261</sup> SOUZA, Gabriela Araújo Menezes de. **Conic: Recuperação e integração com o centro urbano de Brasília**. 2 vol. Projeto de Diplomação. Faculdade de Arquitetura. Universidade de Brasília. 1993.

<sup>262</sup> Disponível em <<http://www.paroutudo.com/colunas/thales/060805.htm>. 05/08/2006>. Acessado em 10/04/13

<sup>263</sup> NUNES, Brasilmar Ferreira. **Elementos para uma sociologia dos espaços edificados: o “Conic” no Plano Piloto de Brasília**. In *Cadernos MetrÓpole*, numero 21, 1; sem de 2009, pg. 17.

<sup>264</sup> BARTHES, Roland. **Semiology and the urban**. In. LEACH, Neil. **Rethinking Architecture: a reader in cultural theory**. Nova York: Routledge, 1997. P. 171

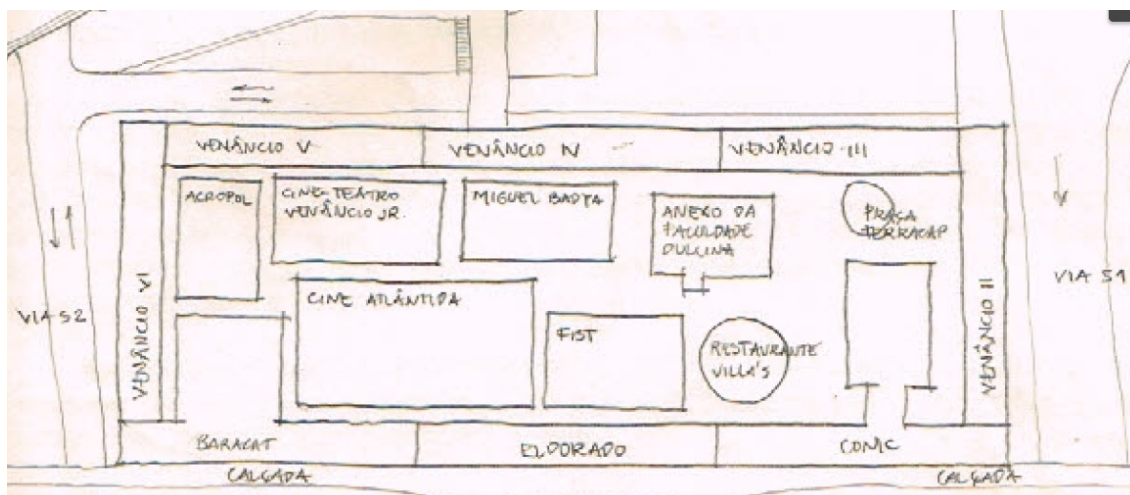


Fig.25: Setor de Diversões Sul, o “Conic” e seus edifícios .Desenho de Gabriela Souza.

A própria disposição arquitetônica do Conic, com diversos edifícios formando uma única edificação, porém em diálogos conflituosos um com os outros, interligados por galerias, passagens subterrâneas e becos (em uma confusa mistura de espaços públicos e privados) favoreceram a ocupação “marginal” do setor. Mal afamado, o Conic seria acusado de ser um local de exploração sexual, de venda de drogas e violento. A partir dos últimos governos de Joaquim Roriz e de José Roberto Arruda, o Conic sofreria um processo de “revitalização” e teria suas áreas adjacentes “moralizadas” (exemplificando-se na “*Operação Moralização de Áreas Públicas*”<sup>265</sup>, durante o governo Arruda). Em 2009, com o fechamento do Cine Ritz<sup>266</sup> (após longa história de conflitos com autoridades: fig. 26 e 27) e de duas lojas de vídeos eróticos<sup>267</sup>, o Conic é completamente “limpo” e perde referência na geografia sexual de Brasília.

<sup>265</sup> MACDOWELL, Pedro de Lemos. **O espaço degenerado: ensaio sobre o lugar travesti na cidade modernista**. 2011. 99 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

<sup>266</sup> LINS, Lais. Fiscalização fecha Cine Ritz por funcionar sem alvará. Correio Braziliense, Brasília, 08 ago. de 2009.

<sup>267</sup> ABREU, Roberta. Polícia Civil fecha lojas de filmes pornô no Conic. Correio Braziliense, Brasília, 02 set. de 2009.



Fig.26: Cine Ritz interditado em 1989.



Fig.27: Cine Ritz fechado e lacrado em 2009.

A geografia sexual instalada no SDS acontecia no seu nível “térreo” (contíguo a da plataforma superior da Rodoviária) e principalmente nos dois subsolos (onde os edifícios do SDS dialogariam uns com os outros de maneira ainda mais conflituosa): as galerias interligadas dos edifícios Acropol, Venâncio V e Cine Teatro Venâncio Jr e as lojas do Edifício Venâncio VI ao nível da Via S2 seriam o coração dessa geografia, no qual se concentrariam inferninhos, bares, boates e saunas (figura 28, 29 e 30)

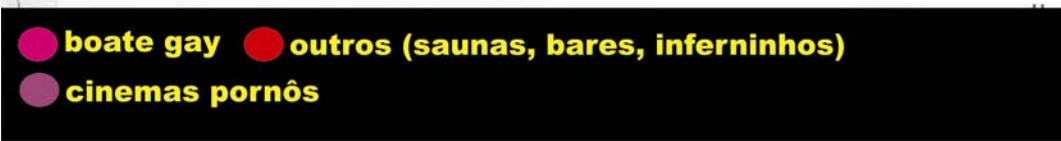
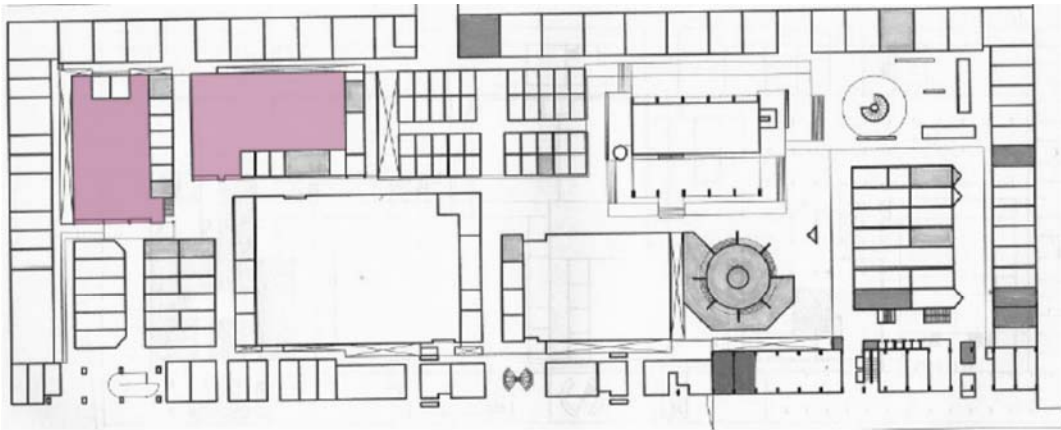


Fig.28: o nível térreo do Conic.(imagem feita a partir de levantamento de Gabriela Souza)

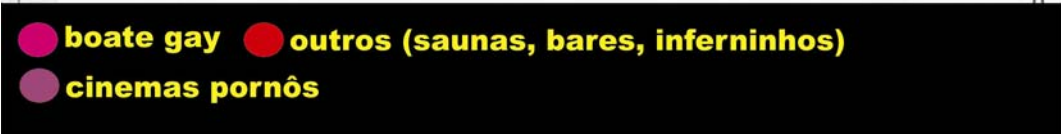
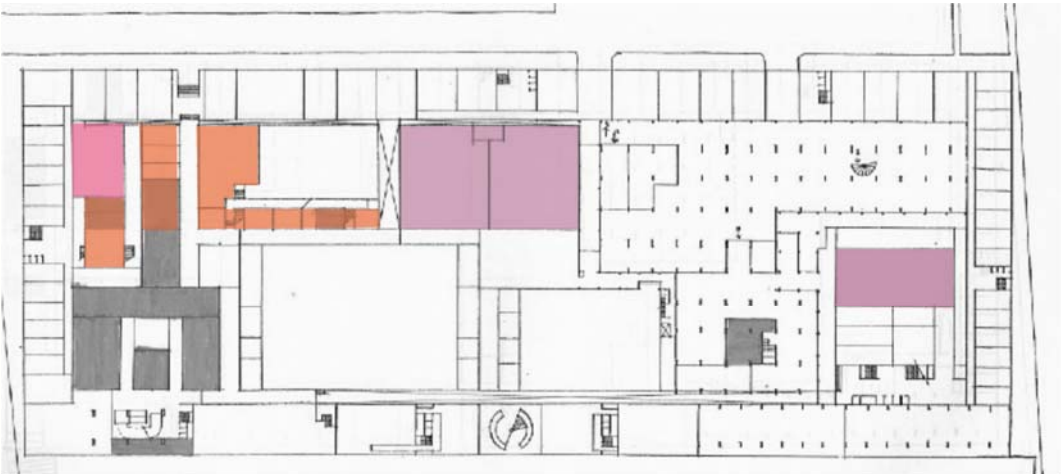


Fig.29: 1 subsolo do Conic. .(imagem feita a partir de levantamento de Gabriela Souza)





Fig.30: 2 subsolo do Conic. (imagem feita a partir de levantamento de Gabriela Souza)

O SDS começou a abrigar atividades notívagas e de diversão a partir de 1970, quando já existia uma boate (“Buraco”, no subsolo do edifício Venâncio IV), um restaurante e dois cinemas. No começo da década de 70, foram inaugurados outros cines: Superama, Miguel Nabut, Badya Helou e Bristol<sup>268</sup>. Com a consolidação do Setor de Diversões Norte (o Conjunto Nacional), os cinemas entrariam em decadência (refletindo movimento similar à outros cinemas de rua no Brasil) e, para sobreviver, passariam a exibir pornochanchadas. O Superama se tornaria o Cine Ritz e todos os cinemas, exceto o Cine Atlântida, deixariam as pornochanchadas de lado e passariam a exibir filmes pornográficos. Durante os anos 80, o Conic passaria a abrigar diversas pornotopias, como cinemas pornô's, casas de massagem, boates de strip-tease, sauna e boate gay, recebendo a popular alcunha de “*Baixaria*” (figura 30 e 31). O Cine Atlântida seria vendido para a Igreja Universal do Reino de Deus em 1995, consagrando um movimento que coincide com a implantação das políticas neoliberais no Brasil: a proliferação de igrejas neopentecostais e a compra, por estas, de praticamente todos os cinemas pornográficos e/ou de rua no país.

<sup>268</sup> SOUZA, Gabriela Araújo Menezes de. **Conic: Recuperação e integração com o centro urbano de Brasília**. 2 vol. Projeto de Diplomação. Faculdade de Arquitetura. Universidade de Brasília. 1993.



Boates para gays e entendidos e casas para "relax" contribuem para a má-fama do Setor de Diversões Sul

## Comércio se mistura com casas de show

Convivendo com as duas boates especializadas para o público gay e de "entendidos" além de outras duas com shows de mulheres, sauna que oferece todos os comerciais estão cerca de 60 óticas, dez livrarias, 25 restaurantes populares, chineses e naturais, além de boutiques, lojas de discos e escritórios de advocacia e mais espirituais que propostas materiais de recuperação, o Setor de Diversões também já é disputado por correntes religiosas, que estão adquirindo salas e até of

Fig.30: os subterrâneos da "Baixaria".

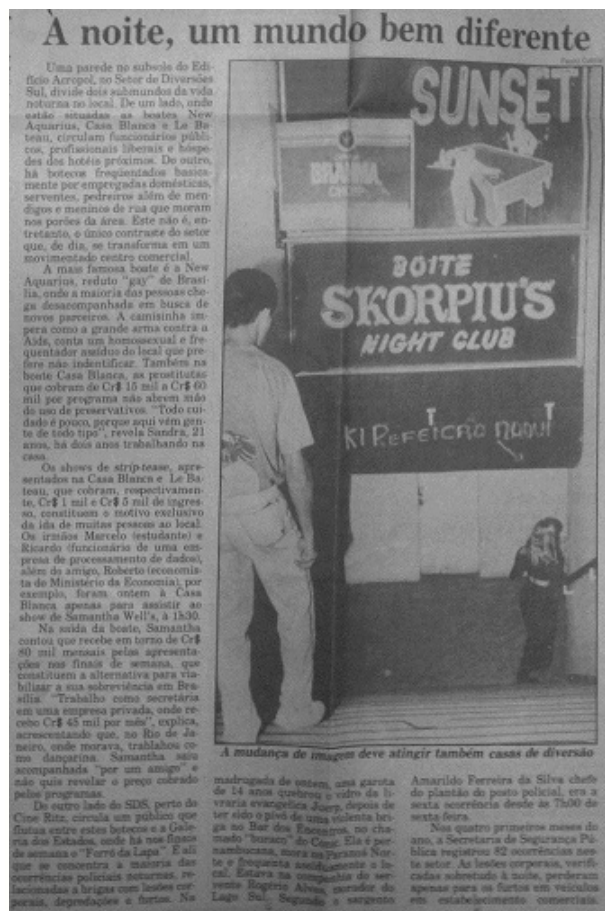


Fig.31: os subterrâneos da "Baixaria".

A alusão às políticas econômicas neoliberais e igrejas neopentecostais não é gratuita: insere-se no conceito de "cidade revanchista", cunhado pelo geógrafo Neil Smith em seu livro "New urban frontier: gentrification and the revanchist city" (1996). Para Smith, a cidade revanchista seria fruto de um discurso neoliberal de "vingança"

contra os que seriam inimigos públicos da elite política burguesa e seus apoiadores: feministas, ativistas ecológicos, movimentos sociais, gays e lésbicas, transexuais, antiglobalistas, alteromundistas, etc. Esse discurso teria repercussão em uma visão excludente do que seria a “sociedade civil” e de ordem urbana, privilegiando classes médias altas e investimentos corporativos que comodificariam e privatizariam o espaço público (sob o pretexto de torná-lo “seguro”). Teria repercussão também em leis de zoneamento urbano que objetivariam “moralizar” áreas onde os grupos sociais “indesejáveis” teriam suas práticas espaciais e culturais<sup>269</sup>.

Poderia ser feito aqui um paralelo entre o que aconteceu com o Conic e com Times Square, em Nova York, durante o mandato do prefeito Rudolph Giuliani (1993-2001): uma deliberada ação, sob a escusa da segurança pública, para minimizar as subculturas sexuais não normativas que se formaram ali, interrompendo práticas, processos de socialização, de formação identitária e de relações entre classes sociais distintas e inter-raciais, com o objetivo de preparar a área para sua gentrificação, conforme sugerido por Samuel R. Delany em seu livro “*Times Square Red Times Square Blue*” (1999). Delany, crítico literário, homossexual, negro e frequentador dos cinemas pornôs de Times Square, argumenta que o discurso da segurança pública (e o da “revitalização” urbana) seria, antes de tudo, conservador, fundamentado em um questionável e implícito pressuposto de que contatos entre classes e sexualidades diferentes seria perigoso e que a promiscuidade (sexual ou não) entre corpos no espaço urbano seria arriscada. Sob esse discurso, qualquer projeto arquitetônico que dificultasse o contato entre classes diferentes, com o “outro indesejável” tenderia a ser aprovado e implantado<sup>270</sup> e vaticina:

*“se parcela da sociedade homofóbica e heterossexista como um sistema quer se aliar a uma arquitetura, um estilo de vida, a uma série de práticas sociais que evitam contato e com um constantemente inflacionado medo da aliança entre caos e prazer, então eu penso que isto é para tempos tristes, mais limitados, desagradáveis e empobrecedores do que as restrições da monogamia poderiam ser”<sup>271</sup>“.*

---

<sup>269</sup> SMITH, Neil. **New Urban Frontier: gentrification and the revanchist city**. Nova York, Routledge, 1996.

<sup>270</sup> DELANY, Samuel R.; **Times Square red, Times Square blue**. Nova York: New York University Press, 1999. P. 164

<sup>271</sup> DELANY, Samuel R.; Op. Cit. P.194

Em 1999, forma-se a prefeitura do Conic, com o objetivo de centralizar a administração dos 13 edifícios e reverter o estigma de local imoral e perigoso<sup>272</sup>. Investimentos em requalificação física e de marketing, implantação de um posto policial dentro do Conic foram primeiras ações da nova prefeitura. Em pouco tempo, praticamente todas as pornotopias dedicadas à prostituição feminina nos pavimentos inferiores contíguos ao Setor Comercial Sul foram fechadas. Em 2013, apenas um sex-shop, uma boate gay de funcionamento esporádico e uma sauna gay sobreviveriam no SDS (figura 32). A sauna marcaria lembrança de alguns, conforme relato coletado:

*“A primeira vez que fui num espaço de sexo aqui em Brasília, foi na sauna do Conic há alguns anos atrás. Comparando com outras saunas que já fui em outras cidades, essa, com certeza, era a mais underground. Ao lado de uma igreja evangélica e de um cinema com strip-tease, a frequência do local foi a mais diversa que tinha visto. Talvez por essa razão, é o lugar que mais me lembra sexo na cidade.”*  
 CLF. 36 anos, brasileiro, professor da rede pública, casado, branco, Guará I.



Fig.32: Conic em 2013.

O Cine Ritz foi o único que resistiu a investida neopentecostal, apresentando seus shows de strip tease entre as sessões de filmes até 2009. Entrar no Ritz era passar por uma vitrine kitsch de “porn-stars” (figura 33) e adentrar em uma pornotopia revestida de carpete sujo, poltronas de couro e decorada por cartazes de filmes pornográficos com apelativos títulos, que funcionava do meio dia até dez da noite. Após passar pelo foyeur que abrigava o bar e indicava os banheiros em neon e subir o desnível existente para entrar na sala de exibição, a dimensão do cinema impressionava (era razoavelmente grande), assim como as espacialidades que ali aconteciam: nas fileiras em frente ao

<sup>272</sup> NUNES, Brasilmar Ferreira. **Elementos para uma sociologia dos espaços edificados: o “Conic” no Plano Piloto de Brasília.** In *Cadernos Metrópole*, numero 21, 1; sem de 2009.



palco, homens que não queriam ser importunados por outros, as fileiras do meio por homens sozinhos ou casais heterossexuais (obedecendo a uma proxemia que, consensualmente, poderia ser subvertida) e os fundos por homens interessados em outros. No hall de entrada da sala de exibição, travestis e homossexuais faziam dos seus cantos escuros locais de conversação e prática de sexo.



Fig.33: A entrada do Cine Ritz.

Mas o Cine Ritz tinha lá seus códigos: quando inaugurou, nos anos 80, lanterninhas expulsavam quem se masturbasse publicamente e vigiavam os cantos escuros do hall para evitar a prática de sexo (o que desestimulava a presença de homossexuais e travestis). Porém a vigilância acabou por ser dispensada e o cinema passou a atrair dezenas de travestis, que tinham no local uma opção mais segura do que as ruas para se prostituir ou simplesmente congregar. A única luz era a da tela de projeção e a escuridão garantia o anonimato. O antropólogo Alexandre Fleming Câmara Vale, ao analisar um cinema pornô no centro de Fortaleza, observaria um ritual comum em outros pelo Brasil, como o Ritz: *“os frequentadores estavam ali para tomar parte de um ritual específico, no escuro, no anonimato, no silêncio, na efemeridade ou impessoalidade de um encontro episódico”*<sup>273</sup>.

Dramática seria a transformação de um cinema *“familiar”* de arquitetura arrojada em um cine pornô de frequência massivamente masculina: o Cine Bristol. Dotado de *“fumoir”* e ampla lanchonete com vista para a tela, com um elegante foyer minimalista e situado em um subterrâneo de acesso discreto e fácil, o Bristol teria nos elementos espaciais que lhe davam distinção entre os cinemas da capital os fatores de predileção

<sup>273</sup> VALE Alexandre Fleming Câmara. *“No escurinho do cinema: cenas de um público implícito”*. Fortaleza: Expressão, 2012. Pg. 37.

entre a clientela de sexualidade não-normativa. O fumoir permitia, ao mesmo tempo, intimidade, voyeurismo e proximidade corporal, o restaurante facilitava a conversação (em um ambiente onde o minimalismo verbal era recorrente e ritual) e o acesso discreto permitia entrar no cinema sem ser notado. Além disso, a falta de vigilância atraía quem se sentia cerceado no Ritz. O Bristol talvez exemplificasse o que os geógrafos Nicky Gregson e Gillian Rose sugerem (fundamentando-se em Butler): as práticas exercidas em um espaço o dotam de significados que acaba por fazer o espaço induzir determinados comportamentos em seus usuários. Dessa maneira, o espaço é entendido também como performativo<sup>274</sup>.

Em uma cidade onde o horário de funcionamento dos bares nas comerciais das entre quadras não permitia longas madrugadas, era na galeria situada no 1 subsolo do Edifício Acropol (figura 34) onde a contracultura e a promiscuidade de corpos, classes e raças eram exercitadas até o amanhecer: era neste local que se encontravam as duas instituições da geografia sexual brasiliense dos anos 70 e 80, a boate New Aquarius e o Cine Ritz. De diplomatas a michês, de travestis a playboys, de prostitutas a artistas, era nos botecos e becos da “baixaria” onde os boêmios e os dissidentes sexuais de Brasília praticavam o urbano. A disposição arquitetônica do local induzia a uma performatividade, a uma “*ficção teatralizada da sexualidade*”<sup>275</sup>: a escadaria (ao lado da fachada pornô-kitsch do cine Ritz) que conduzia a galeria no subsolo funcionava como um “pórtico”: um lugar de passagem que já não pertence ao lado de lá nem de cá, escapando as regras e sistemas de classificação de um e de outro<sup>276</sup>.

---

<sup>274</sup> GREGSON, Nicky; ROSE, Gillian. **Taking Butler elsewhere: performativities, spatialities and subjectivities**. In. Environment and Planning d: Society and Space. 2000. vol. 18. P. 433-452

<sup>275</sup> PRECIADO, Beatriz. **Pornotopia: arquitectura y sexualidad em “Playboy” durante la guerra fria**. Madrid: Anagrama, 2010. P. 120

<sup>276</sup> MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012. P. 96



Fig.34: O edifício Acrópole em vermelho. Sua galeria levava a um subterrâneo ligado a via S2, onde infernhos (em rosa) se localizavam.

Descer os degraus era sair da amplidão e silêncio dos espaços urbanos de Brasília, da uma suposta heteronormatividade de suas superquadras e adentrar em um espaço onde o imprevisível, o perigo, a promiscuidade, o irracional (ainda mais acentuado pelo excesso de álcool e drogas baratas), a oferta de toda espécie de corpos fora da matriz heterossexual, enfim, “*o convívio e a expansão*”<sup>277</sup> de Lucio Costa poderiam acontecer. Descer as escadas da galeria era sair, conforme Steve Pile, dos espaços urbanos vigilantes da consciência e atingir aqueles da inconsciência<sup>278</sup>. O percurso oferecido pela galeria era um convite á subversão das normas sociais vigentes durante o dia: do lado esquerdo ficava a *New Aquarius* (boate gay), do lado direito botecos e no fundo uma passagem estreita, esfumaçada e de luz vermelha dominada por um bar que levava a outra galeria (na qual se misturavam sinucas e infernhos) que acabava por conduzir ao estacionamento dominado por travestis, prostitutas e gays.

Estacionamento este que, apropriado por profissionais do sexo, não constava na proposta original dos Setores de Diversão: Para Costa, deveria existir uma continuidade entre os setores de diversão e o hoteleiro, um “*parque*”<sup>279</sup> que seria o ponto focal das vielas, galerias e travessas e de seus cafés e bares adjacentes. Tal continuidade, segundo o professor Antonio Carpintero, não aconteceu porque, logo após o concurso que elegeu

<sup>277</sup> COSTA, Lúcio. “**Relatório do Plano Piloto de Brasília**” em Sobre Arquitetura, Porto Alegre: Ed. FAURS, 1962

<sup>278</sup> PILE, Steve. **The body and the city: psychoanalysis, space and subjectivity**. Nova York: Routledge, 1996

<sup>279</sup> COSTA, Lúcio. “**Relatório do Plano Piloto de Brasília**” em Sobre Arquitetura, Porto Alegre: Ed. FAURS, 1962

a proposta de Lucio Costa, a Novacap deslocou a implantação da cidade 800 metros em direção ao leste, resultando em desníveis acentuados, situações desagradáveis e problemas ainda hoje não solucionados<sup>280</sup> (como a ligação entre os Setores Comercial e Bancário Norte). O estacionamento atrás do Conic acabou por se tornar uma área pública para a qual se abriam cerca de uma dezena de inferninhos dedicados a prostituição feminina, em sua “esquina” com a via S2 que configurava uma área que poderia ser enquadrada como “baixo meretrício” (figura 35).



Fig.35: A “esquina” do CONIC com a via S2. Antes cheia de “inferninhos”, hoje fechados.

Essa caótica topografia sexual não passaria incólume: “*passou a ser a ferida exposta da cultura asséptica que prevalece no Plano Piloto*”<sup>281</sup>. Quando o estigma de “decadente” foi infligido ao Conic, talvez não tivesse sido questionado: “Decadente em relação a quê?”. Aqui tomarei emprestado de Luis Felipe de Montenegro Castelo em sua dissertação “Fissuras Urbanas” o que denomina de quinta escala de Brasília: “*escala da subalternidade*”<sup>282</sup>, fundamentada em Judith Butler, oriunda de uma “*matriz de inteligibilidade urbana pautada pela exclusão*”<sup>283</sup>, assim como a matriz heterossexual confecciona corpos excluídos para sua reprodução e identificação como protagonista. Por essa perspectiva, para Castelo, também seriam as quatro escalas (residencial, gregária, monumental e bucólica) de Brasília: elas são enaltecidas, hegemônicas, e produziram uma escala do dilapidado e do precário para subsistir. Dessa forma, o

<sup>280</sup> CARPINTERO, Antonio. **Brasília: prática e teoria urbanística no Brasil**, 1956-1998. Tese (Doutorado). São Paulo: FAU-USP, 1998. P. 167

<sup>281</sup> NUNES, Brasilmar Ferreira. **Elementos para uma sociologia dos espaços edificados: o “Conic” no Plano Piloto de Brasília**. In **Cadernos Metrôpole**, numero 21, 1; sem de 2009

<sup>282</sup> CASTELO, Luis Felipe de Montenegro. **Fissuras urbanas**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de Brasília, Brasília, 2008. P. 43

<sup>283</sup> CASTELO, Luis Felipe de Montenegro. Op.cit. P. 43

discurso da insegurança e da decadência do Conic atenderiam a interesses que, fundamentando-se na premissa que era mister resgatar a escala gregária que Costa previu (por que esta não teria sido alcançada), seria necessário “requalificar” o SDS, propor que “*deve ser estimulada a vitalidade por meio da variedade de usos e atividades, como cafés, bares, lojas de suvenires, livrarias, e atividades culturais que dinamizem o setor fora do horário comercial*”<sup>284</sup>, sem cogitar que territórios sexuais podem também ser locais de lazer, de solidariedade, de formação cultural e identitária (além de possíveis estratégias de acumulação de capital).

A presença de estabelecimentos pornográficos no espaço urbano causaria ansiedade pela percepção de decadência, perigo e medo da dissidência sexual, além de estar em desacordo com uma suposta percepção burguesa de cidade correta: paisagens discretas, distinção clara entre público e privado, classe, raças e sexualidade homogêneas, controle social. Tal percepção levaria a criação de uma comunidade cuja visão urbana seria, segundo Marilyn Adler Papayanis, indiferente às necessidades (e aos direitos) dos corpos e grupos que não comungariam a mesma visão de cidade e de sexualidade que teriam nos estabelecimentos pornográficos, elementos constitutivos de comunidade, cultura e identidade<sup>285</sup>.

O Setor de Diversões Norte, por sua vez, tornou-se um único shopping, o Conjunto Nacional (que também teve sua geografia sexual: era tradicional ponto de encontro de homossexuais e recrutas do Exército Brasileiro e os cines Astor e Karim Márcia foram locais de encontros sexuais entre homens até serem desmantelados). Já a experiência marginal notívaga do Setor de Diversões Norte sucumbiria a um discurso conservador centrado na segurança pública vigente nos anos 90. Experiência de “*centro de cidade*” conforme indicado por Perlongher: espaço lúdico e local de vida noturna, de mobilidade física e moral, de fluxo de desejos e de corpos desejanter, de desorganização de normas, minimização de tabus e de convenções<sup>286</sup>. Ainda, experiências de centro de cidade que, segundo Delany, seriam necessários em cidades democráticas na qual seria imperativo que pudéssemos falar com estranhos, em vários níveis: do político ao sexual<sup>287</sup>.

---

<sup>284</sup>Disponível em < [http://www.sedhab.df.gov.br/arquivos/PPCUB/purp\\_ap3/ap3\\_up1\\_sdn\\_sds.pdf](http://www.sedhab.df.gov.br/arquivos/PPCUB/purp_ap3/ap3_up1_sdn_sds.pdf)>

<sup>285</sup> PAPANIS, Marilyn Adler. **Sex and the revanchist city: zoning out pornography in New York**. In. **Environment and Planning D: Society and Space**, 2000, volume 18, pg 341-353.

<sup>286</sup> PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê: A prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Perseu Abramo, 1987. P. 69-73.

<sup>287</sup> DELANY, Samuel R.: **Times Square red, Times Square blue**. Nova York: New York University Press, 1999. P 192

Os Setores de Diversões seriam a utopia boêmia de Lucio Costa, não só pelo fato de que sua proposta não seria realizada conforme seus croquis (ou pelas referências às áreas boêmias de metrópoles globais que não se concretizariam) mas porque foram experiências de “*centro de cidade*” que foram abortadas em momentos diferenciados, tirando-lhes a base física. Porém, a “reabilitação” do Conic teria seus trunfos: tornou um lugar estigmatizado em uma área segura e de acesso livre, onde pessoas se reúnem espontaneamente sem apelos de consumo típicos dos shoppings assépticos e de certa formalidade presente nos bares e restaurantes do Plano Piloto<sup>288</sup>. Um local urbano que incentivaria a criatividade e certa indisciplina dos corpos (como a presença de skatistas indica). Só que defendo a existência de geografias sexuais mais ou menos institucionalizadas nas cidades, com diversos estabelecimentos orientados ao encontro sexual (comercializado ou não) entre corpos e a congregação dos desviantes da heteronorma. Concordo com Delany, mais uma vez, que, em uma cidade democrática, é importante que existam locais com uma “amigável atmosfera sexual” (como cinemas pornôis, *cruising bars*) que promovam encontros entre classes, raças e sexualidades<sup>289</sup>.

### 5.7) A avenida W3 Norte:

*“Nós moradores da 713 norte, pedimos socorro urgente às autoridades. Garotas de programa invadem nossas residências, hoje elas usam nossas marquizes (sic) como motéis, amanhã elas nos expulsam de nossas casas e usam nossas camas.”*  
Dizeres em uma faixa da 713 norte.

Do Eixo Rodoviário em direção ao Oeste, foram previstas três vias paralelas à principal artéria do Plano Piloto: W1 (entre as quadras 100 e 300), W2 (entre as 300 e 500) e a W3 (entre as 500 e as 700). A Avenida W3, dividida em Norte e Sul, receberia esse nome pelos construtores de Brasília por ser a terceira via a oeste do Eixo Rodoviário e se estenderia paralelamente a este por aproximadamente 12 quilômetros em cada lado (figura 36). Essa avenida teria sido criada para ser uma via secundária, com velocidades mais baixas do que às do Eixo, e conectada às diversas vias locais que dariam acesso as quadras 700 e 500. Em toda a extensão da Avenida, foram previstos bolsões de estacionamentos para a clientela do comércio local, que teria sido previsto

---

<sup>288</sup> NUNES, Brasilmar Ferreira. **Elementos para uma sociologia dos espaços edificados: o “Conic” no Plano Piloto de Brasília.** In *Cadernos Metrôpole*, numero 21, 1; sem de 2009. P 29

<sup>289</sup> DELANY, Samuel R.: Op. Cit. P. 127



tendo face voltada à superquadras, na via W2. Porém o intenso tráfego que surgiria na W3 (que concentraria boa parte das rotas de transporte público) teria levado a inversão das fachadas das lojas<sup>290</sup>, que se voltaria para a avenida e dariam as costas para as superquadras: os fundos dos blocos voltados para a W2 seriam desvalorizados e ocupados por oficinas, restaurantes populares e pequenos comércios.

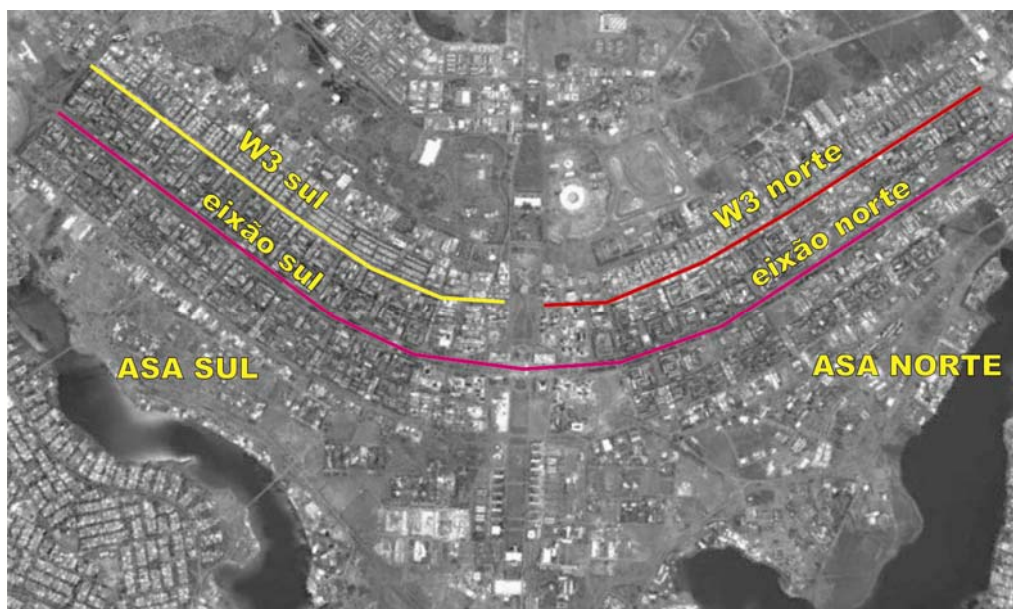


Fig.36: A avenida W3 em relação ao Plano Piloto.

Na W3 sul, os edifícios comerciais (que também aceitariam pequenos apartamentos) foram dispostos em uma fila contínua ao lado leste da via, enquanto do lado oeste foram localizadas as residências. Mudanças na legislação teriam permitido a alteração da W3 norte, permitindo o uso comercial nos dois lados da avenida e adensando fisicamente o lado oeste<sup>291</sup> com três fileiras de lojas, oficinas e kitnetes. Esse adensamento comercial no lado oeste afastaria as residências unifamiliares da via e teria repercussões futuras na configuração do território sexual que se formaria na W3 Norte (figuras 37).

<sup>290</sup> PETRINA, Alberto. **Uma inspiração latino-americana**. In. XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio. **Brasília: Antologia Crítica**. São Paulo: Cosac Naify, 2012. Pg. 351

<sup>291</sup> PETRINA, Alberto. Op.cit. P 351.

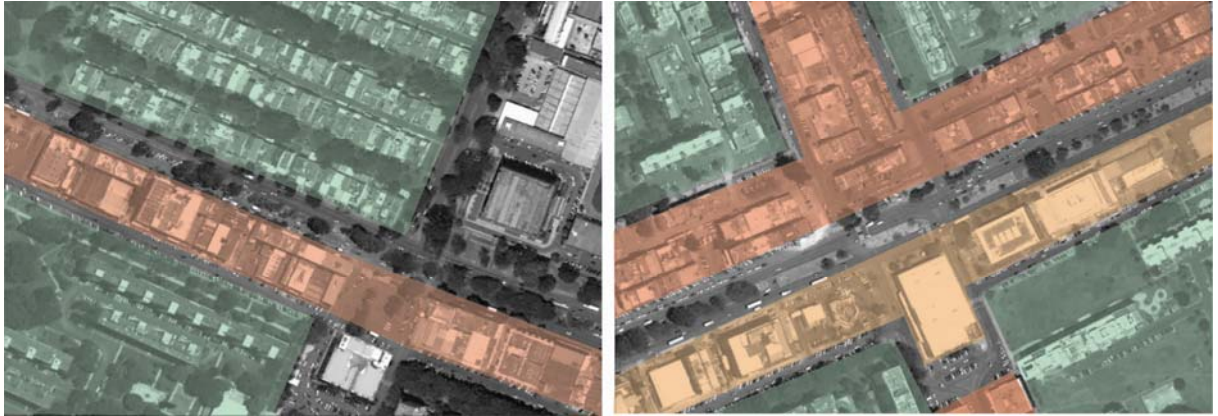


Fig.37: W3 Sul à esquerda, W3 norte á direita. Em verde, áreas estritamente residenciais. Em vermelho, uso misto. Em laranja, uso exclusivo comercial. Note-se o maior adensamento de edificações na W3 norte.

A ocupação da W3 Norte por prostitutas se daria por etapas: A primeira se daria na metade da década de 90, ao surgir a “*Queens*” (na CLN 314), boate de um casal de coreanos<sup>292</sup> (figura 38). A segunda se daria após a boate ficar famosa por favorecer a prostituição feminina, atraindo centenas de garotas de programa que acabariam por ocupar toda a comercial da SCLN 314/315 e parte da SCRN 714/715 durante as madrugadas (figura 39).



Fig.38: A localização da CLN 314 em relação a W3 Norte.

<sup>292</sup> Disponível em <<http://noticias.r7.com/distrito-federal/noticias/moradores-da-rua-que-ja-foi-ponto-de-prostituicao-repudiam-a-fama-do-local-20120930.html>>



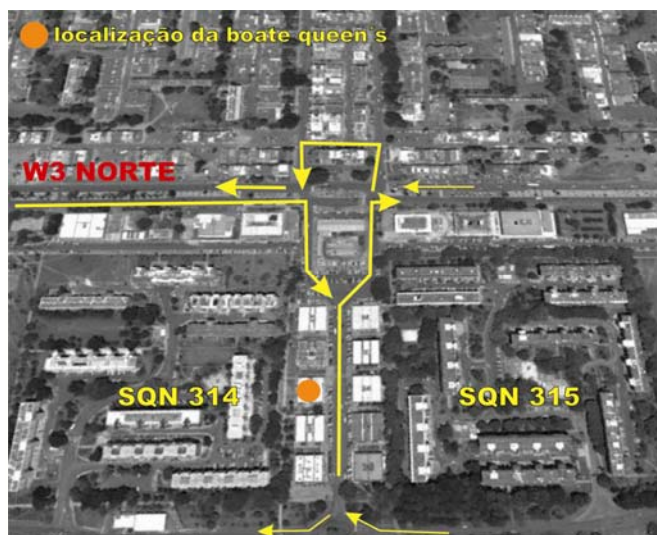


Fig.39: A localização da boate Queens dentro da CLN 314/315. O trajeto motorizado de clientes em amarelo.

A ocupação gerou a primeira onda de pânico moral nos moradores da SQN 314 e 315, que organizaram abaixo-assinados e manifestações pedindo às autoridades o fechamento da boate, o que veio a ocorrer em 1996<sup>293</sup>. A partir do fechamento da boate, se tem início a terceira etapa, que seria a apropriação paulatina de toda a extensão da W3 Norte, a partir da SCRN 714/715 até as proximidades do Brasília Shopping (figuras 40 a 43).



Figura 40: A primeira fase: Prostituição restrita à boate Queen's.

<sup>293</sup> Disponível em <<http://www.pmdf.df.gov.br/?pag=noticia&txtCodigo=2848>>



Figura 41: A segunda fase, extravasamento dos limites da boate Queen's, chegando a SCR N 714/715.



Figura 42: A terceira fase após o fim da boate, a prostituição se mantém na CLN 314/315 e passa a ocupar a Avenida W3N, da SCR N 714/715 até o Brasília Shopping.

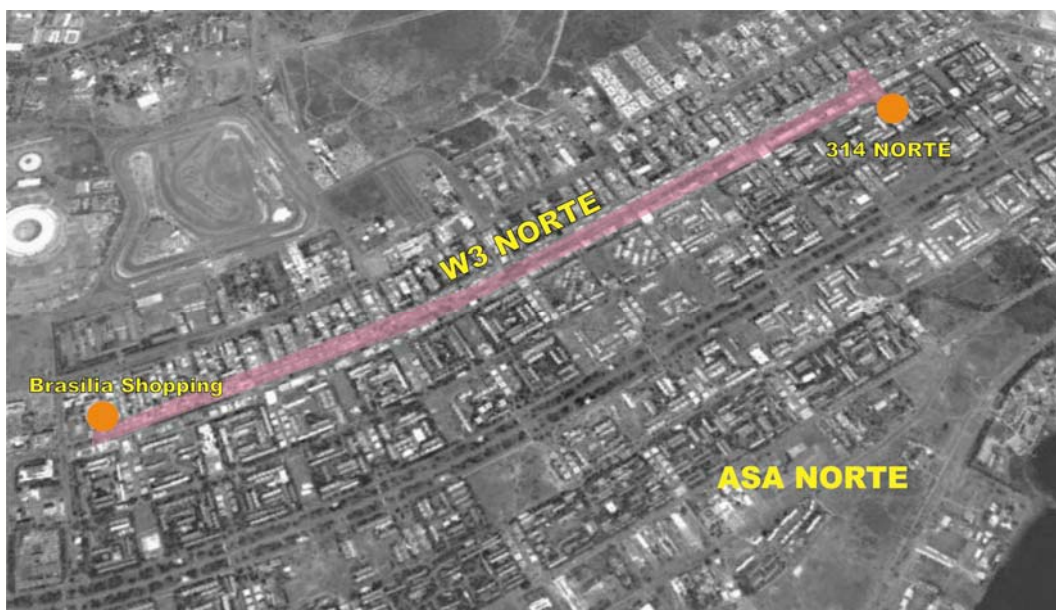


Figura 43: Atual fase (2013) com a Avenida W3N, da SCRN 714/715 até o Brasília Shopping, toda ocupada pela prostituição feminina.

A ocupação da W3 Norte geraria a segunda onda de protestos e pânico moral (figura 44). Segundo Phil Hubbard, pânico moral seriam episódios nos quais um particular grupo, geralmente minorias étnicas ou sexuais, é definido como ameaça à integridade de plataformas políticas genéricas (como religião, família e nação), tornando o supostamente ameaçador em bode-expiatório para implantação de políticas repressivas<sup>294</sup>. Os protestos dos moradores e as medidas repressivas almejavam afastar profissionais do sexo, pelo medo do “*contágio moral*” dos espaços “*familiares*” onde relações heterossexuais monogâmicas pressupostamente seriam dominantes, por meio de estratégias espaciais<sup>295</sup>. Porém o fechamento da boate não foi suficiente: as prostitutas permaneceram na CLN 314/315, resistindo à repressão policial durante meses. Obedecendo mais a leis de mercado do que aos imperativos morais dos valores familiares das superquadras, só com a diminuição do comércio sexual na CLN 314, que as prostitutas se apropriariam da Avenida W3 norte, concentrando-se nos pontos de ônibus e nas calçadas do lado oeste da via (figura 45).

<sup>294</sup> HUBBARD, Phil. **Cities and sexualities**. Nova York: Routledge, 2012. P.34

<sup>295</sup> HUBBARD, Phil. Op. cit. Nova York: Routledge, 2012. P. 61



Fig.44: Faixa protestando contra a presença de prostitutas, 2012.



Fig.45: “Trottoir” de profissionais do sexo na W3 Norte.

A configuração espacial da W3 Norte facilitaria sua ocupação para o comércio sexual e as interações entre profissionais do sexo e clientes, por contar com: oferta de kitnetes baratas (gerada pela criação de três conjuntos de blocos de uso misto, ausentes na W3 sul); a presença de espaços públicos mal articulados e marginais entre os blocos de uso misto criados nas SCLN; a criação de estacionamentos em frente aos blocos de uso misto (que favoreceria o contato do cliente motorizado com profissionais do sexo) e a permissão de usos comerciais no lado oeste (que permitiria o funcionamento de “pousadas”). A proximidade de moradia e local de trabalho seria indicada por profissionais do sexo a favor a utilização da W3 norte: “*não preciso ir longe. Basta descer as escadas e trabalhar aqui por perto*” afirmaria uma prostituta<sup>296</sup>. Além disso, a criação da SCLN criou uma espécie de zona tampão de 75 metros entre as residências uni familiares das SHGN e a W3 Norte, inexistente na congênere sulista (figuras 46 e 47).

<sup>296</sup> Disponível em <<http://www.aids.gov.br/noticia/prostituicao-avanca-na-asa-norte>>



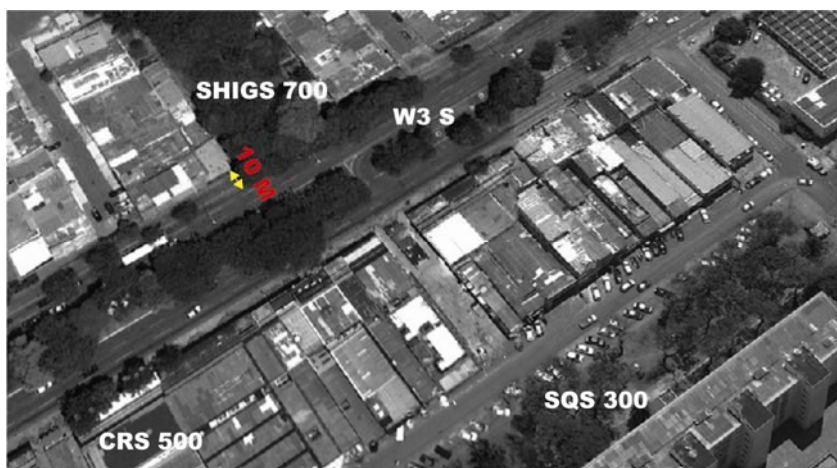


Fig.46: Avenida W3 sul.

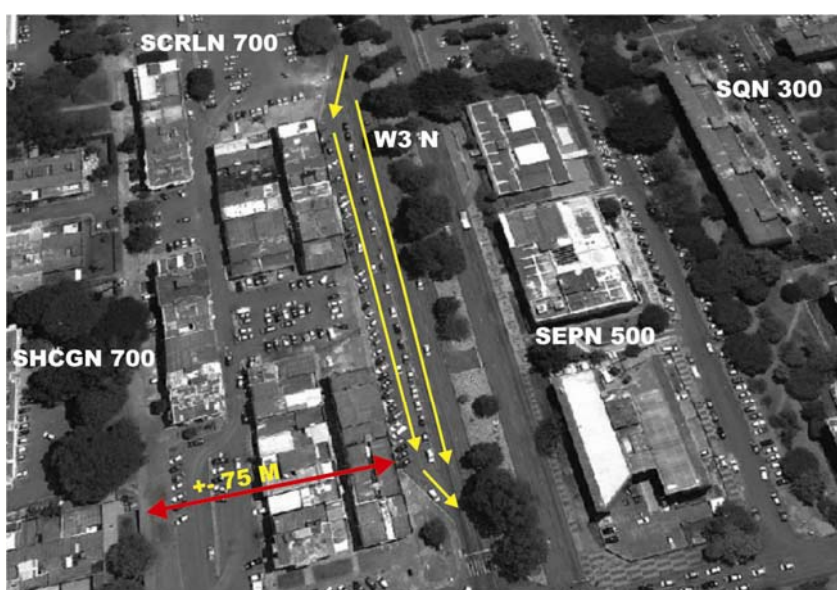


Fig.47: Avenida W3 Norte: três blocos de uso misto entre as residências unifamiliares e a via. Em amarelo, percurso dos clientes motorizados de profissionais do sexo.

A interação com a prostituição local teria nas características espaciais da W3 algumas conformações: devido à proximidade do local de trabalho e da via, geralmente profissionais trabalham ou em frente à residência ou próximo de alguma pousada tolerante. Utilizam ou paradas de ônibus ou espaços em frente às calçadas e marquises dos blocos da SCRLN como “vitrines”, onde se exibem em grupo para potenciais clientes. Os espaços ocupados por profissionais geralmente ficam em frente a bolsões de estacionamentos que permitam rápidas saídas da via principal da avenida para abordagens por parte do cliente motorizado, que negociaria o serviço sem atrapalhar o trânsito ou chamar atenção. Além disso, ocupam áreas nas quais existam assentos ou apoio para os corpos (como as paradas de ônibus, os pilares dos blocos ou desníveis sob

as marquises). O cliente motorizado aborda e (caso fechado o negócio) ou desce do carro e segue em direção ao local de atendimento a pé (acompanhado da profissional) ou segue com ela no carro até uma pousada ou kitnete próxima (as prostitutas evitam trajetos longos sozinhas com clientes motorizados). Às vezes, o serviço é prestado no espaço público mesmo, atrás das paradas de ônibus ou nos muitos espaços mal articulados e escuros entre os blocos e nos pequenos estacionamentos da SCRLN, nas passagens entre os blocos da SEPN.

Segundo Phil Hubbard, a presença de prostituição ao nível das ruas refletiria o preço dos imóveis locais<sup>297</sup>. Verificando o popular site “*W Imóveis*”, especializado em anúncios imobiliários, em abril de 2013 constatei a oferta de 24 kitnetes com preços abaixo de R\$ 850 por mês, sendo seis imóveis com aluguéis na média de R\$ 650 mensais. Em contrapartida, apenas seis imóveis abaixo de R\$ 850 estariam disponíveis para aluguel em toda a Asa Sul no mesmo período. A maior oferta de imóveis baratos teria sido proporcionada pelo adensamento de edifícios comerciais no lado das quadras 700 da W3 Norte, geralmente edifícios desvalorizados pela presença de oficinas mecânicas e baixo padrão construtivo. Essa oferta de moradia barata teria favorecido a presença de profissionais do sexo na região (ainda facilitada, já que profissionais do sexo dividiram kitnetes, por custos e segurança).

Outro fator: a ausência de atividades notívagas na região favoreceria a presença de prostitutas, já que a via fica praticamente fechada depois das 19 horas. Apesar disso, a W3 seria segura para profissionais do sexo por dois motivos: primeiro, as calçadas da W3 norte teriam “*olhos para as ruas*”<sup>298</sup>, conforme sugerido por Jane Jacobs, fornecidos pelas kitnetes situadas nos andares acima dos comércios, facilitando a vigilância sobre profissionais do sexo, dando-lhes sensação de segurança. Segundo, ainda fundamentando-se em Jacobs, a via teria “*usuários transitando ininterruptamente*”<sup>299</sup>, o que possibilitaria não só potenciais clientes como olhos vigilantes (figura 48).

---

<sup>297</sup> HUBBARD, Phil. *Cities and sexualities*. Nova York: Routledge, 2012. P. 33-62

<sup>298</sup> JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. Tradução de Maria Estela Helder Cavalheiro. São Paulo: Martins Fontes, 2011. P.35

<sup>299</sup> JACOBS, Jane. Op. Cit. P. 36



Fig.48: os “olhos para as ruas” dos edifícios multiuso da W3 N.

A W3 Norte se tornaria importante no mercado sexual do Plano Piloto, por ser o maior território de prostituição em funcionamento na cidade. Isso pode ser constatado pelo número de profissionais do sexo presentes na via e pela quantidade de anúncios em classificados de jornais cujo endereço anunciado situa-se na Asa Norte, em especial nas quadras próximas a avenida. O mercado sexual instalado na via teria repercussões nos preços dos imóveis e na percepção de violência dos moradores locais, apesar do fato que não há sólidas relações entre a presença de profissionais do sexo e violência urbana. A prostituição ao nível das ruas seria favorecida, no Brasil, pela proibição de bordéis sob a alcunha de “*lenocínio*”<sup>300</sup>, porém, experiências no mundo anglo-saxão demonstrariam que a legalização de bordéis teria impacto positivo nas cidades e em profissionais do sexo.

Segundo o documento “*City of Sydney Adult Entertainment and Sex Industry Premises Development Control Plan 2006*”<sup>301</sup>, que regulamenta zoneamento e parâmetros arquitetônicos para estabelecimentos voltados ao mercado sexual, a legalização destes estabelecimentos não só diminuiriam a violência contra profissionais do sexo que estariam nas ruas, como tiveram impactos positivos sobre diminuição do uso de drogas, segurança dos clientes, diminuição da corrupção policial, aumento do alcance de políticas públicas de saúde e redução de danos sobre profissionais, melhorias de padrões higiênicos e de acessibilidade dos estabelecimentos e redução dos “efeitos secundários” dos mercados de sexo nas vizinhanças. Além disso, profissionais do sexo teriam a sensação de que o estigma que carregariam teria arrefecido. A política da prefeitura de Sydney considera mais conveniente controlar espacialmente o mercado sexual por meio de legislações tolerantes, do que endurecer leis que permitiriam maior

<sup>300</sup> Artigo 169, Código Penal Brasileiro.

<sup>301</sup> **City of Sydney Adult Entertainment and Sex Industry Premises Development Control Plan 2006.**

escape dos profissionais e dos estabelecimentos para fora do alcance de políticas públicas e áreas urbanas mais seguras. Outro exemplo de abordagem arquitetônica visando à segurança de profissionais de sexo e de clientes estaria nas iniciativas como as das prefeituras de Zurique<sup>302</sup> (Suíça) e Dortmund (Alemanha), que implantaram “cabines de sexo legalizadas”, ou “*love boxes*”, em áreas de prostituição (figuras 49,50 e 51).



Fig.49: “*Love boxes*” alemãs.



Fig.50: “*Love boxes*” suíças.

---

<sup>302</sup> Disponível em <<http://www.lauraagustin.com/having-sex-in-boxes-making-legal-street-prostitution-acceptable>>





Fig.51: “Love boxes” alemãs.

A prostituição na W3 norte teria tido sua origem em 1995 com a boate Queens, mas o favorecimento da área como possível território sexual teria origens nas mudanças arquitetônicas das áreas adjacentes à via, que teriam permitido a criação de unidades residenciais baratas e afastadas das residências uni familiares. Ao permitir a apropriação espacial pelos corpos dissidentes, a avenida W3 Norte também seria configurada, de algum modo, pela presença desses corpos: instalando-se no imaginário urbano como referência na geografia sexual de Brasília e abrigar estabelecimentos voltados para profissionais de sexo e clientes. A W3 Norte seria performatizada por performances desses profissionais, que ao se apresentar publicamente em seus espaços como mercadorias, forjam suas identidades em relação ao espaço público sexualizado da avenida.

### **5.8) Parque da Cidade.**

O Parque Sarah Kubitschek, ou “Parque da Cidade” situa-se entre dois bairros de classe média alta, o Sudoeste e a Asa Sul (figura 52). Possui 4.2 quilômetros quadrados, ocupando toda a extensão sul do Plano Piloto, do Eixo Monumental ao Cemitério Campo da Boa Esperança. Inaugurado em 1978, com projeto urbanístico de Lúcio Costa, alguns edifícios projetados por Oscar Niemeyer e Glauco Campello e paisagismo de Roberto Burle Marx, o parque é dotado de pista de kart, ciclovia, parque infantil e de diversões, lago, quadras de esporte, hípica, bares, dezesseis banheiros públicos, pavilhão de exposições, doze estacionamentos e florestas. Em Brasília é a segunda área

pública com maior frequência no Distrito Federal, só perdendo para a Rodoviária<sup>303</sup>. Circulado em todo seu perímetro pela via SRPS, o parque é isolado das quadras 900 da Asa Sul, do Setor de Indústrias Gráficas e do Sudoeste, não tendo outras atividades urbanas faceando sua área.



Fig.52: localização do Parque da Cidade

Parques públicos urbanos teriam sido criados durante o século XIX para o passeio público, práticas de esporte (considerado capaz de elevar a moralidade das classes trabalhadoras) e programados para a exibição de desejos, namoros e conquistas heterossexuais androcêntricas<sup>304</sup>. Para Higgs, os parques e passeios públicos foram criados inicialmente para o flerte heterossexual institucionalizado entre as famílias burguesas em suas “passegiatas” durante o dia<sup>305</sup>, permitindo o olhar masculino sobre as potenciais noivas a passear. Porém, durante a noite, alguns parques seriam apropriados pelos corpos dissidentes, em sua procura por parcerias sexuais. João do Rio, em suas crônicas sobre o Rio de Janeiro do início do século XX teria dito que “*as maiores devassidões, lembrando as orgias de Tibério, ao ar livre, a polícia tem encontrado nos*

<sup>303</sup> Disponível em <<http://comunidade.maiscomunidade.com/conteudo/2012-04-21/especial/7689/ELE-E-O-MAIOR-DO-MUNDO.pnhtml>>

<sup>304</sup> INGRAM, Gordon Brent. **Open spaces as strategic queer sites**. In. INGRAM, Gordon Brent; BOUTHILLETTE, Anne-Marie; RETTER, Yolanda (Eds.). **Queers in Space: communities, public places, sites of resistance**. Seattle: Bay Press, 1997. P. 102

<sup>305</sup> HIGGS, David: “**Queer sites: gay urban histories since 1600**”. Routledge, Londres, 1999. P. 145

*jardins*<sup>306</sup>”. Tal apropriação de parques seria observada em diversas cidades em todo o mundo. Não seria diferente em Brasília.

Nos relatos de homossexuais masculinos coletados o Parque da Cidade foi o espaço público mais citado. De fato, o parque aparece em todos os guias gays dos maiores portais da Internet orientados aos homossexuais<sup>307</sup>, mas não aparece nos raros guias impressos anteriores aos anos 90. A construção do parque como referência espacial de homossexuais masculinos em Brasília teria sido paralela ao “desmantelamento” do Conic como território sexual, a partir da segunda metade dos anos 90. Com o constante encerramento dos cinemas pornô do Conic e o fechamento da boate New Aquarius em 1995 após uma batida policial<sup>308</sup>, as configurações espaciais do parque favoreceriam a sua apropriação pelos dissidentes.

Perguntados sobre quais espaços abjetos brasilienses teriam permanecido na lembrança pelas experiências ali desempenhadas, os entrevistados que teriam tido como referência o Parque da Cidade, assim relatariam:

*“O Parque da Cidade é extremamente convergente para encontros eróticos por conta da localização, tamanho, áreas de visibilidade, áreas protegidas, facilidade de acesso, códigos estabelecidos, alibi de ser um local para outros fins...”*  
HCSC. 44 anos, brasileiro, bancário, solteiro, branco, Asa Norte.

*“Parque da cidade: escuridão. orgias. todos os tipos e homens...”*  
PT. 42, brasileiro, professor de inglês, solteiro, caucasiano, Asa Norte.

*“O Parque da Cidade fica no meu bairro e é bastante propício a encontros eróticos. Seus estacionamentos e espaços furtivos e escuros são ótimos para sexo rápido.”*  
EFB, 50, Brasileiro, Servidor Público, Casado, Branco, Asa Sul.

Para Angelo Serpa, os usuários finais de parques públicos, apesar de nem sempre serem escutados pelos atores encarregados por implantar essas áreas, são quem acabam por forjar as apropriações espaciais e a imprimir discursos e identidades aos parques. Para Serpa, nos processos de apropriação espacial de parques, sempre haveria um conflito entre os usos “conforme” o projeto arquitetônico e paisagístico destes e os usos imprevisíveis ou “proibidos”. O usuário teria ao seu dispor, na suas táticas de acomodação, apropriação ou subversão espacial, três tipos de práticas: as primeiras se conformariam perfeitamente as diretrizes determinadas pelos projetistas e evocariam

---

<sup>306</sup> GREEN, James N. . **Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo, Ed. UNESP, 1999. P 98

<sup>307</sup> Disponível em <<http://paroutudo.com/roteiro-gls/>>

<sup>308</sup> Disponível em <<http://www.paroutudo.com/colunas/thales/060805.htm>>

condutas esperadas por todos os usuários, as segundas seriam apropriações não previstas pelo projeto original e as terceiras seriam as subversões, geralmente no período noturno, que se relacionariam com noções de imoralidade, segurança e incivildades<sup>309</sup>. As terceiras práticas, segundo Serpa, ainda que não abertamente evocadas por autores de projetos e gestores de parques, estariam presentes nas preocupações de fornecer parques fechados, com amplas perspectivas, com espaços vazios e vegetação mínima, convergindo para a implícita “homofobia por design” sugerida por Ingram<sup>310</sup>.

Exemplificando as três práticas sugeridas por Serpa com o Parque da cidade: as de acomodação seriam os corredores conformados ao layout de pistas oferecido, as de apropriação seriam as festas espontâneas que ocorreram nos estacionamentos 05 e 06<sup>311</sup>, e as de subversão seriam as áreas de cruising homossexual (os estacionamentos 01, 02, 03 e 04 e áreas adjacentes) situados no lado oeste do parque e menos frequentados (figura 53).



Fig.53: Os estacionamentos utilizados para “cruising”. Em verde, as manchas de vegetação utilizadas para sexo..

Os mais concorridos seriam os estacionamentos 01 e 02, periféricos ao Pavilhão de Exposições, e que são os maiores do parque e se situam a certa distância da via SRPS e

<sup>309</sup> SERPA, Angelo. **O Espaço Público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007. P. 76-79

<sup>310</sup> INGRAM, Gordon Brent. **Open space as strategic queer sites**. INGRAM, Gordon Brent; BOUTHILLETTE, Anne-Marie; RETTER, Yolanda (Eds.). **Queers in Space: communities, public places, sites of resistance**. Seattle: Bay Press, 1997. P. 96

<sup>311</sup> CALCAGNO, Luiz. “Sudoeste protesta contra festas nos estacionamentos do Parque da Cidade”. **Correio Braziliense**, Brasília, 05 nov. 2009.



próximos a manchas vegetais sem iluminação que proporcionam percepções de privacidade para os frequentadores (fig. 54). As trilhas observadas em fotografias áreas indicariam como essa arquitetura efêmera seria constituída: linhas de concentração e de dispersão, pólo de atração, paredes imaginárias (fig.55).



Fig.54: Os estacionamentos 01 e 02, os mais procurados. Em verde, as manchas vegetais apropriadas para pratica de sexo Em amarelo, as vias de acesso.

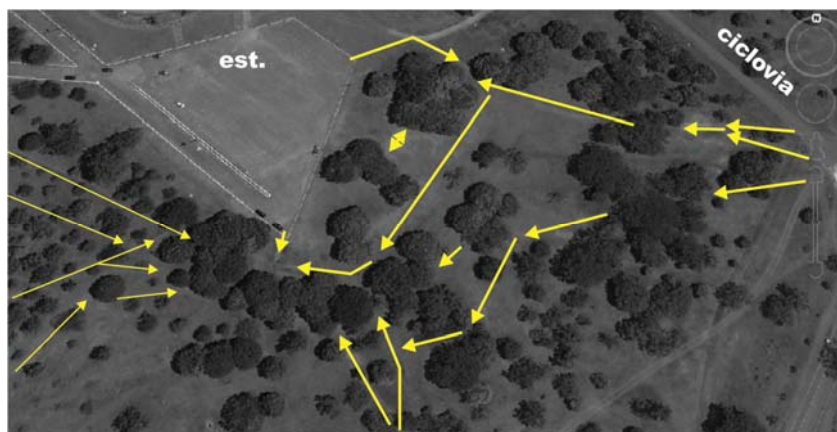


Fig.55. Trilhas, paredes e núcleos de arquitetura efêmera.

Para Jane Jacobs, os parques se tornam “*pervertidos*” por falharem nas seguintes propriedades: diversidade física e funcional de suas adjacências (que por consequência forneceria diversidade de frequências e de usuários)<sup>312</sup>, centralidade, complexidade,

<sup>312</sup> JACOBS, Jane. **Vida e morte das grandes cidades**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2011. P. 105-106

insolação e delimitação espacial<sup>313</sup>. O Parque da Cidade oferece certa complexidade de usos, possui centralidade em relação aos bairros adjacentes, recebe ampla insolação e tem clara delimitação. Porém, é isolado das áreas adjacentes, não sendo permeado por diversidade física e funcional em seu perímetro. As áreas mais utilizadas para encontros sexuais dissidentes encontram-se nas áreas mais periféricas e monofuncionais do parque: estacionamentos vazios a partir das 19 horas, manchas vegetais afastadas de ciclovias, bares e outros usos, áreas liminares delimitadas por cercas vivas (figura 56). Dessa forma, essas áreas funcionariam como pontos de colapso da vigilância sobre os corpos, permitindo a apropriação do espaço para a formação de uma efêmera arquitetura que não resistiria após o orgasmo<sup>314</sup>.



Fig.56. Em rosa, as áreas mais utilizadas e diversas do Parque. Em verde, áreas mais monofuncionais e utilizadas para cruising.

A apropriação do Parque da Cidade aconteceria de diferentes maneiras, de acordo com momentos históricos, horários e locais. Teria, segundo histórias de grupos dissidentes, surgido em meio a Praça das Fontes, situada em frente ao estacionamento 09 e com paisagismo assinado por Burle Marx (figura 57). Esta praça é cercada por terraços em desníveis com densa vegetação (que seriam denominados “Sofá da Hebe”, pelos homossexuais) e espelhos d’água e tem no seu entorno um banheiro público e um

<sup>313</sup> JACOBS, Jane. Op. Cit. P. 112

<sup>314</sup> BETSKY, Aaron. **Queer Spaces: Architecture and Same Sex Desire**. Nova York: Morrow, 1997. P 141-165

bar (que abrigaria um pagode famoso, o Pirraça, aos domingos, que atraía muitos recrutas do Exército: figura 58).

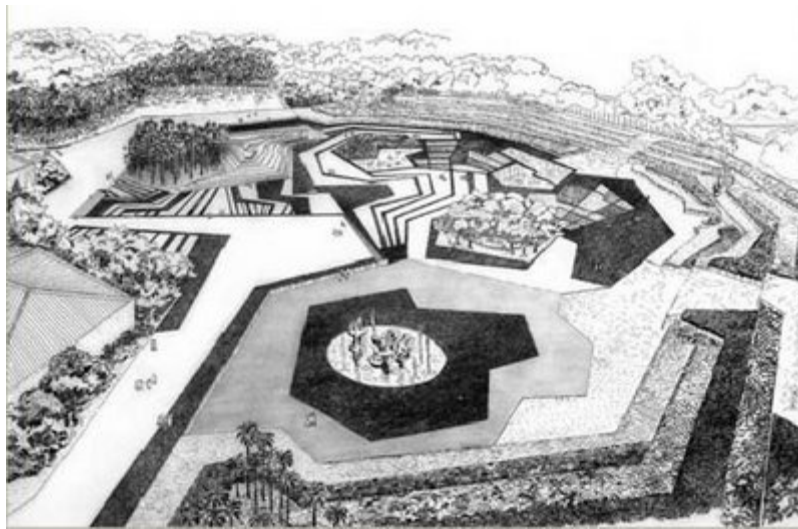


Fig.57. Projeto de Burle Marx para a Praça das Fontes.

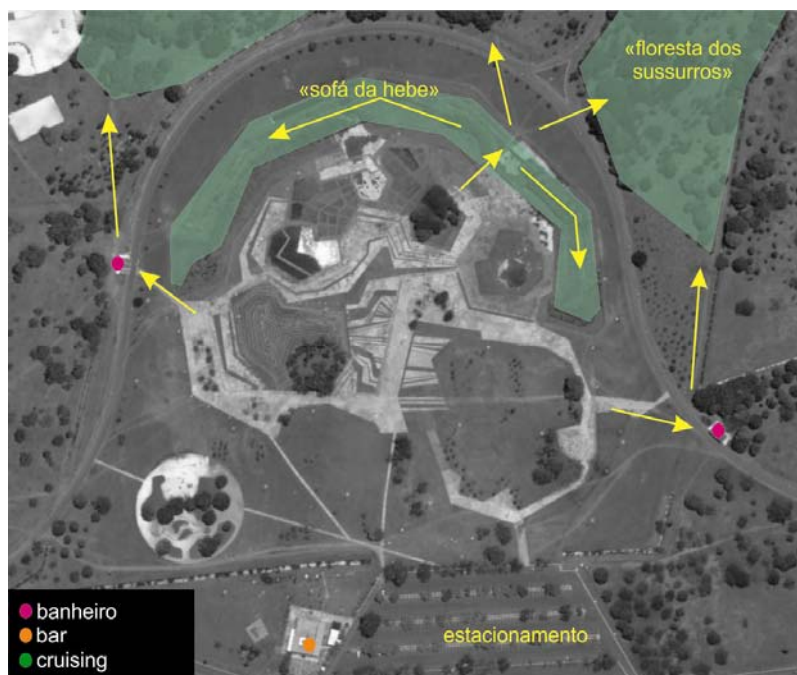


Fig.58. A Praça das Fontes e sua microgeografia sexual.

Aos poucos, uma intensa movimentação homossexual se daria nesta praça, com rapazes pegando sol nos gramados e nos bancos, e se aventurando pelos terraços e banheiro. Durante o final do governo Cristovam Buarque, o local teria sua iluminação cortada, favorecendo a ocupação noturna para a prática de sexo (que acontecia no estacionamento e nos entorno da praça). A escuridão também facilitou ataques

homofóbicos e assaltos, que levariam à maior vigilância do local e por fim a migração da apropriação dissidente para outros locais do parque, como estacionamentos e manchas vegetais (como a situada atrás da Praça, popularmente conhecida como “*Floresta dos Susurros*”).

Segundo Samuel R. Delany, sexo em locais públicos ou abertos ao público teriam suas próprias (e rígidas) políticas de negociação entre os corpos envolvidos nas práticas<sup>315</sup>. O Parque da Cidade também teria as suas, que seriam de dois tipos (com específicas espacialidades): a pedestre e a motorizada. A primeira acontece quando corpos se deslocam (a pé ou de bicicleta) às diversas manchas vegetais onde acontece a prática de sexo. A segunda envolve corpos em carros ou motos nos estacionamentos. Cada tipo teria suas políticas peculiares: na pedestre, códigos corporais indicam a preferência de práticas sexuais, a aceitação ou recusa de parceiros, de participação ou observação de terceiros e/ou de grupal. A motorizada envolve a abordagem de algum veículo parado ou em movimento nos estacionamentos por outro, negociação entre motoristas e a decisão se o ato será consumado ou no carro de um destes, ou no próprio estacionamento ou no mato. A participação de terceiros motorizados é negociada por códigos corporais. A frequência das práticas muda conforme o horário: durante o dia, a abordagem motorizada por parte de homens casados é usual; a partir das 18 horas as práticas pedestres e as motorizadas se intensificam. Quando os estacionamentos eram abertos durante a madrugada, a prática motorizada era intensa a partir das 24 até às 05 da manhã. Atualmente, os banheiros públicos possuem vigilância e são fechados à noite; os estacionamentos são fechados por volta das 23 horas.

Outro exemplo de apropriação espacial de parques não prevista: próximo ao parque de diversões Nicolândia e do parque infantil Ana Lúcia, ficava o Bar Barulho, tradicional ponto de encontro nas tardes e noites de domingo (atraindo centenas de corpos dissidentes entre 17 e 2 horas da manhã). O bar ficava relativamente próximo da Avenida W3, do Shopping Pátio Brasil e do Eixo Monumental (figura 59), sendo um dos poucos locais do Parque acessível por transporte público.

---

<sup>315</sup> DELANY, Samuel R. Op. cit. P. 158





Fig.59: localização do bar Barulho.

Em maio de 2012, a Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP-DF) desencadeia a “Operação Clarear<sup>316</sup>”, sob o pretexto de “pacificação social” e fecha o bar, acusando-o de funcionar sem alvará e de favorecer a exploração sexual de adolescentes. Em julho do mesmo ano, diversos coletivos LGBT do Distrito Federal realizam uma ocupação festiva e pacífica do parque, denominada “#OcupaParqueDF<sup>317</sup>” (figura 60), reinterando a importância do local na cultura LGBT brasileira e denunciando o que seriam práticas institucionais discriminatórias disfarçadas. Com a repercussão negativa da recente “Operação Clarear” junto à comunidade LGBT de Brasília, a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Transferência de Renda (SEDEST), que encaminhou as supostas denúncias a SSP-DF, acabou por emitir uma nota em que se esquivava das acusações de homofobia institucional por parte do GDF<sup>318</sup>. Em 2007, o bar já teria sido fechado, acusado de funcionar sem alvará.

<sup>316</sup> Disponível em < <http://www.df.gov.br/noticias/item/2162-opera%C3%A7%C3%A3o-clarear-no-parque-da-cidade.html>>

<sup>317</sup> Disponível em <http://paroutudo.com/2012/06/27/movimento-ocupaparquedf-denuncia-homofobia-e-faz-atividades/>>

<sup>318</sup> Disponível em [http://www.sedest.df.gov.br/001/00101001.asp?ttCD\\_CHAVE=382&btOperacao](http://www.sedest.df.gov.br/001/00101001.asp?ttCD_CHAVE=382&btOperacao)>



Fig.60: manifestação no parque após fechamento do bar, 2012.

### 5.9) Setor Comercial Sul

Localizado no que seria a escala gregária que conformaria o “centro” de Brasília, o Setor Comercial Sul (SCS) é limitado a oeste pela W3 sul, a leste pelo Eixo W Sul, ao norte pela via S2 Oeste e ao sul pela via de ligação Se/Ne, fica próximo à Rodoviária de Brasília e ao Setor de Diversões Sul. Situa-se entre o Setor Médico Hospitalar Sul (separando-se pela via Se/Ne) e o Setor Hoteleiro Sul , separando-se deste pela via S2 (fig. 61). Liga-se ao Setor Bancário Sul por uma galeria subterrânea, a Galeria dos Estados. Em frente ao SCS, do lado da W3, localiza-se um dos shoppings mais movimentados do Distrito Federal, o Pátio Brasil (inaugurado em 1997), com frequência diária em torno de 50 mil pessoas e tradicional ponto de encontro de adolescentes gays e lésbicas. Em direção ao Setor Bancário, existe uma estação de metrô que liga o local diretamente às cidades de Samambaia, Ceilândia, Taguatinga, Guará e Águas Claras. Esses fatores fazem do SCS um dos locais de maior convergência de pessoas em todo o Distrito Federal.



Fig.61: localização do SCS

O SCS seria outro espaço público que se consagraria território sexual dentro do Plano Piloto. Se as cidades organizam suas geografias sexuais de forma hierárquica, espacializando as sexualidades de acordo com o grau de aceitação social que possuiriam e reproduzindo as assimetrias sexuais em relação a uma suposta matriz heterossexual urbana, aqueles espaços nos quais os corpos mais dissidentes se encontrariam seriam os mais marginalizados. Neste caso, os travestis (que teriam a marca da transgressão heteronormativa nítida, trazendo para si frequentes ataques e marginalização<sup>319</sup>) e seus espaços estariam no mais baixo escalão desta suposta hierarquia do desejo traduzida nos espaços urbanos. O SCS se tornaria o território travesti da capital federal e tal territorialização repercutiria em violência e repressão estatal: em 2007, diversas travestis que trabalhariam no Setor Comercial Sul eram recolhidas periodicamente pela PMDF, na chamada “Operação Moralização de Áreas Públicas<sup>320</sup>”, causando acusações de uma política institucional homofóbica ao governo da época<sup>321</sup>.

Devido a sua monofuncionalidade (o uso permitido é estritamente comercial) o SCS fica deserto à noite, favorecendo o anonimato dos clientes dos travestis (para os quais o

<sup>319</sup> SILVA, Joseli. **A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade** in. SILVA, Joseli Maria (org.). **Geografias subversivas: discurso sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Toda palavra, 2009. p 142.

<sup>320</sup> MACDOWELL, Pedro de Lemos. **O espaço degenerado: ensaio sobre o lugar travesti na cidade modernista**. 2011. 99 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2011

<sup>321</sup>Disponível em < [http://www.athosgls.com.br/noticias\\_visualiza.php?contcod=22146](http://www.athosgls.com.br/noticias_visualiza.php?contcod=22146)>

consumo da prostituição travesti deve ser rigorosamente privado<sup>322</sup>) e a exibição de corpos siliconizados e hormonizados. A prostituição travesti concentra-se na via Se/Ne e nas vias que circundam a quadras 3 do SCS (fig.62).



Fig.62: O circuito da prostituição travesti em amarelo. Em vermelho, prostituição feminina.

A via Se/Ne tem ligação com o Setor de Diversões Sul, cuja “esquina” com o estacionamento posterior era repleto de “inferninhos” destinados a prostituição feminina. Um pórtico marcaria uma limitação espacial: o viaduto da via SDS sobre a via Se/Ne, que definiria os limites da prostituição feminina local (em direção ao Setor de Autarquias Sul) e os dos travestis (em direção à Avenida W3 Sul) (figura 63 e 64).



Fig.63: Marco de território definindo limites entre a prostituição feminina e a travesti.

<sup>322</sup> MACDOWELL, Pedro de Lemos. Op. Cit. Pg. 50





Fig.64: Território de prostituição feminina no SCS.

Ainda, a via Se/Ne teria suas próprias “micro” territorialidades, de acordo com o grau de mudanças corporais e estéticas dos travestis: só as denominadas “*européias*” (recém chegadas da Europa, com grandes quantidades de silicone, hormônios, bem vestidas e bonitas) poderiam ficar nas áreas próximas à Avenida W3 e Setor Hoteleiro, enquanto as chamadas “*penosas*” (travestis pobres, negras, esteticamente desfavorecidas ou masculinizadas) estariam restritas às proximidades do viaduto da via SDS e a quadra 03. Dentro do SCS (e também do Setor Hoteleiro) funcionaria ainda uma boate destinada a garotas de programa de “alto padrão” (figura 65).

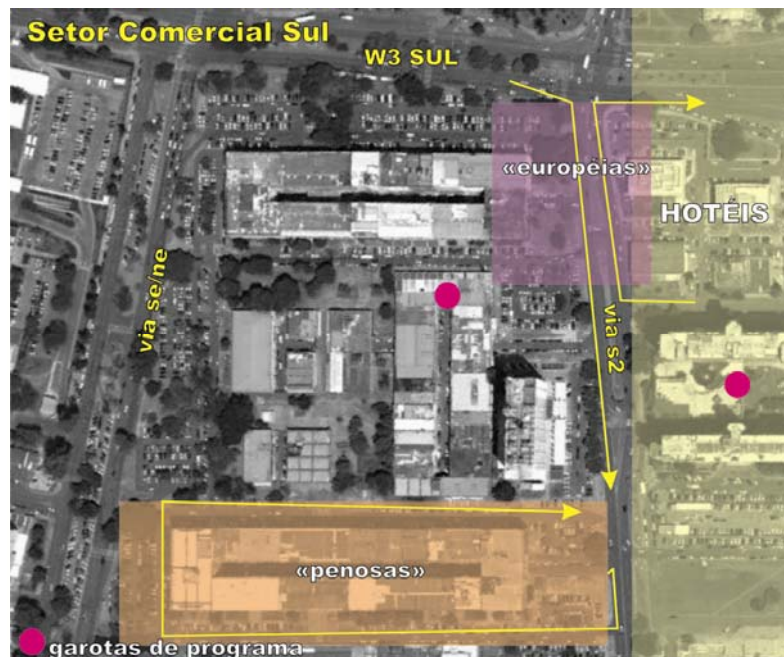


Fig.65: as micro-territorializações dentro do SCS

As configurações espaciais do SCS favoreceriam o consumo da prostituição travesti (figuras 66 e 67): vias subterrâneas, estacionamentos escuros e desertos á noite; calçadas vazias sob marquises (o que favorece a proteção das travestis em dias de chuva); calçadas largas (distância segura entre o corpo dissidente e seu possível cliente motorizado); edifícios sem usos noturnos (o que não permitiria os “olhos da cidade” sobre os clientes, preservando seu rigoroso anonimato).



Fig.66: vias subterrâneas do SCS.



Fig.67: Quadra 03 do SCS

E porque a territorialização travesti aconteceria no SCS e não no seu congênere na parte norte da cidade? Além de não ter tido como vizinho uma referência na geografia

sexual da cidade, como o Conic, fatores espaciais poderiam ter influenciado na diferença entre os dois setores: no SCN, descartaram-se as filas de edifícios com marquises e calçadas contínuas presentes no SCS, privilegiando-se grandes blocos isolados entre si e fechados para o exterior e vias não alimentadas por usos comerciais (figura 64), além de estacionamentos maiores. A circulação dentro do SCN não se daria de forma contínua como no SCS, sendo interrompida em diversos trechos por grandes projeções de edifícios que não dialogam entre si. O SCN não seria convidativo para a circulação de carros e nem permitiria o abrigo de profissionais do sexo sob marquises e a exibição de corpos em calçadas largas que lhe dariam relativa segurança contra agressores motorizados. No SCS, a presença do Conic teria impacto na sua configuração como território sexual: na sua “esquina” com a Via SE/Ne existiram diversos “inferninhos” (bares e boates) que atraíam prostitutas e travestis ao local (figura 68).



Fig.68: A implantação do Setor Comercial Norte.

A utilização do espaço do SCS pelas travestis e seus clientes segue alguns códigos e rotinas: os travestis geralmente chegam ao local de ônibus, geralmente a partir das 20 horas (quando o SCS começa a esvaziar); no SCS, “*se montam*” (trocam as roupas utilizadas no trajeto de ônibus por outras mais reveladoras); escondem os pertences em algum local; pagam se cobrado, uma “*diária*” à travesti mais velha ou cafetã; se juntam em grupo ou a uma distância negociada; deixam algumas barras de ferro ou pedras próximas. Cumprido o ritual, partem para as negociações: os carros

abordam os travestis, que aceitam a aproximação ou não (observam o carro e a quantidade de pessoas dentro). Após a negociação, saem para consumir o ato (geralmente dentro do veículo) em alguma via subterrânea do SCS, estacionamento do Parque da Cidade ou de setores próximos (Setor Hoteleiro, Setor de Autarquias ou anexos dos Ministérios). Algumas vezes partem para kitnetes alugadas na W3 Norte ou pousadas irregulares na W3 Sul. Entretanto, após o fechamento dos inferninhos do Conic, a crescente ocupação do SCS por traficantes e usuários de “*crack*” a profissionalização de sites orientados para travestis e a vigência da Lei Seca, o movimento diminui, contribuindo para migração de travestis para específicos pontos ao longo da W3 Norte.

### 5.10) Paisagens heterossexuais?

*“Is there, in fact, such a thing as a totalitarian, or a democratic, or a nationalistic building? And if they do exist, what is it that gives architecture such meanings?”<sup>323</sup>*

Deyan Sudjic

Uma das peculiaridades do projeto de Lúcio Costa seria a presença das chamadas “unidades de vizinhança” (UV): conjunto de quatro superquadras, dispostas simetricamente em torno de um eixo constituído pelo comércio local, igreja e escola parque, para unse 12 mil habitantes. Um dos objetivos da UV era colocar, “*dentro de uma distância percorível a pé todas as facilidades necessárias diariamente ao lar e a escola*<sup>324</sup>”, proporcionando uma comunidade cujo contato seria face a face. Cada UV teria cerca de 3 km x 3 km, e não teriam relações hierárquicas dentro do tecido urbano, nem isoladas de outras UVs. Cada quadra teria dimensões de 240 x 240 metros, densidade populacional de 365 habitantes por hectare, e população de três mil pessoas agrupadas em torno de uma escola classe e um jardim de infância. As superquadras teriam nas residências uni-familiares e nas escolas elementos estruturantes (figura 69) e estariam imersas do que seria a “escala residencial” de Brasília.

---

<sup>323</sup> SUDJIC, Deyan. **The edifice complex: the architecture of Power**. Londres: Penguin Books, 2011. P 8.

<sup>324</sup> GRAEFF, Edgar Albuquerque **A cidade como habitat**. In. XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio. **Brasília: Antologia Crítica**. São Paulo: Cosac Naify, 2012. P. 243





Fig.69: A Unidade de Vizinhança

A teórica queer Judith “Jack” Halberstam, em “*In a queer time and place*” sugere que as relações entre tempo, espaço e sexualidades forneceriam indícios dos fluxos de poder na Pós-Modernidade e que tanto “tempo” quanto “espaço” seriam construções sociais com objetivos políticos, sendo o que denomina de espaço e tempo “queer” (*queer space, queer time*) construções sociais dos indivíduos de sexualidades não normativas em oposição às instituições da família, heterossexualidade e reprodução<sup>325</sup>. Sugere ainda que os geógrafos não discutiriam com profundidade a naturalização do tempo e espaço frente à sexualidade hegemônica (no caso a heterossexual patriarcal), dando preferência à construção, pelo capital, das noções de tempo e espaço da contemporaneidade. Jane Jacobs, em 1961, questionaria porque os projetistas urbanos (sendo majoritariamente homens) desenhariam cidades para sociedades *matriarcais*, preocupando-se apenas com pretensas necessidades de donas de casa e escolares de seus filhos<sup>326</sup>: residências próximas de escolas e parques infantis, porem afastadas de locais de trabalho e comércios. Halberstam e Jacobs convergiriam aqui na pressuposição que o espaço do habitat urbano seria projetado em torno do trabalho, escola e residência familiar.

Seria a UV de Costa um projeto político heterossexista? A prevalência de apartamentos uni-familiares, a centralidade de escolas em diversos níveis (jardim de infância, escola classe e parque: figura 70) e os templos nos eixos visuais das ruas de comércio local: tudo isso sugeriria que as superquadras estariam regidas pelo tempo da

<sup>325</sup> HALBERSTAM, Judith. **In a queer time and place: transgender bodies, subcultural lives**. Nova York: New York University Press, 2005. P 1-12

<sup>326</sup> JACOBS, Jane. **Vida e morte das grandes cidades**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2011. P. 91

família e da reprodução, e, conforme sugere Halberstam: “*tempo reprodutivo e tempo familiar são, acima de tudo, constructos de tempo/espço heteronormativos*”<sup>327</sup>. Dessa forma, tendo a questionar se as superquadras não seriam disposições espaciais destinadas a sustentar papéis de gênero e a reprodução da sexualidade hegemônica. Se “*a idéia de comunidade, sua raiz, é evidente principalmente na quadra*”<sup>328</sup> poderia sugerir que a quadra seria uma comunidade hegemonicamente heterossexual, centrada na instituição do lar biparental e familiar, sendo regida pelo tempo de levar as crianças à escola, da vida em família, dos cultos dominicais, facilitando o controle e a notoriedade dos corpos desviantes da heteronorma. O comunal da quadra contrastaria com o “*urbano*”, já que, conforme o antropólogo catalão Manuel Delgado: “*el urbano propiciaría un relajamiento en los controles sociales y una renuncia a las formas de vigilancia y fiscalización propias de colectividades pequeñas en que todo el mundo se conoce*”<sup>329</sup>.



Fig.70: comércio, escolas e templos na SQS 108/107.

Seria no urbano com suas possibilidades do anonimato e afrouxamento de controles, que os corpos desviantes poderiam construir suas temporalidades e espaços. E o urbano estaria permeando a “escala gregária” proposta por Costa para os setores centrais de

<sup>327</sup> HALBERSTAM, Judith. **In a queer time and place: transgender bodies, subcultural lives**. Nova York: New York University Press, 2005. Op. Cit. P. 10

<sup>328</sup> CARPINTERO, Antonio. **Brasília: prática e teoria urbanística no Brasil, 1956-1998**. Tese (Doutorado). São Paulo: FAU-USP, 1998. P. 167, pg. 132.

<sup>329</sup> DELGADO, Manuel. **El animal público: hacia una antropología de los espacios urbanos**. Barcelona: Anagrama, 1999. P. 25

Brasília, núcleos de grande convergência populacional (Setores comerciais, bancários, de Diversões) e nos quais o Plano Piloto teria sua “*dimensão erótica*”<sup>330</sup>: local de encontro com o Outro. Nos espaços públicos derivados da escala gregária, outra forma de sociabilidade diferente da das superquadras poderia acontecer, “*organizada en torno al anonimato y la desatención mutua o bien a partir de relaciones efímeras basadas en la apariencia, la percepción inmediata y relaciones altamente codificadas y en gran medida fundadas en el simulacro y el disimulo*”<sup>331</sup>. Para Delgado, cidades não necessariamente são urbanas, sendo o urbano mais uma prática, um modo de vida proporcionado pela modernidade, do que uma específica localização espacial.

Mas a superquadra conteria seus próprios germes de subversão da suposta heteronormatividade de seus espaços: nos limiares entre a escala residencial, a bucólica e as edificações, nas permeabilidades limítrofes entre áreas públicas e privadas, nas próprias indefinições e redefinições das sexualidades de seus moradores. Em um suposto espaço destinado a hegemonia da família heterossexual procriativa haveria as apropriações, as rebeliões contra a vigilância do espaço com o objetivando o prazer sexual do corpo, conforme sugerido por Chisholm<sup>332</sup>. Quem cresce nas superquadras do Plano Piloto, especialmente aqueles que se percebem como corpos dissidentes, aprendem estratégias de burlar vigilâncias, conseguir parcerias sexuais na própria quadra, realizar encontros: a torre do elevador, o canto escuro dos pilotis, o jardim da quadra, atrás dos muros (da escola, da banca, da prefeitura), os espaços (hoje) vazios que seriam destinados aos clubes de vizinhança, os corpos que passeiam ao redor dos gramados. O próprio espaço das superquadras forneceria os elementos físicos que permitiriam brechas no controle dos corpos. Os relatos passados entre os corpos indicam que as superquadras teriam brechas para a subversão da heteronorma.

Antonio Risério afirma que ser brasiliense é um “*caso muito raro de identificação entre cidadão e forma urbana*”<sup>333</sup>: é “*adotar e assumir a grelha brasiliense*”<sup>334</sup>. Dessa forma, nada mais brasiliense e subversivo do que, entre os espaços liminares das superquadras (desenhadas, como toda a cidade de Brasília, para transformar o cidadão

---

<sup>330</sup> BARTHES, Roland. **Semiology and the urban**. In. LEACH, Neil. **Rethinking Architecture: a reader in cultural theory**. Nova York: Routledge, 1997. P. 171

<sup>331</sup> DELGADO, Manuel. Op. Cit. P. 12

<sup>332</sup> CHISHOLM, Dianne. **Queer Constelations: subcultural space in the wake of the city**. Minneapolis: Minnesota University Press, 2005. P. 10

<sup>333</sup> RISERIO, Antonio. **A cidade no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2012. P 147.

<sup>334</sup> RISERIO. Op. Cit. P. 147.

por meio da forma urbana conforme sugerido por Holston<sup>335</sup>), assumir-se e experimentar-se como corpo dissidente. Isso indicaria que não haveria espaços atavicamente ou exclusivamente heterossexuais ou homossexuais: por onde circulariam corpos (sejam estes dissidentes ou “normatizados”), haveria a possibilidade de encontros eróticos, seja qual for a categorização que se dê a esses encontros. Conforme já citado George Chauncey: espaços não teriam caracteres naturais, não seriam espaços gays com significados inerentes: os espaços seriam praticados por homossexuais e/ou heterossexuais ou colocados à disposição destes, que dariam significados a esses espaços e os investiriam com suas subjetividades<sup>336</sup>. Beatriz Preciado concorda com Chauncey e ainda afirmaria que os regimes visuais que operariam nos espaços não dependeriam de categorias identitárias dadas a priori e que, sim, dependeriam de contextos sócio-políticos que negociariam as apropriações espaciais, o grau de visibilidade e privacidade<sup>337</sup>.

Dessa maneira, seria a visibilidade de determinadas cepas de corpos e de suas apropriações espaciais que dariam significados aos espaços. Por sua vez, estes significados seriam sempre reconstruídos em suas relações com os corpos (que, sendo construções sociais constantes, reconfigurariam os significados destes espaços intermitentemente). Segundo Marianne Blidon, haveria uma gradação sexual dos espaços urbanos, os quais, para a geógrafa, não só não seriam neutros como teriam “muros invisíveis” entre si (figura 71). Essa gradação seria fornecida pelos regimes visuais que operariam nesses espaços e pelo grau de apropriação dos corpos: quanto maior a visibilidade dada, por exemplo, a corpos supostamente heterossexuais, maior a percepção de heteronormatividade em determinado espaço. Quanto maior a visibilidade fornecida a corpos biologicamente machos e identificados como heterossexuais em alguns espaços, maior uma suposta percepção de masculinidade (e que, por sua vez, intimidaria qualquer manifestação “dissidente”).

---

<sup>335</sup> HOLSTON,

<sup>336</sup> CHAUNCEY, George. **Privacy could only be had in public: gay uses of the streets**. In. SANDERS, Joel. **Stud: architectures of masculinity**. Nova York: Princeton Architectural Press, 1996. P. 224-225

<sup>337</sup> PRECIADO, Beatriz. **Mies-conception: La casa Fansworth y el misterio del armário transparente**. In. **Dossier**. P 31.

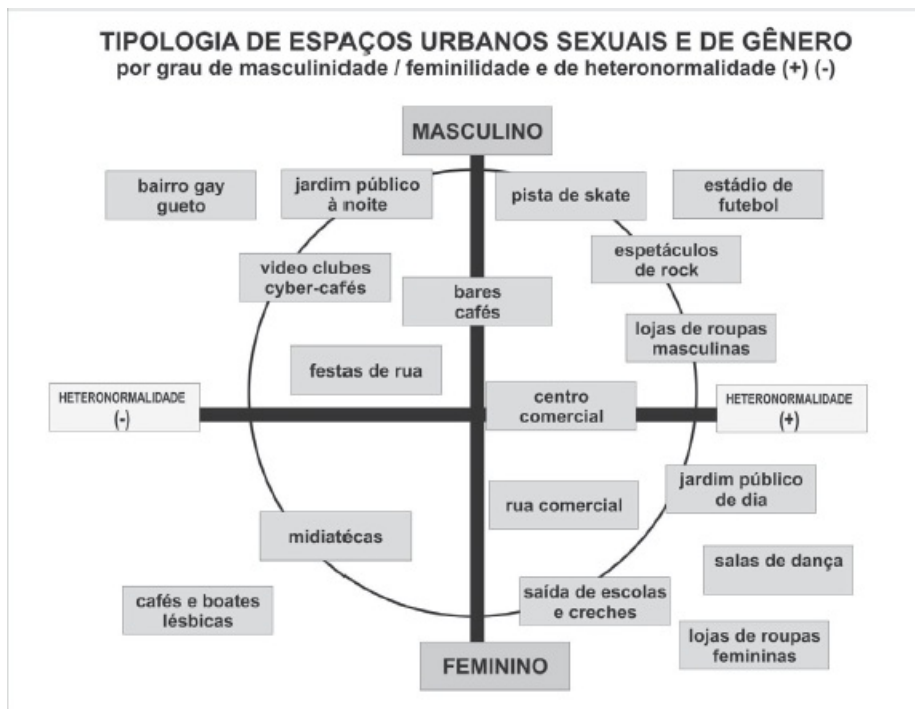


Fig.71: A visibilidade sexual dos espaços urbanos segundo Marianne Blidon. Fonte: FARIAS Jose Almir. **Prática Urbanística e Diversidade Sexual**. In **Revista Advir**, julho de 2012, P. 104.

Os espaços seriam performatizados, requisitariam performatividades e seriam apropriados pelos corpos, em um fluxo constante de desejos, abjeções, negociações. Assim, não haveria paisagens estritamente heterossexuais (como tentei especular sobre as Unidades de Vizinhança) ou espaços unicamente homossexuais (como certos estacionamentos do Parque da Cidade). Espaços não seriam femininos, masculinos, hetero ou homossexuais. Espaços seriam apenas a base física para a atividade de corpos que os constituiriam como espaço qualificado.

## 6) Considerações finais:

Nesta dissertação, procurei gerenciar uma multiplicidade de vozes (de corpos dissidentes, de arquitetos, urbanistas, geógrafos, historiadores, antropólogos e teóricos queers), confrontando-as com memórias coletivas e individuais, objetivando fornecer uma cartografia dos desejos dissidentes na cidade de Brasília e a relação destes com o ambiente construído e planejado da capital. Tentei relacionar de que maneiras o espaço urbano poderia influenciar na sedimentação das subjetividades sexuais dos corpos citadinos, especialmente aqueles aos quais adjectivei como sendo “dissidentes” da matriz heterossexual butleriana. Tendo por base o pensamento de Judith Butler, para quem a matriz heterossexual produziria corpos que carregariam o estigma da abjeção, espaços urbanos também produziriam seus “espaços abjetos”, que seriam aqueles nos quais os corpos dissidentes da heteronorma se encontrariam. Esses espaços estariam imersos em uma matriz urbana heterossexualizada, em múltiplas relações com os corpos e com forças que atuariam na sua construção. Acredito que haveria, sim, uma matriz urbana que privilegiaria específicas sexualidades enquanto minimizaria a visibilidade e as possibilidades de encontro face a face e comunitário de outras: essa matriz infligiria um estigma de abjeção aos espaços nos quais as sexualidades não privilegiadas (que seriam *presenças incômodas* no cenário urbano) buscariam contato corporal, afeto, reconhecimento, formação identitária. São espaços que estariam ausentes das preocupações estéticas e formais sancionadas pelas academias ou o seriam como objetos de supressão (sob os discursos de “requalificação” ou “qualidade de vida”) por parte de urbanistas e autoridades.

Parti da premissa de que corpos e sexualidades seriam artefatos sociais em constante manejo e em cujo processo de construção o ambiente construído também incidiria, de forma que os espaços teriam também sua importância nas corporeidades e das subjetividades sexuais implicadas. Reconheço que não é uma premissa de fácil comprovação, pelo contrário: os espaços teriam dificuldades em serem reconhecidos como vetores de sedimentação de identidades, apesar de ser no espaço que identidades são construídas, reconstruídas, negadas, afirmadas e negociadas. Espaços não seriam heterossexuais, nem homossexuais. Nem masculinos, nem femininos. Nem públicos, nem privados. Nem negros nem brancos. Nem democráticos e nem totalitários. Edifícios não poderiam ser projetados sob linhas guias como heterossexualidade, masculinidade, lesbianismo, assim como não o seriam sob

princípios ideológicos (conforme pergunta citada de Sudjic: haveria uma arquitetura “democrática” ou “totalitária”?). Ainda que o projetista se orientasse por essas linhas guias duas perguntas surgem: Primeira, de que maneiras um edifício exprimiria, por exemplo, valores “heterossexuais”, sendo que a própria heterossexualidade em si mesma seria uma construção social e histórica variável? Segunda, de que maneira um corpo apreenderia conceitos como “heterossexualidade” por meio da arquitetura?

Acredito que um edifício não seria hábil em exprimir conceitos sexuais, ainda que possa ter conotações sensuais e eróticas e ser planejado para regulamentar, intimidar ou favorecer o contato corporal. Ainda que, de acordo com Wallenstein, um dos objetivos da arquitetura moderna seria a construção de subjetividades, conceitos como heterossexualidade e homossexualidade (sendo conceitos socialmente construídos e de definições não tão simples) não seriam capazes de se incorporarem nas linhas guias de um projeto arquitetônico, materializarem-se em edifícios e daí transferidas aos corpos. Agiria sobre os corpos na construção de suas subjetividades uma plêiade de subsistemas de poder e significados, na qual a arquitetura estaria implicada. Para Wallenstein, o sujeito moderno (que não seria imutável e supratemporal) emergiria da interseção desses subsistemas e não seria subjugado por nenhum destes, inclusive pela arquitetura. James Holston defenderia que o projeto moderno de formação subjetiva aplicado em Brasília não teria sido efetivo, indicando que haveria limites na pretensão de arquitetos e teóricos de conformar corpos de acordo com alterações do ambiente construído. A Teoria Queer indicaria que sistemas epistemológicos que incidem sobre o sujeito seriam resultados de uma transversalidade de efeitos discursivos, ideológicos, lingüísticos, raciais, territoriais, psicanalíticos e espaciais, complexando ainda mais os processos de formação subjetivas dos corpos. Assim, o que conformaria um corpo a uma determinada subjetividade, orientação sexual ou identidade de gênero seria o espaço em conjunto com uma multiplicidade de discursos e práticas oriundas de diversos campos de conhecimento, de maneira que seria difícil precisar a prevalência de qualquer um. Dessa forma, o papel da arquitetura na formação de subjetividades seria um campo aberto a discussões.

Tentei estabelecer vínculos entre a materialidade do ambiente construído com a dos corpos humanos, fundamentando-me em diversos teóricos para os quais haveria relações complementares entre corpos e espaços edificados, desde o doméstico até o urbano. Cidades e corpos teriam, entre si, fronteiras permeáveis e mutuamente configurantes: o corpo conformaria a cidade e vice versa, de maneira que a experiência



urbana seria inscrita no corpo e as experiências corporais, por sua vez, seriam inscritas na cidade. Outra dificuldade reconhece-se aqui: como comprovar os vínculos configurativos entre corpos e cidades? Corpos existem. Cidades existem. Suas materialidades são inegáveis e aparentemente estanques em si. George Simmel afirmaria no seu clássico ensaio “*A Metrópole e a vida mental*” de que tanto o corpo quanto a cidade não conteriam a si, tendo seus efeitos dispersos espacialmente e historicamente. Dessa maneira, seria possível precisar onde, como e quando os limites dessas materialidades são borrados? Existiria uma relação tão simbiótica entre corpos e cidades quanto os teóricos sugerem?

A dificuldade em tecer-se uma continuidade desde a experimentação e conformação mútua entre cidades e corpos seria mais aguda em uma cidade planejada como Brasília, onde os constructos abstratos do espaço urbano seriam fornecidos e materializados a priori (mas não o seria em toda e qualquer cidade?). Em cidades tradicionais, haveriam espaços que teriam sido conformados de acordo com específicas necessidades corporais, como por exemplo, a busca pela satisfação dos desejos eróticos. As zonas de meretrício e os guetos gays anglo-saxões seriam icônicos nesse aspecto, comprovando que sim, o desejo erótico poderia impactar o ambiente construído e que, por sua vez, o ambiente construído revestiria de significados e atuaria na formação de subjetividades dos corpos aí circulantes. Haveria nos espaços acima citados uma extensão entre a cidade e os corpos, o que também seria observado nas áreas residenciais uni familiares: não seria o desejo erótico heterossexual procriativo um forte fator da própria existência dessas áreas?

Espaço, corpo e cidade também teriam outras formas de extensão. Conforme Foucault, o espaço seria um elemento indispensável no exercício do Poder, assim como as sexualidades seriam produtos deste exercício. Por uma perspectiva foucaultiana, tanto os espaços quanto as sexualidades estariam permeados de relações de poder, o que a História da arquitetura doméstica, do urbanismo e das políticas sexuais demonstraria por meio das constantes regulamentações (às vezes coincidentes) pelas quais os poderes estabelecidos se endereçariam ao espaço e sexualidade. Corpos e espaços seriam disciplinados pelo manejo espacial. Desta maneira, formas de repressão sexual atuariam tanto sobre os corpos quanto nos espaços urbanos: a sexualidade nos corpos deveria ser territorializada e monofuncional, assim como a cidade deveria ser um espaço sexualmente asséptico e ordenado. Para demonstrar essa hipótese, parti das observações de Foucault, Lefebvre e Pile, fundamentando-as sobre a teoria da repressão sexual de

Marcuse e da formação dos corpos abjetos de Judith Butler. Haveria, pois, nas cidades, a formação de espaços abjetos de desejos perversos, em luta constante contra as normas civilizatórias e essa luta se daria mesmo no interior de produtos arquitetônicos destinados a serem suportes espaciais disciplinares de corpos, como banheiros e parques públicos. As intersecções entre reformas urbanas e sexualidades (como as que ocorreriam durante a vigência da utopia higienista após a medicalização das cidades no século XIX), foram utilizadas como exemplos de conformação física de territórios e espaços por meio de repressão sexual. Concluo que espaços urbanos são alvos de estratégias de repressão sexual que acabariam por impactar no ambiente construído e na subjetividade de corpos, havendo uma continuidade de exemplos desde o confinamento de áreas de meretrício aos esforços de requalificação do Setor Comercial Sul, em Brasília.

Dessa forma, apesar de entender que o espaço, por si só, não teria significados sexuais inerentes, concluo que este não seria neutro, nem politicamente, nem sexualmente: seria pelo espaço que corpos se conformariam como seres sexuados. Seria o espaço que gerenciaria o encontro (ou o desencontro) de corpos sexuados, que determinaria trajetórias de corpos sencientes, que negociaria a visibilidade de determinados corpos enquanto suprimiria a de outros. Não haveria espaço feminista, nem gay, nem heterossexual: o que haveria seriam apropriações, graus de visibilidade e de acessibilidade em conjunto com significados dados aos espaços pelos corpos e suas subjetividades. Espaço e sexualidade estariam implicados mutuamente nos processos de formação dos sujeitos desde níveis moleculares até na conformação de territórios, em relações múltiplas. Retornando a Foucault, o espaço seria ao mesmo tempo objeto e peça fundamental para distintas técnicas e escalas de poder: do Estado Nação aos corpos, do poder Soberano à Biopolítica. As sexualidades permeariam essas escalas e técnicas: desde uma provável geopolítica sexual internacional ao espaço doméstico, passando pelo urbano. Espaço, Poder, corpos e sexualidades estariam implicados em uma relação multiescalar de diversas conseqüências, na qual ainda atuariam plataformas genéricas como Capitalismo, classe, raça, religião e nacionalidade. A citada Teoria dos mercados sexuais, de Laumann et al, indicaria que a conjunção dessas plataformas, espaço urbano e a localização de corpos tanto na cidade quanto nestas plataformas afetaria diretamente a liberdade sexual e afetiva dos corpos: a metrópole, dessa maneira, não seria um campo infinito de possibilidades sexuais e parcerias afetivas. Mas ainda assim, o espaço urbano seria um dos fatores determinantes da vida sexual de um corpo.

O trabalho conclui que as cidades seriam espaços de prevalência na formação subjetiva de corpos sexuados, por concentrá-los, produzi-los, policiá-los e os confrontarem ao escrutínio de outros corpos, em relações de desejo e abjeção e como superfícies onde seriam inscritos significados sexuais em processos intermitentes, complexos e conflituosos. As cidades seriam, sim, espaços arquetípicos da sexualidade moderna, espaços privilegiados de atuação de processos capitalistas e heteronormativas que atuariam tanto na conformação dos espaços urbanos (e até da divisão doméstica) até a territorialização dos desejos sexuais nos corpos físicos de seus habitantes. E entre os habitantes das cidades, homossexuais e profissionais do sexo (e seus espaços) seriam ao mesmo tempo corpos exemplares e párias destes processos. Partindo dessa conclusão, Brasília forneceria um campo de estudo exemplar.

O espaço urbano de Brasília surge então como um lócus privilegiado para observar as intersecções entre espaço, sexualidades e Poder. A cidade nasce como um exercício do Estado Nação brasileiro sobre seu território e sobre os corpos de seus funcionários: é ao mesmo tempo um experimento de poder soberano, disciplinar e biopolítico. A nova capital teria a intenção de transformar a sociedade brasileira e a identidade do país por meio dos valores estéticos, morais e éticos que estariam presentes no projeto de Lúcio Costa. Brasília, desta forma, teria sua própria maneira de impactar as sexualidades dos corpos que viria a abrigar e representaria um rompimento com as geografias sexuais da antiga capital, Rio de Janeiro, e das cidades das quais os novos habitantes migrariam. Sua configuração espacial teria seus efeitos específicos na conformação de seu mercado sexual: Brasília não só conformaria sua própria geografia sexual como reproduziria alguns espaços abjetos comuns a outras cidades e ainda aprofundaria assimetrias espaciais, como a verificada na oferta destes espaços dentro do Plano Piloto e fora deste.

Espelhando seu caráter zonificado e racional, Brasília concentraria certos corpos dissidentes em distintos territórios sexuais (figura 72), racionalizando a procura por desejos perversos, facilitando alguns, dificultando outros: Avenida W3 Norte para a prostituição feminina, o Setor Comercial Sul para a prostituição travesti, o Parque da Cidade para práticas heterossexuais não sancionadas e ponto de encontro de homens que desejam outros. As distâncias físicas e o zoneamento teriam impacto sobre a localização dos seus espaços abjetos, invisíveis no cenário urbano local e de difícil acessibilidade e identificação, limitando possibilidades de encontro e formação comunitária: Brasília construiria assim, suas metáforas urbanas do “armário”. A capital ainda teria paisagens

inteiras desenhadas para a prevalência de um estilo de vida construído como heterossexualizado: as superquadras (mas que teriam em seus próprios elementos espaciais possibilidades de subversão). Brasília, dessa maneira, não seria apenas a síntese dos caminhos tomados pela arquitetura moderna brasileira e esforço de um governo desenvolvimentista: seria também um experimento sexual espacializado em larga escala.

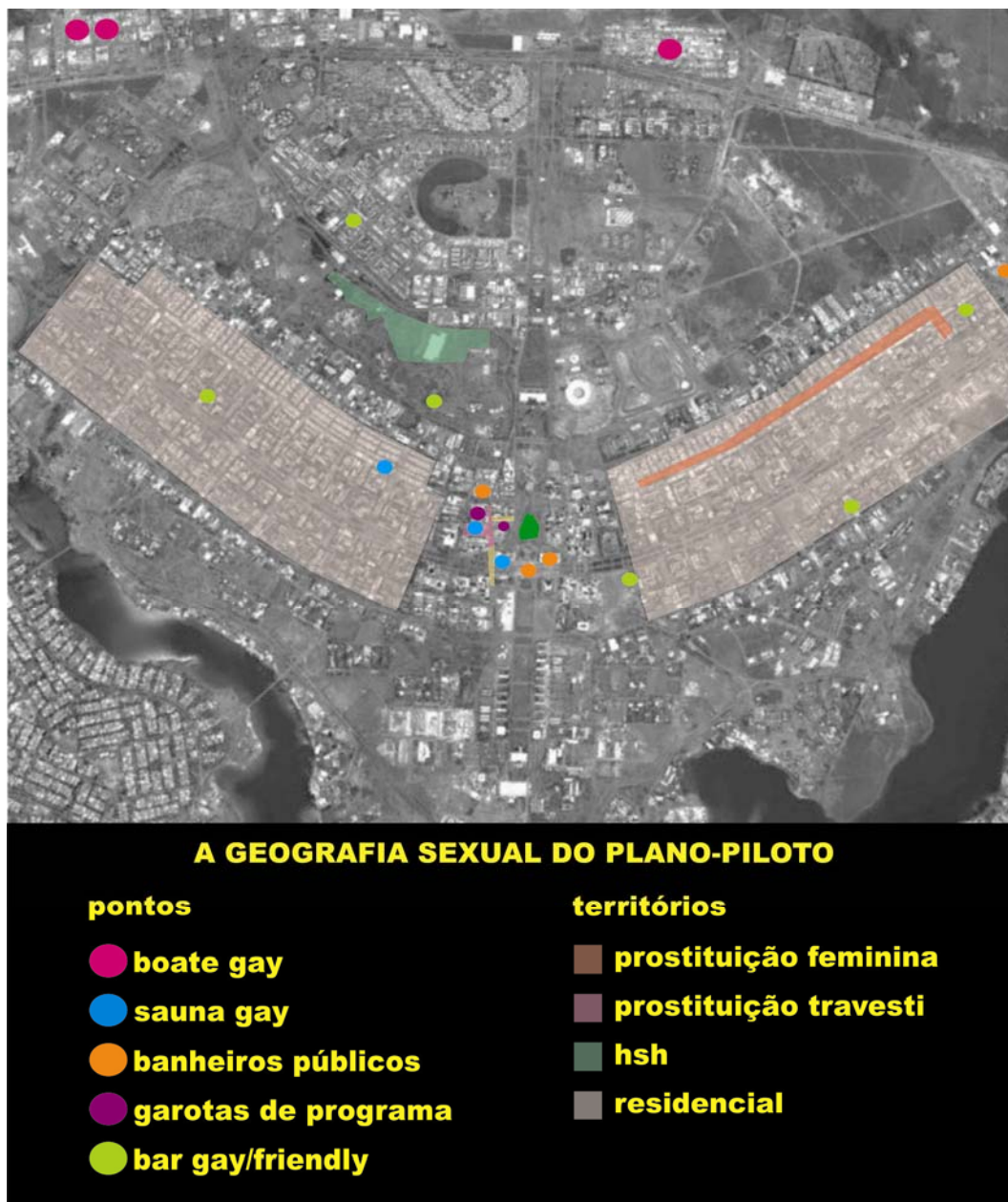


Fig.72: A geografia sexual do Plano Piloto: racionalizada, setorizada.

E Brasília teve seus próprios experimentos sexuais espacializados, como o Setor de Diversões Sul, o Conic, que seria performatizado de tal maneira que se tornaria referência na geografia sexual da nova capital e a experiência mais próxima que teria

em termos de “centro de cidade” como local icônico de possibilidades de encontro e fluxo de desejos (dos mais sancionados aos mais conscritos): um centro de cidade “erótico”. O Conic foi praticado de maneiras diferentes pelos corpos que aí se direcionariam com a intenção de suspender suas condutas conformadas, por exemplo, ao bairro estritamente residencial ou ao distrito comercial da cidade. Dessa maneira, surgiriam espaços abjetos no Conic: cinemas pornôns, galerias de bares, saunas, sex-shops, boates gays, inferninhos (cada um, por sua vez, solicitando performances e impactando nas subjetividades). Entendo que, com a repressão sexual dos anos 90 e o desmantelamento da geografia sexual configurada no Conic, os corpos dissidentes se dispersaram pelo Plano Piloto, alguns favorecendo sua invisibilidade, reforçando seus “armários” e sua comoditização. O desmantelamento do Conic teria repercussões na formação comunitária, identitária e política dos corpos dissidentes brasileiros. Além disso, defendo que as mudanças no projeto original do Plano Piloto facilitariam a formação de territórios sexuais posteriores.

A dispersão proporcionada pelo desmantelamento da geografia sexual instalada no Conic sugere algumas conclusões: Espaços (assim como as sexualidades) seriam performativos, já que sua conformação se daria por atos executados por corpos repetidamente (inconsciente ou conscientemente) que acabariam por selar significados e identidades a estes espaços (e corpos). Assim, ao acontecer repetidas performances de apropriação sexual por parte de corpos dissidentes, por exemplo, no Parque da Cidade, este acabaria por receber o significado de “área de pegação”. Dado o significado, este parque passa a ser experimentado pelos corpos como um espaço de potencial erótico, requisitando performances aos seus usuários: uma maior atenção a movimentos corporais de outros corpos presentes, uma maior perspicácia para entender códigos, uma maior abertura ou predisposição para atuar conforme o parque pediria. Da mesma maneira também seriam as pornotopias: locais concebidos para suspender normas convencionais de gênero e/ou identidades sexuais, que teatralizariam performances e conformariam subjetividades aos espaços. O corpo que entra em uma sauna não é o mesmo que entra na igreja: ambos os espaços pedem condutas e subjetividades distintas, sob as quais a arquitetura atua diretamente como dispositivo disciplinar. Assim também são os espaços urbanos: haveria aqueles nos quais normas seriam suspensas, outros nos quais papéis de gênero e percepções de heteronormatividade seriam mais austeros.

Concluo que, ainda que uma cidade seja inteiramente concebida e construída de acordo com e por meio dos constructos abstratos incorpóreos do planejamento urbano

estatal e/ou corporativo (como foi Brasília) ou ainda objetivando conformar largas parcelas de sua população às específicas subjetividades (como seriam os espaços urbanos organizados para a representação e reprodução social da heterossexualidade, conforme Fran Tonkiss), sempre aconteceriam fissuras no tecido urbano que permitiram a apropriação e produção dos espaços objetivando prazeres sexuais dos corpos, em especial os dos corpos dissidentes. Não só o prazer sexual, mas também a formação comunitária (que por sua vez poderia ter implicações identitárias e políticas). Dessa maneira, a produção de espaços abjetos seria uma contra-produção resultante de relações espaciais oriundas de relações de Poder: não seriam resultados fortuitos, mas seriam em si mesmos produtos da resistência, da opressão, ou da assimilação. O Poder *precisaria* destes espaços abjetos, não só para legitimar os sancionados, mas para continuar a produzir subjetividades, corpos dóceis, disciplinados, novos espaços a serem comoditizados ou a serem suprimidos. Da mesma maneira que a matriz heterossexual excludente proposta por Judith Butler precisaria produzir copos estigmatizados como abjetos para garantir *status* aos corpos conformados, assim a cidade teria sua matriz de espaços a serem sancionados em oposição a outros.

Contextualizando com Brasília: ainda que a cidade inteira tenha nascido de uma decisão governamental implantada em *tabula rasa*, ainda que durante o decorrer de sua existência as instâncias decisórias que conformariam seu crescimento urbano teriam sido mais corporações do que pessoas, as sementes das subversões espaciais e corporais já estariam contidas no projeto escolhido e nas decisões posteriores. A matriz urbana brasiliense teria produzido os potenciais espaços a serem abjetos já em sua nascença, e durante sua existência permitiria o alargamento de algumas fissuras enquanto suprimiria outras. Os espaços urbanos de Brasília, oriundos das pranchetas de Lucio Costa ou dos órgãos governamentais, teriam sina comum aos das cidades milenares: não seriam imunes às abordagens sexuais, e sim seriam apropriados, negociados, dissimulados, reconquistados ou suprimidos de acordo com fatores como desejos, abjeções, perversões e gozos, fatores talvez não explicitamente evocados pelo vocabulário técnico de urbanistas e gerenciadores das cidades. Isso me leva à seguinte conclusão: tanto as disciplinas mestras da manipulação (Geografia, Arquitetura e Urbanismo) quanto práticas cotidianas de utilização espacial, não seriam *neutras* em relação às políticas sexuais. Corpo, espaço e sexualidade formariam um *continuum* que nem mesmo os mais científicos, impessoais e técnicos projetos arquitetônicos e urbanos conseguiriam interromper nem precisar onde, quando e como começa e termina.

Conforme Lúcio Costa, ao ver a Rodoviária de Brasília apropriada por operários, salientou: “*a realidade foi maior do que o sonho*”<sup>338</sup>. E o Brasília demonstraria que seria bem mais do que um sonho e uma enorme maquete materializada *ex nihilo*: seria também uma cidade de prostitutas, de travestis, de tarados, de homossexuais e de lésbicas que experimentariam e conformariam o espaço do Plano Piloto de formas diversas das dos políticos e lobistas. Brasília inscreveria sua experiência urbana nos corpos de seus habitantes, que por sua vez experimentariam e produziriam espaços para além dos Eixos e nos espaços liminares e/ou inseridos nas escalas residencial, monumental, bucólica e gregária, criando suas próprias escalas, que poderiam ser denominadas de “*resistência*” (frente às forças de homogeneização, sejam estas heteronormativas ou do capital). Brasília criaria então seus próprios focos de resistência, dos corpos aos espaços urbanos. Tomando emprestada a palavra de Paola Berenstein Jacques, assim como em outras cidades tradicionais mundo afora, em Brasília os corpos dissidentes (em suas práticas de resistência)

*“revelam ou denunciam o que o projeto urbano exclui, pois mostram tudo o que escapa ao projeto tradicional, explicitando as micro-práticas cotidianas do espaço vivido, as apropriações diversas do espaço urbano que não são percebidas pelas disciplinas urbanísticas hegemônicas (preocupadas demais com projetos, projeções a priori e pouco com os desvios a posteriori), mas que não estão, ou melhor, não deveriam estar, fora do seu campo de ação”*<sup>339</sup>.

Dessa forma, os corpos dissidentes denunciariam outra Brasília: a cidade de experimentação sexual, de espaços abjetos, de territórios sexuais em constantes fluxos de corpos e geografias. Revelariam ainda as micro-políticas do corpo em meio às políticas macro-estruturais emanadas do centro decisório do país: seriam nos gramados da capital que grupos com distintas visões de subjetividades corporais, de condutas sexuais, de família e nação se embateriam. Em Brasília se moldariam desde sexualidades reconhecidas por políticas públicas àquelas que deveriam permanecer ignoradas em prol da “governabilidade”. A experimentação sexual urbana que Brasília representaria, tanto em relação ao Estado brasileiro quanto ao dia a dia de seu cidadão, ainda é uma obra inacabada. Tais quais as subjetividades dos seus habitantes, Brasília ainda é uma construção ininterrupta, de múltiplos efeitos e atores envolvidos. Se a cidade será uma experimentação urbana que fornecerá uma indiferença *positiva* aos

<sup>338</sup> COSTA, Lúcio. **Brasília, cidade que inventei**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1991.

<sup>339</sup> JACQUES, Paola Berenstein. **Corpografias urbanas: o corpo enquanto resistência**. In. RIBEIRO, Ana Clara Torres (org.). **Cadernos PPG-AU**, Ano 5, numero especial, 2007. Salvador: Editora UFBA. P 95-96.



corpos dissidentes, que proporcionará percepções de segurança e possibilidades espaciais, afetivas e eróticas a estes corpos, é ainda uma questão em aberto.

Concordando com o citado Samuel R. Delany: para uma cidade democrática e viva, seria necessário que pudéssemos dialogar amigavelmente com o Outro, do político ao sexual, mesmo que seja em estabelecimentos pornográficos e bairros tidos como abjetos. Porém, haveria esforços constantes por parte dos gestores de Brasília em torná-la uma cidade asséptica, sexista, ordenada, comportada e com possibilidades eróticas minimizadas. Não é a Brasília que particularmente gostaria de ver: defendo cidades *eróticas*, de encontro com o outro, de contato face a face, de cantos escuros, de corpos dissidentes, de geografias sexuais institucionalizadas e de democracia sexual. Encerro a dissertação com uma observação de Beatriz Kushnir sobre a revitalização da Lapa, que julgo conveniente:

*“Contaminados por essa aposta na integração de territórios e abandonando um discurso médico-policiaI tão marcadamente moralista, autoritário e segregador, que dividiu a cidade e seus habitantes por uma moral da boa conduta, é que se percebe que a saída está em não fracionar. Para tal, há que se aproximar os espaços e desconstruir a visão de uma cidade sã versus o lupanar, investindo, portanto, no contato e na mistura. Como também, acreditando que não são os mortos que dominam os vivos e, sim, que há uma tradição e uma cultura vinculadas aos processos de criatividade e não de fossilização<sup>340</sup>,”*

---

<sup>340</sup> KUSHNIR, Beatriz. **A Lapa e os filhos da revolução boêmia**. In: **Lapa do desterro e do desvario – uma antologia**. LUSTOSA, Isabel. Org. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2001, p.179.

## 7) Referências bibliográficas

- ABRAHAM, Julie. **Metropolitan lovers: the homosexuality of cities**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009
- AGREST, Diana. CONWAY, Patricia. WEISMAN, Leslie Kanes. **The Sex of Architecture**. Nova York: Harry N. Abrams, 1996.
- AHMED, Sara. **Queer phenomenology: orientations, objects, others**. Londres: Duke University Press, 2006.
- ALDRICH, Robert: **Gay Life and Culture**. Londres: Thames & Hudson, 2005.
- BECH, Henning. **When men meet: Homosexuality and modernity**. Cambridge: Polity Press, 1997
- BELL, David & VALENTINE, Gill. **Mapping desire: geographies of sexuality**. Nova York: Routledge, 1995.
- BELL, David ... {et al.}. **Pleasure Zones: bodies, cities, spaces**. Nova York: Syracuse University Press, 2001.
- BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Trad. Floriano Souza Fernandes. Petropolis: Vozes, 2012.
- BETSKY, Aaron. **Men, Women, Architecture and the Construction of Sexuality**. Nova York: Harper Perennial, 1995
- BETSKY, Aaron. **Queer Space: Architecture and Same-Sex Desire**. Nova York: Morrow, 1997.
- BONNEVIER, Katarina, **Behind straight curtains: towards a queer feminist theory of architecture**. Estocolmo: Axl Books, 2007.
- BOONE, Joseph Allen. **Libidinal currents: Sexuality and the shaping of modernism**, Chicago: The University of Chicago Press, 1998.
- BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.
- BOZON, Michel. **Sociologia da Sexualidade**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002
- BRADY, Anita; SCHIRATO, Tony. **Understanding Judith Butler**. Londres: Sage, 2011
- BROWN, Michael P.: **Closet Space: geographies of metaphor from de body to the globe**. Nova York: Routledge, 2000.
- BROWNE, Kath. LIM, Jason. BROWN, Gavin. **Geographies of sexualities: theory, practices and politics**. Ashgate: Farham, 2007.
- BUTLER, Judith. **Bodies that matter: on the discursive limits of sex**. Nova York: Routledge, 1993.
- BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**. Tradução de Alcira Bixio. Buenos Aires: Paidós, 2002.

- CALIFIA, Pat. **Public Sex: the culture of radical sex.** . San Francisco, Cley Press, 1994.
- CASTRO, Viveiros. **Attentados ao pudor.** Rio de Janeiro: Editora Freitas Bastos, 1932.
- CAVANAGH, Sheila L. **Queering Bathrooms: gender, sexuality and the hygienic imagination.** Toronto: Toronto University Press, 2011.
- CHAUNCEY, George. **Gay New York: Gender, Urban Culture, and the Making of the Gay Male World 1890-1940.** Nova York: Basic Books, 1994.
- CHISHOLM, Dianne. **Queer constellations: subcultural space in the wake of the city.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 2005.
- COLLINS, Alan. **Cities of pleasure: sex and the urban socialscape.** Nova York: Routledge, 2006.
- COLOMINA, Beatriz: **Sexuality and Space.** Nova York: Princeton Architectural Press, 1992.
- CORBUSIER, Le. **A Carta de Atenas.** São Paulo, Edusp: 1993.
- CORBUSIER, Le. **Urbanismo.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- CORBUSIER, Le. **Por uma nova arquitetura.** São Paulo: Perspectiva, 2000 (6 edição).
- CORTÉS, Jose Miguel G: **Políticas do Espaço.** Trad. Silvana Cobucci Leite. São Paulo: SENAC, 2008.
- COSTA, Lúcio. **Relatório do Plano Piloto de Brasília em Sobre Arquitetura,** Porto Alegre: Ed. FAURS, 1962.
- COSTA, Lúcio. **Brasília, cidade que inventei.** Rio de Janeiro: Brasiliiana, 1991.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997
- DELANY, Samuel R.: **Times Square red, Times Square blue.** Nova York: New York University Press, 1999.
- DELGADO, Manuel. **El animal publico: hacia una antropologia de los espacios urbanos.** Barcelona: Anagrama, 1999
- DOAN, Petra L. (Ed.). **Queering Plannig: challenging heteronormative assumptions and reframing planning practice.** Ashgate: Farham, 2011
- DO CARMO, Paulo Sérgio. **Entre a luxúria e o pudor: A história do sexo no Brasil.** São Paulo: Octavo, 2011
- DUGGAN, Lisa. **The Twilight of Equality: Neoliberalism, Cultural Politics and the attack on Democracy.** Boston: Beacon Press, 2003.
- FELDMAN, Sarah. **Planejamento e zoneamento: São Paulo 1947-1972.** São Paulo: Edusp, 2005.
- FIGARI, Carlos. **Eróticas de la disidencia em America Latina: Brasil, siglos XVII al XX.** Buenos Aires: Clacso, 2009.

- FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande e Senzala**. São Paulo: Global. 2004
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- FYFE, Nicholas F. (ed.), **Images of the street: planning, identity and control in public space**. Nova York: Routledge, 1998
- FRIEDMAN, Alice T.: **Woman and the making of modern house: a social and architectural history**. New Haven: Yale University Press, 2006
- GONTIJO, Fabiano. **O Rei Momo e o Arco-Íris: Homossexualidade e carnaval no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- GREEN, James N. **Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Trad. Cristina Fino e Cassio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- GREEN, James N. POLITO, Ronald. **Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- GROSZ, Elizabeth. **Volatile Bodies: Towards a corporeal feminism**. Indianapolis: Indiana University Press, 1994.
- GROSZ, Elizabeth. **Space, time and perversion: essays on the politics of bodies**. Nova York: Routledge, 1995.
- GROSZ, Elizabeth: **Architecture from the outside: Essays on virtual and real space**. Cambridge: MIT Press, 2001.
- HALBERSTAM, Judith. **Female Masculinity**. Durham: Duke University Press, 1998.
- HALBERSTAM, Judith. **In a queer time and place: transgender bodies, subcultural lives**. Nova York: New York University Press, 2005
- HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2004.
- HERING, Scott. **Another Country: queer anti-urbanism**. Nova York: New York University Press, 2010.
- HIGGS, David: **Queer sites: gay urban histories since 1600**. Nova York: Routledge, 1999.
- HEYDEN, Hilne, BAYDAR, Gulsum. **Negotiating domesticity: Spatial productions of gender in modern architecture**. Nova York: Routledge, 2005.
- HOCQUENGHEM, Guy. **The Homosexual desire**. Londres: Durham University Press 1978
- HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1989

- HOLSTON, James. **A Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia**. Trad. Marcelo Coelho. São Paulo. Companhia das Letras, 1993.
- HUBBARD, Phil: **Cities and sexualities**. New York, Routledge, 2012.
- HUBBARD, Phil; KITCHIN, Rob. **Key Thinkers on Space and Place**. Londres: Sage, 2004.
- INGRAM, Gordon Brent (Ed.). **Queers in space: Communities, public places, sites of resistance**. Seattle, Bay Press, 1994.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de Maria Estela Helder Cavalheiro. São Paulo: Martins Fontes,
- JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana Dultra (org.). **Corpocidade: debates, ações e articulações**. Salvador: Editora UFBA, 2009.
- JACQUES, Paola Berenstein. **A estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Helio Oiticica**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.
- JAGOSE, Anna Marie. **Queer Theory: an introduction**. Melbourne: Melbourne University Press, 1996.
- JOHNSTON, Lynda. LONGHURST, Robyn. **Space, place and sex: geographies of sexualities**. Lanham: Roman & Littlefield Publishers, 2010.
- JONES, Paul: **The Sociology of Architecture**. Liverpool University Press, Liverpool, 2010.
- LAUMANN, Edward O. ELLINGSON, Stephen. MAHAY, Jenna. PAIK, Anthony. YOUM, Yosik. **The sexual organization of the city**. Chicago: Chicago University Press, 2004.
- LEACH, Neil (Ed.). **Rethinking Architecture: a reader in cultural theory**. Nova York: Routledge, 1997.
- LEAP, William L. (Ed.). **Public sex, gay space**. Nova York: Columbia University Press, 1999
- LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e da modernidade**. Tradução Fábio Santos Creder Lopes. Petrópolis: Vozes, 1990.
- LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space**. Oxford: Blackwell, 1991
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitao... {et al.}Campinas: Unicamp, 1990.
- LEITE, Rui Moreira (curadoria e texto). **Flávio de Carvalho**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2010
- LEWIN, Ellen; LEAP, William L. (ed.). **Out in theory: the emergence of lesbian and gay anthropology**. Chicago: University of Illinois Press, 2002.
- LOPES, Denilson. **O Homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

- MASSEY, Doreen: **Space, place and gender**. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1994.
- NESBITT, Kate: **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995**. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012
- MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**. Trad. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- MASSEY, Doreen. **Space, place and gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MORTIMER-SANDILANDS, Catriona; ERICKSON, Bruce. **Queer ecologies: sex, nature, politics, desire**. Bloomington: Indiana University Press. 2010.
- MUÑOZ, José Esteban Muñoz. **Cruising Utopia: the then and there of a queer futurity**. Nova York: New York University Press, 2009
- NETO, Coelho. **A Capital Federal**. Porto: Lello, 1929
- PAGLIA, Camille. **Sexo, arte e cultura Americana**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: arquitetura e os sentidos**. Trad. Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Booksman, 2001
- PARKER, Richard. **Beneath the Equator: Cultures of desire, male homosexuality and emerging gay communities in Brazil**. Nova York: Routledge, 1999.
- PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê: A prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Perseu Abramo, 1987
- PILE, Steve. **The body and the city: psychoanalysis, space and subjectivity**. Nova York: Routledge, 1996.
- PILE, Steve; KEITH, Michael. **Geographies of resistance**. Nova York: Routledge, 1997.
- PRECIADO, Beatriz. **Pornotopia: arquitectura y sexualidad em “Playboy” durante la guerra fria**. Madrid: Anagrama, 2010.
- PRECIADO, Beatriz. **Manifiesto contrasexual**. Barcelona: Anagrama, 2011.
- PULS, Mauricio. **Arquitetura e filosofia**. São Paulo: Annablume, 2006.
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- REED, Christopher (Ed.). **Not at home: the supression of domesticity in modern art and architecture**. Londres: Thames & Hudson. 1996

REEVES, Dory. **Planning for diversity: policy and planning in a world of difference.** Nova York: Routledge, 2005.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: As minorias na Idade Média.** Tradução de Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1993

RENDEL, Jane. PENNER, Barbara. BORDEN, Iain. **Gender, space, architecture: an interdisciplinary introduction.** Nova York: Routledge, 2000.

RICCO, John Paul. **The logic of the Lure.** Chicago: Chicago University Press, 2002.

RIO, João do. **A Alma encantadora das ruas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997

RISERIO, Antonio. **A cidade no Brasil.** São Paulo: Editora 34, 2012.

SANDERS, Joel. **Stud: architectures of masculinity.** Nova York: Princeton Architectural Press, 1996.

SANDERCOCK, Leonie (ed). **Making the invisible visible: a multicultural planning history.** Berkeley: University of California Press, 1998.

SENNET, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental.** Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Bestbolso, 1994.

SEIGEL, Jerrold. **Paris boêmia- cultura, política e os limites da vida burguesa: 1830-1930.** Trad. Magda Lopes. Porto Alegre: L&PM, 1992.

SERPA, Angelo. **O Espaço Público na cidade contemporânea.** São Paulo: Contexto, 2007

SIDES, Josh. **Erotic city: sexual revolutions and the making of modern San Francisco.** Nova York: Oxford University Press, 2009.

SILVA, Joseli Maria (org.). **Geografias subversivas: discurso sobre espaço, gênero e sexualidade.** Ponta Grossa: Toda palavra, 2009.

SMITH, Neil. **New Urban Frontier: gentrification and the revanchist city.** Nova York, Routledge, 1996.

SPARGO, Tamsim. **Foucault e a Teoria Queer.** Trad. Wladimir Freire. Juiz de Fora: Pazulin, 2006.

STEVENS, Garry. **O círculo privilegiado: fundamentos sociais da distinção arquitetônica.** Trad. Lenise Garcia Corrêa Barbosa. Brasília: Editora UnB, 2003.

SULLIVAN, Nikki. **A critical introduction to queer theory.** Nova York: New York University Press, 2003.

TALLEN, Emily. **Design for diversity: exploring socially mixed neighborhoods.** Burlington: Architectural Press, 2008.

TONKISS, Fran. **Space, the city and social theory: social relations and urban form.** Cambridge: Polity Press, 2005



TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

VALE Alexandre Fleming Câmara. “**No escurinho do cinema: cenas de um público implícito**”. Fortaleza: Expressão, 2012.

VIDLER, Anthony. **The Architectural uncanny: Essays in the modern unhomely**. Cambridge: MIT Press, 1992

ZIZEK, Slavoj. **Living the End of the Times**. Nova York: Verso, 2010.

WALLENSTEIN, Sven-Olov. **Biopolitics and the emergence of modern architecture**. Nova York: Princeton University Press, 2008

WAISMAN, Marina. **La estructura histórica del entorno**. Buenos Aires: Nueva Vision, 1977

WARNER, Michael. **Fear of a queer planet**. Minneapolis: University of Minneapolis Press, 1991

### **Artigos:**

ALMEIDA, Miguel Vale de. **A Teoria Queer e a contestação da categoria gênero**. In CASCAIS, Antonio Fernando (org.). **Indisciplinar a Teoria: estudos gays, lésbicos e queer**. Lisboa: Fenda, 2004. P. 91-98.

BARTHES, Roland. **Semiology and the urban**. In. LEACH, Neil. **Rethinking Architecture: a reader in cultural theory**. Nova York: Routledge, 1997. P. 171

BERLANT, Lauren. WARNER, Michael. “**Sex in public**”. Chicago: Critical Inquiry, vol.24 no. 2, 1998, pgs. 547-566.

BÉRUBÉ, Allan. **The History of Gay Bathhouses**. In. **Journal of Homosexuality**, 2003, 44: 3, P. 33 — 53

BINNIE, Jon Binnie. **Erotic possibilities of the city**. In BELL, David ... {et al.}. **Pleasure Zones: bodies, cities, spaces**. Nova York: Syracuse University Press, 2001, p 108

BLIDON, Marianne; ROUX, Sebastien. **L'ordre sexuel du monde**. In. **L'espace politique**. Disponível em <<http://espacepolitique.revues.org/index1811.html>>

BLIDON, Marianne. **La casuistique du baiser: L'espace public, un espace hétéronormatif**. Disponível em <<http://echogeo.revues.org/5383> ; DOI : 10.4000/echogeo.5383>

BRESCIANI, Maria Stella. **As sete portas da cidade**. In. **Espaço & Debates. Dossiê Cidades e História**. São Paulo: NERU, ano XI, n.34, 1991.

CAMPOFIORITO, Italo. **As escalas de Brasília**. In. XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio. **Brasília: Antologia Crítica**. São Paulo: Cosac Naify, 2012. P. 288

CARVALHO, Flávio de. **Uma tese curiosa – A cidade do homem nu**. In. LEITE, Rui Moreira (curadoria e texto). **Flávio de Carvalho**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2010. P. 71

- CARVALHO, Flávio de. **Flávio de Carvalho por ele mesmo** In. LEITE, Rui Moreira (curadoria e texto). **Flávio de Carvalho**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2010. P. 35
- CARVALHO, Flávio de. **A máquina e a casa do homem no século XX**. In. LEITE, Rui Moreira. Op. Cit. P. 77
- CHAUNCEY, George. **Privacy could only be had in public: gay uses of the streets**. In. SANDERS, Joel. **Stud: architectures of masculinity**. Nova York: Princeton Architectural Press, 1996. P. 224-225
- CHAUÍ, Marilena. **Notas sobre Utopia**. In. **Ciência e Cultura**. Vol.60. São Paulo, julho, 2008.
- CORBISIER, Roland. **Brasília e do desenvolvimento nacional**. In. XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio. Op. Cit. P. 74-75
- D'EMILIO, Jonh. **Capitalism and gay identity**. In. ABELOVE, Guy (Ed.). **The Lesbian and Gay studies reader**. Nova York: Routledge, 1993. P. 467-476
- DESERT, Jean Ulrich. **Queer space**. In INGRAM, Gordon Brent; BOUTHILLETTE, Anne-Marie; RETTER, Yolanda (Eds.). **Queers in Space: communities, public places, sites of resistance**. Seattle: Bay Press, 1997. P. 22
- ENGEL, Magali. **História e Sexualidade**. In. FLAMARION, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997, pp. 297-311
- EDELMAN, Lee. **Men's room**. In. SANDERS, Joel. **Stud: architectures of masculinity**. Nova York: Princeton Architectural Press, 1996. P. 152-161
- FARIAS Jose Almir. **Prática Urbanística e Diversidade Sexual**. In **Revista Advir**, julho de 2012, P. 100 – 112
- FOUCAULT, Michel. **De outros espaços**. In: *Architecture, Mouvement, Continuité*, n5, Paris, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **A Escrita de si**. In. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. P 129-160
- FOUCAULT, Michel. **Space, power and knowledge**. In. DURING, Simon. **Cultural Studies Reader**. Nova York, Routledge, 1999. P.140
- GUIMARAES SILVA, Jane Quintiliano. **O memorial no espaço da formação acadêmica**. In *Perspectiva*, Florianópolis, v.28, n.2, 601-624, jul./dez. 2010. P. 616
- HALPERIN, David Halperin. **The normalization of Queer Theory**. In. **Journal of Homosexuality**. Vol. 45. No, 2. P 340
- HENDLER, Sue; BACKS, Michael. **Querying Planning (Theory)**. In. DOAN, Petra L. **Querying Planning: Challenging heteronormative assumptios and reframing planning practice**. Ashgate: Farham, 2011. P.83-87
- HEYNE, Hilden; WRIGHT, Gwendolyn. **Introduction: shifting paradigms and concerns**. In. **The SAGE handbook of architectural theory**. CRYSLER, C. Greig; CAIRNS, Stephen; HEYNEN, Hilde (Eds.). Londres: SAGE, 2012. Pg 53

- HUBBARD, Phil. **Planning for sex/work**. In DOAN, Petra L. **Queering Planning: Challenging heteronormative assumptions and reframing planning practice**. Ashgate: Farham, 2011. P.169
- HOLSTON, James. **Spaces of insurgent citizenship**. In SANDERCOCK, Leonie (Ed.). **Making the invisible visible**. Berkeley: University of California Press. P. 35-56
- GRAEFF, Edgar Albuquerque **A cidade como habitat**. In. XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio. **Brasília: Antologia Crítica**. São Paulo: Cosac Naify, 2012. P. 243
- GOLD, John R.: **Death of the Boulevard**. In. FYFE, Nicholas F. (ed.), **Images of the street: planning, identity and control in public space**. Nova York: Routledge, 1998. P.46
- GREGSON, Nicky; ROSE, Gillian. **Taking Butler elsewhere: performativities, spatialities and subjectivities**. In. Environment and Planning d: Society and Space. 2000. vol. 18. P. 441
- GROSZ, Elizabeth: **Bodies-Cities**. In. COLOMINA, Beatriz. **Sexuality and Space**. New Jersey: Princeton University School of Architecture, 1990. P.241-253
- HALPERIN, David. **How to do the history of male homosexuality**. In HALL et al (Ed.). **The Routledge Queer Studies Reader**. Nova York: Routledge, 2013. P 263
- HOLANDA, Frederico Rosa Borges de. **Brasília: da Carta de Atenas à Cidade de Muros**. Disponível em: < <http://www.docomomo.org.br/seminario%205%20pdfs/054R.pdf>
- HOLLISTER, Jonh. **A highway rest area as a reproducible site**. In. LEAP. William L. (Ed.). **Public sex, gay space**. Nova York: Columbia University Press, 1999. P 56-70
- HUMPHREYS, Laud. **Tearoom trade: impersonal sex in public places**. In. LEAP, William L. (Ed.). **Public sex, gay space**. Nova York: Columbia University Press, 1999. P. 29-54.
- INGRAM, Gordon Brent. **Queerscape Architectures: In search of the implications of queer theory for urban planning**. San Francisco Bay Area Chapter of Gays and Lesbian in Planning, 19 de Abril, 1998, Oakland.
- INGRAM Gordon Brent. **Ten arguments for a theory of queers in public space**. Conferência **Queer space: Sites of existence, sites of resistance**. International Lesbian and Gay Archives, University of Southern California, Los Angeles.1995.
- INGRAM, Gordon Brent. **Open space as strategic queer sites**. INGRAM, Gordon Brent; BOUTHILLETTE, Anne-Marie; RETTER, Yolanda (Eds.). **Queers in Space: communities, public places, sites of resistance**. Seattle: Bay Press, 1997. P. 95-125
- INGRAM, Gordon Brent. **Marginality and the landscapes of erotic alienations**. In INGRAM, Gordon Brent; BOUTHILLETTE, Anne-Marie; RETTER, Yolanda (Eds.). **Queers in Space: communities, public places, sites of resistance**. Seattle: Bay Press, 1997. P 39
- JACQUES, Paola Berenstein. **Corpografias urbanas: o corpo enquanto resistência**. In. RIBEIRO, Ana Clara Torres (org.). **Cadernos PPG-AU**, Ano 5, numero especial, 2007. Salvador: Editora UFBA. P 95-96.
- JEYANSINGHAM, Dharman. **Building heteronormativity: the social and material reconstruction of men's public toilets as spaces of heterosexuality**. In. **Social & Cultural Geography**, 11 (4). p. 307-325

KENNEY, Moira Rachel. **Remember, Stonewall was a riot.** In SANDERCOCK, Leonie (Ed.). **Making the invisible visible.** Berkeley: University of California Press. P. 121

KITCHIN, Rob. **Sexing the city: the sexual production of non-heterossexual space in Belfast, Manchester and San Francisco.** 2002, Carfax, City 6(2): 205-218.

KNOPP, Lawrence. **Sexuality and urban space.** In BELL, David; VALENTINE Gill. **Mapping Desire.** Nova York, Routledge, 1995, P. 152

KUSHNIR, Beatriz. **A Lapa e os filhos da revolução boêmia.** In: **Lapa do desterro e do desvario – uma antologia.** LUSTOSA, Isabel. Org. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2001, p.179.

LICO, Gerard Rey A. **Architecture and sexuality: the politics of gendered space.** Humanities Diliman, 2001, pg. 30

NUNES, Brasilmar Ferreira. **Elementos para uma sociologia dos espaços edificados em cidades: o “Conic” no Plano Piloto de Brasília.** In. **Cadernos Metr pole.** São Paulo, PUCSP. 2009.

MAIA, Francisco Prestes. **Mudancistas e Fiquistas.** In. XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio. **Brasília: Antologia Crítica.** São Paulo: Cosac Naify, 2012. P. 23-24

MCDONOUGH, Gray Wray. **Myth, space and virtue: bars, gender and change in Barcelona’s Barrio Chino** In. LOW, Setha M. Low; LAWRENCE-Z NIGA, Denise. **The anthropology of space and place.** Oxford: Blackwell, 2003. P. 265

OSWIN, Natalie. **Critical geographies and the uses of sexuality: deconstructing queer spaces.** In **Progress in Human Geography.** Fevereiro de 2008, volume 32. Número 1. P. 89

PAPAYANIS, Marilyn Adler. **Sex and the revanchist city: zoning out pornography in New York.** In. **Environment and Planning D: Society and Space,** 2000, volume 18, pg 341-353.

PESS A, José. **O tombamento de um centro histórico moderno.** In. XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio. Op. cit. P. 303

PETRINA, Alberto. **Uma inspira o latino-americana.** In. XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio. **Brasília: Antologia Crítica.** São Paulo: Cosac Naify, 2012. Pg. 351

PILE, Steve. **Memory and the City.** In CAMPBELL, Jan; HABBORD, Janet (Eds.). **Temporalities, autobiography and everyday life.** Manchester: Manchester University Press, 2002. P.111-127

PRECIADO, Beatriz. **Architecture as a Practice of Biopolitical Disobedience.** In. Log. N.25, 2012

PRECIADO, Beatriz. **Basura y g nero.** Disponível em  
<<https://sites.google.com/a/goumh.umh.es/arquitecturasdeldeseo/materiales-docentes>>

PRECIADO. Beatriz. **Mies-conception: La casa Fansworth y el misterio del armário transparente.** In. **Dossier.** P 26-32, 2005.

RABINOW, Paul. **Ordonnance, discipline, regulation**. In. LOW, Setha M. Low; LAWRENCE-ZÚÑIGA, Denise. **The anthropology of space and place**. Oxford: Blackwell, 2003. P. 353-362

RICH, Adrienne. “**Compulsory heterosexuality and lesbian existence**”. In. **Signs**. V.5, n.4, **Women, Sex and Sexuality**, 1980, P. 631-630

RUBIN, Gayle S. **Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality**. In. VANCE, Carole (Ed.). **Pleasure and Danger**. Nova York: Routledge, 1994.

SILVA, Joseli. **A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade** in. SILVA, Joseli Maria (org.). **Geografias subversivas: discurso sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Toda palavra, 2009. p 142.

SMITHERAM, Jan. **Spatial Performativity/Spatial Performance**. In. **Architectural Theory Review**, 16:1, p 55-69

URBACH, Henry. **Closets, Clothes, disclosure**. In. RENDEL, Jane; PENNER, Barbara; BORDEN, Iain. **Gender, space, architecture: an interdisciplinary introduction**. Nova York: Routledge, 2000. P. 342-352

VAINER, Carlos B.: **Utopias urbanas e o desafio democrático**. In. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 105, p. 25-31, jul./dez. 2003. P. 27

WARNER, Michael; BERLANT, Lauren. **Sex in Public**. In. **Critical Inquiry**. Vol. 24. No. 2, 1998. P 547

WARNER, Michael; BERLANT, Lauren. **What does queer theory teach us about x?**. In. **PMLA: Publications of the Modern Language Association of America**. Vol 110. No.3. Pg. 344.

WARNER, Michael in JAGOSE, Annamarie Jagose. **Queer World Making: Annamarie Jagose Interviews Michael Warner**. **Genders**, 31,2000. P. 30

WIGLEY, Mark. **Untitled: the housing of gender** .In COLOMINA, Beatriz (ed.) “**Sexuality and space**”. Nova York: Princeton Architectural Press, 1992. P. 328

Dissertações e teses:

CARPINTERO, Antonio. **Brasília: prática e teoria urbanística no Brasil, 1956-1998**. Tese (Doutorado). São Paulo: FAU-USP, 1998. P. 167

CARLUCCI, Marcelo. **As casas de Lúcio Costa**. Dissertação. Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2005. P.3

CASTELO, Luis Felipe de Montenegro. **Fissuras urbanas**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de Brasília, Brasília, 2008. P. 43

MACDOWELL, Pedro de Lemos: **O espaço degenerado: ensaio sobre o lugar travesti na cidade modernista**. 2011. 99 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

QUEIROZ, Cristina Monteiro de: **Estigmas, guetos e gentrificação: a segregação homossexual em Brasília**. 2008. Dissertação. Departamento de Sociologia, UnB. 2008

SOUZA, Gabriela Araújo Menezes de. **Conic: Recuperação e integração com o centro urbano de Brasília**. 2 vol. Projeto de Diplomação. Faculdade de Arquitetura. Universidade de Brasília. 1993